



PLAN TERR



**Universidade Estadual de Feira de Santana
Departamento de Ciências Humanas e Filosofia
Programa de Pós-Graduação em Planejamento Territorial
Mestrado Profissional – PLAN TERR**

LEIDIANE EVANGELISTA ALVES CARNEIRO

**USOS E APROPRIAÇÕES DAS PRAÇAS PÚBLICAS EM CIDADES
MÉDIAS: REFLEXÕES SOBRE FEIRA DE SANTANA**



Feira de Santana/BA
2022

LEIDIANE EVANGELISTA ALVES CARNEIRO

**USOS E APROPRIAÇÕES DAS PRAÇAS PÚBLICAS EM CIDADES
MÉDIAS: REFLEXÕES SOBRE FEIRA DE SANTANA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Planejamento Territorial (PLANTERR), em nível de Mestrado Profissional, como requisito obrigatório para a obtenção do grau de Mestre em Planejamento Territorial pela Universidade Estadual de Feira de Santana.

Orientador: Prof. Dr. Janio Santos

Feira de Santana/BA
2022

Ficha Catalográfica – Biblioteca Central Julieta Carteado

C287u Carneiro, Leidiane Evangelista Alves

Usos e apropriações das praças públicas em cidades médias:
reflexões sobre Feira de Santana / Leidiane Evangelista Alves
Carneiro, 2022.

180p.: il.

Orientador: Janio Santos

Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Feira de Santana-
UEFS, Programa de Pós-Graduação em Planejamento Territorial, 2022.

1. Espaço público - Uso - Apropriação. 2. Praças públicas. 2. Praça
do Cruzeirozinho – Feira de Santana (BA). 3. Santos, Janio, orient. II.
Universidade Estadual de Feira de Santana. III. Título.

CDU: 71

LEIDIANE EVANGELISTA ALVES CARNEIRO

**USOS E APROPRIAÇÕES DAS PRAÇAS PÚBLICAS EM CIDADES MÉDIAS:
REFLEXÕES SOBRE FEIRA DE SANTANA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Planejamento Territorial (PLANTERR) da Universidade Estadual de Feira de Santana como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de mestre em Planejamento Territorial.

Aprovada em 04 de abril de 2022.

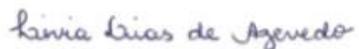
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Janio Laurentino de Jesus Santos – Orientador
Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS



Prof. Dr. Janio Roque Barros de Castro
Universidade do Estado da Bahia – UNEB



Prof. Dr. Livia Dias de Azevedo
Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS

Dedico este trabalho à Deus, aos meus pais Rita Carneiro e Lindolfo Carneiro, que sempre me apoiaram, e ao professor Janio Santos pela parceria.

AGRADECIMENTOS

Mais um ciclo de estudo está sendo concluído, um caminho que demonstrou que, apesar das angústias, diversos sentimentos e as dificuldades, devemos ter persistência, perseverança e não desistir do que se propõe a fazer. Contudo, no final, estou feliz, orgulhosa por ter alcançado o objetivo proposto, pela a trajetória percorrida de grande aprendizagem para a vida educacional e pessoal e pelos os desafios vencidos.

Durante esta caminhada tiveram muitas pessoas importantes na minha vida que seguiram junto comigo. Primeiramente, quero agradecer a Deus por ter me dado sabedoria, calma no momento das leituras e compreensão dos textos e da escrita, além de força para vencer o cansaço diário.

Ao meus pais, Rita Carneiro e Lindolfo Carneiro, que sempre demonstraram que o estudo é a melhor riqueza e única coisa que ninguém retira de você, e que através dele conseguimos conquistar os nossos sonhos. Agradeço por estarem junto comigo nos momentos de choro, franqueza, luta e vitórias, pela participação ativa no processo de construção desse trabalho e a paciência por irem junto comigo ao *loco* da pesquisa. Quero dizer que sou abençoada de terem pais parceiros e amigos. Dedico este trabalho a vocês.

Ao meu orientador, professor Dr. Janio Santos, pela parceira, aprendizado, compreensão ao longo desses anos, desde a monografia. Quero ressaltar que o senhor é um profissional maravilhoso, dedicado, organizado, que tem amor pela a sua profissão de educador e por compartilhar com todos os seus educandos o conhecimento e diante da minhas dificuldades, com o seu jeito objetivo e de me tranquilizar. Muito obrigada! Esta conquista é nossa!

Ao membros da banca examinadora, os professores Dr. Angelo Szaniecki Perret Serpa; Dr. Janio Roque Barros de Castro e a Dra. Livia Dias de Azevedo pela disponibilidade de avaliar o meu trabalho, atenção, cuidado, além das sugestões que ajudaram muito na construção. Muito obrigada a todos os mestres!

Aos moradores que residem próximo das Praças do Cruzeiro, Petrolínio Pinto Cunha e Santa Mônica, que, apesar da sensação de medo de expor suas opiniões por pensarem que seria membro da Prefeitura, me receberam e relataram as suas vidas, inquietações e sugestões, que contribuíram para entender como as praças supracitadas estão sendo utilizadas, além dos feirenses que moram em bairros distintos que participaram da pesquisa de opinião. Só tenho agradecer pela confiança, paciência e disponibilidade.

Agradeço aos representantes do Departamento de Manutenção de Áreas Verdes, da Secretaria Municipal de Planejamento e o servidor do Arquivo Público Municipal pela

disponibilidade de atendimento e das informações fornecidas.

Aos meus amigos da Turma 07 denominada carinhosamente como “Francisco Bonetti”, que a UEFS e o Planter me proporcionou a rever, conhecer e conviver com pessoas maravilhosas, companheiras, que, nos momentos de dificuldades, ajudavam uns aos outros, pela união e o laço de amizade que construímos desde o primeiro dia de aula. Quero dizer que foi um prazer conhecer e vivenciar com vocês esta conquista.

Por fim, o meu sentimento é de gratidão a todos que contribuíram para esta nova conquista educacional na minha vida e dizer que apesar dos obstáculos conseguir realizar mais um sonho.

*O que importa na vida não é ponto de partida, mas a caminhada.
Caminhando e semeando, no fim terás o que colher.*
(CORA CORALINA)

RESUMO

Debates sobre espaços públicos são relevantes tanto no contexto acadêmico quanto no âmbito do planejamento e gestão, pois permitem identificar e compreender a configuração da cidade. O presente trabalho fundamentou-se no estudo das praças públicas em Feira de Santana, tendo como objeto a Praça do Cruzeirozinho, Petrolínio Pinto Cunha e Santa Mônica, o que proporcionou investigar como elas estão sendo utilizadas e os fatores que contribuíram para o uso e/ou desuso. Nesse contexto, objetivou analisar as formas de usos e apropriações das praças públicas em cidades médias por grupos sociais distintos, bem como o ambiente e os processos que contribuem para fortalecer o uso na busca por entender a relação (ou não) da população com esses espaços. A pesquisa utilizou como meios metodológicos os levantamentos bibliográficos e documentais; observações diretas, na qual foi realizado registro fotográfico; entrevistas semiestruturadas com os representantes do Departamento de Manutenção de Áreas Verdes, e com os moradores jovens, adultos, idosos e com condições de necessidades especiais, que residem próximo aos lócus de estudo; e uma pesquisa de opinião, através de enquete que foi disponibilizadas nas redes sociais. A pesquisa constatou que as praças supracitadas, apesar das inquietações dos moradores sobre a falta da ação pública em promover melhorias e os atos de violência, são utilizadas pela população. Também, que há resistência, pois apesar das insatisfações, as praças são opções de uso e espaços de lutas e expressões culturais.

Palavras chave: Espaço público; Espaço urbano; Praças públicas; Uso; Apropriação.

ABSTACT

Debates about public spaces are relevant both in the academic context and in the scope of planning and management, since they allow us to identify and understand the configuration of the city. The present work was based on the study of public squares in Feira de Santana, having as its object the Praça do Cruzeiroinho, Petrolínio Pinto Cunha and Santa Monica squares, which enabled the investigation of how they are being used and the factors that contributed to their use and/or disuse. In this context, it aimed to analyze the forms of uses and appropriations of public squares in medium-sized cities by different social groups, as well as the environment and the processes that contribute to strengthen the use in the search for understanding the relationship (or not) of the population with these spaces. The research used as methodological means the bibliographic and documental surveys; direct observations, in which photographic records were taken; semi-structured interviews with representatives of the Green Areas Maintenance Department, and with young, adult, elderly and disabled residents who live near the study locus; and an opinion poll, through a survey that was made available on social networks. The research found that the above-mentioned squares, despite the concerns of the residents about the lack of public action to promote improvements and acts of violence, are used by the population. Also, that there is resistance, because despite the dissatisfactions, the squares are options for use and spaces for struggles and cultural expressions.

Keywords: Public place; Urban space; Public squares; Use; Appropriation.

LISTAS DE ILUSTRAÇÕES

Lista de Fotos

Foto 1: Igreja da Matriz com a praça e o coreto, Feira de Santana, S/D.	50
Foto 2: Estação Ferroviário onde já foi a Praça Presidente Médici, Feira de Santana, S/D.	50
Foto 3: Praça do Comércio estacionamentos de animais e marinetes, Feira de Santana, S/D.	51
Foto 4: Praça no bairro Conceição próximo ao Condomínio Ville do Programa Minha Casa Minha Vida, Feira de Santana, 2020.	57
Foto 5: Espaço da Praça dos Ex-Combatentes, Feira de Santana, 2017.	60
Foto 6: Espaço da Praça do Cruzeiroinho, Feira de Santana, 2021.	71
Foto 7: Espaço da Praça da Santa Mônica, Feira de Santana, 2021.	72
Foto 8: Espaço da Praça Petronílio Pinto Cunha, Feira de Santana, 2021.	73
Foto 9: Os equipamentos públicos presentes na Praça da Santa Mônica, Feira de Santana, 2020.	78
Foto 10: Os equipamentos públicos presentes na Praça do Cruzeiroinho, Feira de Santana, 2020.	80
Foto 11: Os equipamentos públicos presentes na Praça Petronílio Pinto Cunha, Feira de Santana, 2021.	82
Foto 12: Balanço do Parque infantil danificado na Praça Petrolínio Pinto Cunha, Feira de Santana, 2020.	94
Foto 13: Calçada danificada na Praça Petrolínio Pinto Cunha, Feira de Santana, 2020.	98
Foto 14: Evento Pré-Micaresteco Lavagem da Queimadinha, Bairro Queimadinha em Feira de Santana, 2016.	103
Foto 15: <i>Trailer</i> presente na Praça do Cruzeiroinho, Feira de Santana, 2020.	104
Foto 16: Barraca de caldo de cana-de-açúcar e pastel presente na Praça do Cruzeiroinho, Feira de Santana, 2020.	105
Foto 17: Estação de Transbordo do BRT em frente da Praça Petrolínio Pinto Cunha, Feira de Santana, 2021.	109
Foto 18: Jardim da Praça do Cruzeiroinho, Feira de Santana, 2020.	120
Foto 19: Espaço da Praça Petrolínio Pinto Cunha com folhagem, Feira de Santana, 2020	122
Foto 20: Depósito de lixo próximo a Estação de Transbordo BRT e em frente a Praça Praça Petrolínio Pinto Cunha, Feira de Santana, 2020.	122
Foto 21: Arborização presente na Praça da Santa Mônica, Feira de Santana, 2020.	123
Foto 22: Mototaxistas presente na Praça do Cruzeiroinho, Feira de Santana, 2020.	128
Foto 23: Moradores sentados nos bancos da Praça do Cruzeiroinho, Feira de Santana, 2021.	128
Foto 24: Encontro de moradores antigos e idosos na Praça Petrolínio Pinto Cunha, Feira de Santana, 2021.	130
Foto 25: Criança brincando no parque infantil na Praça Petrolínio Pinto Cunha, Feira de Santana, 2020.	131
Foto 26: Criança jogando futebol na área da Praça Petrolínio Pinto Cunha, Feira de Santana, 2020.	131

Foto 27: Quiosques em funcionamento na Praça Petrolínio Pinto Cunha, Feira de Santana, 2021	132
Foto 28: Amostra de rituais religiosos na Praça Petrolínio Pinto Cunha, Feira de Santana, 2020.	133
Foto 29: Barraca de comercialização de verduras na Praça Petrolínio Pinto Cunha, Feira de Santana, 2020	133

Lista de gráficos

Gráfico 1: Importância das praças públicas de Feira de Santana – Bahia, 2020-2021	88
--	----

Lista de mapas

Mapa 1: Localização do Território de Identidade Portal do Sertão.	47
Mapa 2: Espacialização das praças públicas de Feira de Santana por bairros, 2021.	59
Mapa 3: Localização das Praças do Cruzeiroinho, Santa Mônica e Praça Petronílio Pinto Cunha e os seus respectivos bairros, Feira de Santana, 2020.	70
Mapa 4: Renda média da população por bairro, Feira de Santana, 2010.	84
Mapa 5: Usos urbanos da Praça do Cruzeiroinho, Feira de Santana – Ba, 2021	101
Mapa 6: Percursos dos moradores entrevistados na praça do Cruzeiroinho, Feira de Santana – Ba, 2021.	107
Mapa 7: Usos urbanos da Petrolínio Pinto Cunha, Feira de Santana – Ba, 2021.	108
Mapa 8: Percursos dos moradores entrevistados na praça do Petrolínio Pinto Cunha, Feira de Santana – Ba, 2021.	111
Mapa 9: Usos urbanos da praça Santa Mônica, Feira de Santana – Ba, 2021.	112
Mapa 10: Percursos dos moradores entrevistados na Praça Santa Mônica Cunha, Feira de Santana – Ba, 2021.	113

Lista de fluxogramas

Fluxograma 1: Aspectos favoráveis atribuídos as praças de Feira de Santana pelos os moradores das Praças do Cruzeiroinho, Santa Mônica e Petrolínio Pinto Cunha, 2021.	92
Fluxograma 2: Aspectos desfavoráveis atribuídos as praças de Feira de Santana pelos os moradores das Praças do Cruzeiroinho, Santa Mônica e Petrolínio Pinto Cunha, 2021.	95
Fluxograma 3: Opiniões dos feirenses sobre o que buscam ao fazer uso das praças, Feira de Santana, 2021.	126

LISTAS DE TABELAS E QUADROS

Lista de tabelas

- Tabela 1:** População Total, Urbana, Rural, Taxa de Urbanização – Por década, Feira de Santana – BA – 1940/2010. 48
- Tabela 2:** Taxa de Crescimento Geométrico da População Urbana e Rural – Por década, Feira de Santana- BA – 1940/2010. 54
- Tabela 3:** População Total, Densidade demográfica, Taxa de crescimento geométrico e área dos bairros Queimadinha, Santa Mônica e Pampalona, Feira de Santana – BA, 2010. 74

Listas de quadro

- Quadro 1:** Conjuntos de proposições das praças do Cruzeiroinho, Santa Mônica e Petrolínio Pinto Cunha. 142

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CIS: Centro Industrial Subáe

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

PDDU: Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano

PDLI: Plano Diretor Local Integrado

PcD: Pessoas com Deficiências

PIB: Produto Interno Bruto

PNE: Portadores de Necessidades Especiais

REGIC: Regiões de Influência das Cidades

SEPLAN: Secretaria Municipal de Planejamento de Feira de Santana

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	17
2. FEIRA DE SANTANA E AS PRAÇAS PÚBLICAS EM CIDADES MÉDIAS	27
2.1. ASPECTOS TÉORICOS SOBRE ESPAÇO E PRAÇAS PÚBLICAS	27
2.2. CIDADE MÉDIA E O PAPEL DAS PRAÇAS PÚBLICAS	39
2.3. PRAÇAS PÚBLICAS EM FEIRA DE SANTANA: CARACTERIZAÇÃO E ESPACIALIZAÇÃO	46
3. USO E APROPRIAÇÃO DAS PRAÇAS PÚBLICAS EM CIDADES MÉDIAS: A TRAJETÓRIA DE TRÊS PRAÇAS PÚBLICAS EM FEIRA DE SANTANA.....	64
3.1. USO E APROPRIAÇÃO NOS ESPAÇOS PÚBLICOS: UM BREVE DEBATE TÉORICO	64
3.2. FORMAÇÃO E AS CONDIÇÕES ESTRUTURAIS DAS PRAÇAS CRUZEIRINHO, PETRONÍLIO PINTO CUNHA E SANTA MÔNICA.....	69
4. PRAÇAS PÚBLICAS EM FEIRA DE SANTANA: INTERAÇÃO, CONVÍVIO, CARÊNCIA E RESISTÊNCIA	86
4.1. IMPORTÂNCIA DE UMA PRAÇA PÚBLICA NUMA CIDADE MÉDIA COMO FEIRA DE SANTANA.	87
4.2. DINÂMICA SOCIOESPACIAL DAS PRAÇAS ESTUDADAS	100
4.3. AÇÃO PÚBLICA PARA O USO NAS PRAÇAS.....	114
4.4. USOS, DESUSOS E RESISTÊNCIAS NAS PRAÇAS DE FEIRA DE SANTANA	125
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	139
REFERÊNCIAS	145
APÊNDICE A: ROTEIRO DE ENTREVISTA COM O MORADOR	153
APÊNDICE B: ROTEIRO DE ENTREVISTA COM O PODER PÚBLICO.....	155
APÊNDICE C: ROTEIRO DE ENTREVISTA COM O MORADOR ANTIGO	156
APÊNDICE D: MODELO DE FORMULÁRIO ONLINE	157
APÊNDICE E: FICHA DE DESCRIÇÃO DA PRAÇA DO CRUZEIRINHO	159
APÊNDICE F: FICHA DE DESCRIÇÃO DA PRAÇA DA SANTA MÔNICA.....	160
APÊNDICE G: FICHA DE DESCRIÇÃO DA PRAÇA PETROLÍNIO PINTO CUNHA	161
APÊNDICE H: TABELA DAS PRAÇAS IDENTIFICADAS E NÃO IDENTIFICADAS, FEIRA DE SANTANA, 2021.....	162
APÊNDICE I: LISTA DOS BAIRROS DOS MORADORES QUE PARTICIPARAM	

DA PESQUISA DE OPINIÃO, FEIRA DE SANTANA, 2021	168
APÊNDICE J: MODELO DO TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)	169
APÊNDICE K: MODELO DO TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) (Responsáveis)	170
APÊNDICE L: MODELO DO TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)	171
APÊNDICE M: DECLARAÇÃO PARA JUSTIFICAR A AUSÊNCIA DA SOLICITAÇÃO EMITIDA NO ÚTIMO PARECER Nº 4.906.911 NO CEP.	172
APÊNDICE N: PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP - APROVAÇÃO.....	173

1. INTRODUÇÃO

As praças são espaços de uso coletivo, multifuncionais, abertos, onde a população pode frequentar e se relacionar com outras pessoas, o que lhe proporciona convivência, recreação e relação social. Correspodem a espaços que deveriam ser de uso de todos, presentes nos centros e nas periferias urbanas, delimitados pelo poder público, onde estão inseridos equipamentos coletivos que os caracterizam. Em alguns casos, deveriam transmitir tranquilidade e sensação de bem-estar, o que nem sempre ocorre.

A praça é o espaço de encontro, reunião entre as pessoas, fazem parte dos centros e periferias das metrópoles, cidades médias e pequenas. Diante disso, Lamas (2004, p.102) afirma que praça é “[...] o lugar intencional do encontro, da permanência, dos acontecimentos, de práticas sociais, de manifestações de vida urbana e comunitária e de prestígio, e, conseqüentemente, de funções estruturantes e arquiteturas significativas”, consiste de ambiente aberto, sem ‘muros’ e ‘grades’, de memória, representatividade e simbolismo, na qual apresenta o acontecimento da vida cotidiana através das diversas formas de usos, onde se desenvolve a vida social por meio das vivências, cujos cidadãos podem se expressar, manifestar seus ideais, até mesmo espaço de moradia de pessoas em situação de rua.

As praças públicas, principalmente as situadas em áreas centrais, onde em seu entorno encontram-se estabelecimentos comerciais, observam-se mudanças com relação ao uso para ceder lugar para outras funções, como, por exemplo, estacionamentos de veículos. Outro fator que favorece a negação dos usos das praças públicas é a construção de empreendimentos imobiliários, sobretudo os de classe média alta, os quais oferecem dentro dos condomínios espaços de recreações privados, *playground*, praças de lazer exclusivas são oferecidos para os moradores. Essas situações são decorrentes em todas as cidades, especialmente as médias e grandes, visto que elas atraem novos empreendimentos, com a participação incessiva do capital comercial e imobiliário, que busca obter lucro com a reprodução da produção, a expansão urbana e a ilusão de segurança.

Nas praças públicas de algumas cidades médias, como Feira de Santana, revela-se apenas a preocupação, por parte dos governantes municipais, construir ou reformar as estruturas físicas; portanto, a forma é mais relevante, sem atribuir ação efetiva, como manutenção contínua e investimento público, com o intuito de trazer a sensação de segurança que favoreçam o uso e à apropriação pela população que reside ao seu entorno

e/ou cidade. Isso, para que se tenham praças voltadas ao encontro, conversa, namoro, atividades físicas, com aulas públicas; enfim, para exercer o direito ao ócio, descanso do trabalho ou de atividades domésticas, favorecer o relaxamento. Além disso, como expressões de ideias, manifestações ou trabalho, a partir do momento que as utilizam também para comercialização de produtos, por exemplo.

Em Feira de Santana, as praças demonstram certo descaso, sobretudo pelo poder público municipal, porque, exceto em casos pontuais, com a promoção de melhorias na estrutura física, não há a dinamização através de ações comunitárias ao promover o convívio social, realização de eventos culturais que favoreçam um maior aproveitamento e circulação de pessoas e que estimule o uso da comunidade. Pensar na inserção de equipamento público é relevante, porém é importante analisar o perfil da população do entorno para definir quais aparatos devem ser inseridos, os tipos de públicos que atraem e as faixas etárias dos residentes do entorno. É possível destacar que a preocupação com as praças, não está atrelada apenas aos equipamentos públicos, infraestruturas, mas a outras questões, tais como a limpeza e a conservação da área verde.

Em Feira de Santana, algumas praças, tais como a Praça da Matriz, Bernardino Bahia e Fróes da Mota, retratam a representatividade histórica e simbólica através dos coretos e bustos e entre outros, que homenageiam feirenses, que fizeram parte da história da cidade. Todavia, apresentam em sua maioria bancos e jardins e, a depender da dimensão espacial, somente quadra poliesportiva. As localizadas nas áreas centrais ou pericentrais são consideradas mais antigas e têm um tratamento diferenciado em relação à manutenção, conservação, ou geralmente são ocupadas pelo comércio e por serviços, decorrentes da visibilidade proveniente da sua localização e a intensa circulação de pessoas. Em contrapartida, nas praças localizadas em áreas periféricas comumente não se tem a preocupação dos entes municipais em promover e manter a conservação, o que dificulta o uso e apropriação e isso reflete no tratamento desigual em relação às demais, que possuem uma manutenção mais contínua e visibilidade devido a maior circulação de pessoas ao longo do dia.

Ao longo do tempo, apesar dos projetos de requalificação, os quais não atenderam a todas as praças existentes na cidade de Feira de Santana, esses não foram tão significativos. As praças públicas atualmente apresentam problemas relacionados ao abandono, a falta de segurança, a escassez de limpeza urbana, a deficiência de opção de equipamentos que contemplem as crianças, jovens, adultos, idosos e Pessoas com Necessidades Especiais (PNE).

Com base nos argumentos acima, desenvolveu-se este trabalho, que tem como problema central refletir como as praças públicas das cidades médias são utilizadas e apropriadas pelos diversos sujeitos sociais, classes sociais e grupos especiais¹ enquanto espaços de convivência para pensar os processos que nelas ocorrem e se há fatores que contribuem para a negação desse uso, tendo um recorte em Feira de Santana, entendida como cidade média.

Os debates sobre espaços públicos são muito relevantes tanto no contexto acadêmico quanto no âmbito do planejamento e gestão, pois permitem identificar e compreender a configuração da cidade. No presente trabalho, objetivou-se analisar as formas de usos e apropriações das praças públicas em cidades médias por grupos sociais distintos, bem como o ambiente e os processos que contribuem para fortalecer o uso na busca por entender a relação (ou não) da população com esses espaços, tendo como recorte de três praças públicas de Feira de Santana: Cruzeirinho, Santa Mônica e Petronílio Pinto Cunha. Como objetivos específicos: analisar a configuração física atual das praças públicas em cidades médias, com o intuito de compreender sua formação, infraestrutura e estruturação; entender a dinâmica e a distribuição das praças públicas em cidades médias, com a observação dos seus usos e apropriações; identificar os fatores que proporcionaram o uso ou a negação desses espaços públicos perante a população; e conhecer as ações e as prováveis motivações que implicam no fato do poder público municipal promover (ou não) ações de lazer e transformações nas praças.

Partiu-se da hipótese de que as praças públicas das cidades médias atualmente estão sendo pouco utilizadas por alguns moradores, por ainda prevalecer a violência, o sentimento do medo de frequentá-las, a pouca atenção do poder público em promover melhorias nas infraestruturas físicas, dos equipamentos públicos, limpeza e manutenção da área verde, principalmente nas praças periféricas. Por outro lado, os moradores consideram que as praças promovem momentos de descontrações, socialização, realização de atividades físicas, eventos culturais alternativos (capoeira, dança, grafite, campeonatos).

Logo, pode-se ressaltar que, apesar de todas as questões relatadas anteriormente e que distanciam a população ao uso das praças, elas ainda resistem, para ser espaços “vivos”, a partir do momento que alguns sujeitos sociais a utilizam ao realizarem suas práticas cotidianas. Isso pode ser visto quando os moradores aproveitam o espaço com os seus filhos, por ser um espaço que está próximo a sua residência, para conversar com o

¹ Refere-se a Grupos especiais de indivíduos em condições de algumas necessidades especiais, sejam elas, motora, visual ou física, sendo temporária ou permanente e idosos.

vizinho no final da tarde, fazer uso do espaço para o trabalho, como taxistas, mototaxistas, moradores que comercializam produtos e entre outros. Portanto, as praças consistem em espaços de convivência, que ainda resistem, através do uso de alguns moradores em considerar um espaço agradável e utilizados.

As praças destinadas às classes de média e alta rendas são comumente pouco utilizadas, pois, em seu entorno, vários condomínios fechados oferecem espaços de recreação privados, isso para atender os sujeitos e grupos sociais distintos. Para os moradores os fatores que contribuem para negação do uso são a falta de infraestrutura física adequada, de segurança e a ausência de atividades recreativas estimuladas pelo poder público local, o que dificulta o uso e a apropriação do espaço público e faz com que a população procure outros espaços, em geral, de usos coletivos e privados.

O presente estudo investigará as praças da Santa Mônica², do Cruzeiro e a Petronílio Pinto Cunha, situadas nos bairros Santa Mônica, Queimadinha e do Pampalona, respectivamente. Esses bairros são também demarcados por uma população heterogênea, marcada por classes de rendas distintas e que apresentam características sociais e espaciais diversificadas. Com isso, este trabalho tem o intuito de compreender os processos e a dinâmica dessas praças, o que pode ou não promover o uso e apropriação.

A escolha desta temática partiu do fato que a gestão municipal de Feira de Santana, a partir de 2006, iniciou um projeto de construção e requalificação das praças públicas. Porém, no decorrer das intervenções, observou-se que em algumas praças há pouco uso e apropriação desses espaços como opção de lazer pelos moradores. Assim como as praças que estão inseridas em certos bairros sofreram e ainda sofrem transformações em relação a sua funcionalidade para atender a dinâmica urbana local e regional.

Estudar praças públicas é poder refletir sobre como estão configurados os centros e as periferias urbanas, os critérios atribuídos pelos órgãos públicos nas construções, analisar as dinâmicas socioespaciais, as distribuições e os fatores que fazem com que a população as utilizem (ou não), isso como forma de verificar se tais espaços atendem a todos. É importante para o planejamento e gestão da cidade estudar as praças públicas, pois isso contribui para pensar a espacialização e organização da infraestrutura urbana, visto que elas estão interligadas a outros espaços, sejam comerciais ou residenciais, e os caracterizam e referenciam. Por isso, a relevância de construir, valorizar e pensar tais espaços, baseada na função social que exercem no contexto urbano. Além disso, esses

² A Praça foi designada como Santa Mônica, pois a pesquisadora nomeou como referência o nome do bairro. É importante ressaltar que para a Departamento de Manutenção de Área Verde é nomeada pelo logradouro.

estudos proporcionam aproximações entre os usuários e frequentadores, através dos questionamentos, nos quais os mesmos expressam suas vontades, inquietações, diálogos, os quais o poder público quase sempre não realiza.

Foram encontrados diversos autores que estudaram sobre praça pública, tais como Robba e Macedo (2002), que estudam praças na contemporaneidade, os aspectos arquitetônicos, a evolução e o uso ao longo do tempo; Alex (2008), que define as praças como espaços de cidadania e democracia; Angelis (2015), ao abordar que as praças não são espaços aleatórios nas cidades, mas que estão interligadas com outros espaços; Lama (2004), ao ressaltar que as praças são lugar intencional de encontro e de diversas manifestações; e Caldeira (2007), que traz as praças como patrimônio histórico, cheio de culturas, saberes, locais de identidades.

Sobre cidade média, ao considerar um estudo muito amplo, pode-se destacar o trabalho desenvolvido por Costa (2006), o qual resalta que as cidades médias desempenham funções importantes na rede urbana; Sposito (2001, 2004, 2010), que resalta os caminhos que a definem, porém lembra que não se pode apenas considerar os parâmetros populacionais, mas as funções, o papel desempenhado e as intermediações com outras cidades; Pereira (2004), ao trazer que a cidade média tem importância diferenciada, desempenha papéis de suporte econômico, político e social; Costa (2007), que analisa a cidade média com base em três enfoques: o tamanho demográfico, funções urbanas e organização do espaço intra-urbano; e Santos (2011, 2012) resalta que a cidade média exerce a função de um centro regional, articuladas com diversos centros de decisões.

É importante frisar que durante o estado da arte foi constatada a predominância de estudos sobre praças públicas produzidas por arquitetos e urbanistas. Sobre praças públicas em Feira de Santana, foi encontrado o estudo de Gama (2017) sobre a Praça Bernardino Bahia, o qual teve o objetivo de analisar a ocupação e apropriação dos fotógrafos lambe-lambe; e a pesquisa de Carneiro (2018) sobre a Praça dos Ex-Combatentes, que teve o objetivo de investigar os elementos que contribuíram para o processo de desvalorização e a redução do uso dessa praça, enquanto espaço público.

Diante desse contexto, conhecer os teóricos que estudam a praça pública é um caminho para compreender a sua formação histórica, dimensões socioculturais e a funcionalidade. Sendo assim, neste trabalho é muito relevante a discussão sobre praça pública para que se possa compreender como as mesmas estão inseridas no contexto urbano e seus usos e apropriações por sujeitos e grupos sociais distintos.

Esta temática parte de um estudo das praças do Cruzeiroinho, Petronílio Pinto Cunha

e a Santa Mônica face os aspectos espaciais ao analisar a forma, a infraestrutura e o processo de construção que caracterizam as praças e os seus aspectos do cotidiano. Com base nas relações dos moradores através da rotina, o deslocamento diário, tendo em vista o uso e a apropriação, para evidenciar como as praças públicas das cidades médias são utilizadas e apropriadas, com recorte específico de Feira de Santana, por diversos sujeitos, grupos sociais, pessoas com limitações de mobilidade, necessidades especiais e idosos. Isso, para evidenciar os fatores, motivos do uso, a configuração atual, as principais ações promovidas (ou não) pelo poder público, no sentido de contribuir para verificar novas dinâmicas e funcionalidades das praças ou até mesmo dos moradores. O tipo de trabalho se classifica como uma abordagem qualitativa, pois se preocupa em aprofundar a compreensão em relação ao uso e apropriação das praças supracitadas, a fim de explicar como ocorre essa utilização ou a negação do uso por grupos distintos e as dinâmicas das relações sociais, para refletir as praças estudadas enquanto espaços de recreação.

Foi realizado um estudo comparativo das praças da Santa Mônica, a do Cruzeirozinho e a do Petronílio Pinto Cunha que consiste em investigar e explicar as semelhanças e diferenças entre as mesmas, com base no enfoque sobre o seu uso por diversos sujeitos e grupos sociais. Esse método permitiu comparar as três praças supracitadas em relação aos aspectos físicos e estruturais, a forma como esses espaços são constituídos, a dinâmica que cada uma possui, para verificar as prováveis similitudes e divergências e as vivências que os moradores têm com as mesmas. Essa comparação proporcionou embasamento para melhor compreender o uso ou a negação das praças enquanto opções de convivências, assim como identificar como a ação pública promove ou não melhorias, visto que são praças com realidades e públicos distintos.

A escolha pelo tipo de estudo foi decorrente as observações diretas feitas nas praças públicas de Feira de Santana, principalmente aquelas localizadas em bairros centrais, periféricos e de classe média à alta, assim como o trabalho monográfico produzido pela autora anteriormente (CARNEIRO, 2018) sobre a Praça dos Ex-Combatentes. E foi possível observar atualmente certo esvaziamento do seu uso e apropriação pela população, por inúmeros fatores. Ou, em alguns casos, o uso para o comércio informal de produtos e estacionamento, uma vez que a pesquisadora reside na supracitada cidade e observa as principais formas de uso e apropriação de algumas dessas praças.

Para alcançar os objetivos propostos, inicialmente, foi realizado um levantamento bibliográfico sobre as bases conceituais principais que norteiam o trabalho, tais como espaço público, praças públicas, uso e apropriação. Através da contribuição dos teóricos,

permitiu a compreensão da configuração atual das praças, de acordo com o contexto urbano, que pautou-se em autores que estudam a temática, tais como: Robba e Macedo (2002), Alex (2008), Serpa (2007), Angelis (2005), Lama (2004), Caldeira (2007), Sposito (2001, 2004, 2010); Santos (2011, 2012).

Além das pesquisas bibliográficas, foram realizados levantamentos documentais sobre as praças da cidade, com o intuito de identificar a quantidade, a sua espacialização, os seus respectivos logradouros, assim como os critérios e objetivos utilizados pelo poder público no processo de requalificação e construção das mesmas, coleta que foi feita nos documentos públicos no Arquivo Público de Feira de Santana e com o representante da Departamento de Manutenção de Áreas Verdes. Além disso, os dados censitários do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), sobretudo sobre os bairros de Feira de Santana, usados para identificar as suas características demográficas e sociais.

Também foram realizadas observações no campo de estudo, para registrar, por meio de fotografias, a estrutura dos espaços físicos, com o intuito de conhecer a dinâmica local em relação ao uso, como as praças estudadas são apropriadas e os grupos sociais que mais fazem usos. As observações foram realizadas diretamente nas áreas de estudo, com o intuito de obter uma visão ampla em relação à dinâmica espacial em diversos dias e horários. Diante disso, foi necessário um planejamento prévio sobre o que foi observado, com o uso de caderneta de campo, em roteiro que atendia aos objetivos propostos.

Foram realizadas duas entrevistas com representantes do poder público municipal. A primeira com um representante do Departamento de Manutenção de Áreas Verdes, pertencente a Secretaria Municipal de Serviços Públicos, com o objetivo de identificar as principais ações de manutenção, fiscalização e serviços de limpeza das praças; a segunda com um representante da Secretaria de Planejamento, para conhecer ações, intenções, a articulação do planejamento municipal com a construção ou requalificação das praças, a concepção a respeito dos critérios de seleção das praças contempladas pela gestão municipal, se há a participação da população nessa escolha. O intuito dessas entrevistas foi conhecer a concepção dos gestores municipais para que se possa compreender a organização, critério de escolha e configuração atual.

Com os moradores, foram realizadas entrevistas semiestruturadas por grupos, o que contribuiu para a melhor compreensão sobre a temática segundo diferentes sujeitos. Foi feito um conjunto de questões abertas relacionadas aos objetivos da pesquisa, para que os grupos selecionados tivessem a oportunidade de expor sua opinião livremente sobre o assunto proposto. No total foram entrevistados 55 moradores.

As entrevistas foram destinadas para moradores de acordo com faixas etárias estabelecidas jovens, adultos, idosos de forma que atenda a divisão da população por idade e duas Pessoas com Deficiência (PcD), um cadeirante e outro com deficiência visual, com o intuito de compreender a percepção em relação ao uso, identificar e comparar a maneira do uso. Foram realizadas também entrevistas com os moradores antigos dos bairros para saber a história da formação da praça e as transformações ao longo do tempo, sendo três entrevistas na Praça do Cruzeiro e quatro nas Praças da Santa Mônica e Petronílio Pinto Cunha. A finalidade foi analisar o perfil das práticas de uso das praças supracitadas por sujeitos e grupos sociais selecionados.

Em virtude da pandemia da Covid 19³, foram utilizados como estratégias para execução das entrevistas os aplicativos WhatsApp e/ou Google Meet. Essas ferramentas permitiram que houvesse o contato dos entrevistados com o pesquisador, sem ser face a face. O método utilizado para a realização das entrevistas foi amostragem em bola de neve. Vinuto (2014, p.201) afirma que é “Uma forma de amostra não probabilísticas, que utiliza cadeias de referência”. Esse método permitiu que houvesse a indicação do indivíduo entrevistado a outros contatos, o que contribuiu para a formação de uma rede de contato.

Também foi realizada uma pesquisa de opinião, uma sondagem através de enquete online, com perguntas relacionadas à praça pública, com objetivo de obter uma visão geral sobre o tema, o que abrange maior público, e resultou no levantamento estatístico sobre o que pensam os feirenses que residem na cidade ou têm alguma relação com as praças públicas de Feira de Santana, os elementos presentes, os problemas e sugestões. As pessoas escolheram/marcaram livremente a quantidade que entenderem necessárias, dentre múltiplas alternativas pré-definidas. A enquete constituiu de doze perguntas objetivas, direcionadas ao tema da pesquisa e foi divulgada em redes sociais, tais como *Facebook*, *whatsapp*, redes sociais de fácil acesso. Também foi direcionada aos próprios moradores que residem ao entorno das praças estudadas. A enquete resultou de 118 respostas de feirenses de diversos bairros de Feira de Santana.

Foram realizados três tipos de mapeamentos. O primeiro correspondente às praças existentes em Feira de Santana, por bairros, como intuito de observar a espacialização dessas na cidade, assim como das praças estudadas. Essa vetorização tem como objetivo entender como estão distribuídas nos bairros, a fim de proporcionar um panorama geral; o

³ A COVID-19 é uma doença causada pelo coronavírus, denominado SARS-CoV-2 que causa uma infecção respiratória. Em dezembro de 2019 foi identificado o primeiro caso de transmissão em Wuhan na China. No Brasil, o primeiro caso foi em fevereiro de 2020 em São Paulo. Na Bahia, o primeiro caso foi em Feira de Santana – Ba em março de 2020.

segundo, em relação aos tipos de usos, para identificar os equipamentos públicos que estão presentes e os estabelecimentos comerciais e residenciais, com o objetivo de verificar o tipo de uso residencial e terciário do entorno das três praças estudadas; o terceiro, por meio de informações dos entrevistados, vetorização dos percursos urbanos, com o intuito de conhecer as rotas e deslocamentos dos moradores. O registro sobre os tipos de uso e os percursos urbanos foram realizados, respectivamente, através das observações em campo e de informações obtidas pela população, por meio de entrevistas.

A vetorização das praças existentes, dos tipos de uso e dos percursos foi realizada com auxílio de imagens de satélites do *Google Earth* e *Google Maps*, que deram suporte para localizar essas praças por bairros, delimitar os domicílios e traçar as rotas do cotidiano dos entrevistados através das informações coletadas nas entrevistas. Com o auxílio das imagens de satélites, foram representadas as informações que resultaram em mapas de usos e dos percursos urbanos. Como produto, a pesquisa terá um mapeamento da distribuição das praças de Feira de Santana por bairros, um panorama geral com o objetivo de demonstrar a espacialização delas na cidade.

Em relação a organização de dados e informações obtidas através dos instrumentos de coleta utilizados, essas foram transcritas, interpretadas e esquematizadas na forma de tabelas, gráficos, quadro, fluxogramas, imagens e mapas. Os dados coletados também foram espacializados, com base na elaboração dos mapas, os quais foram elaborados com o uso do software *Qgis* e os aplicativos *Google Earth* e o *Google Maps*. Para a construção das tabelas, quadro e o texto, o Pacote *Office*. Por conseguintes, os dados foram interpretados, seguindo os objetivos da pesquisa.

Ao analisar as três praças serão abordadas a realidade da população em relação ao uso e a apropriação por diferentes grupos, o convívio (ou não) dos moradores e as transformações decorrentes que contribuem para uma opção de convivência, encontro, recreação, caminhada. Sendo assim, a pesquisa tem como perspectiva teórico-metodológica os estudos de Lefebvre (2006), que abordam a tríade correspondente ao percebido, concebido e vivido, na qual o autor se fundamenta no materialismo histórico-dialético, desenvolvido por Marx e Engels. Segundo Souza (2009, p.2), “Lefebvre questiona o posicionamento de autores que colocam Marx acabado, atemporal e precursor de um novo sistema de poder”. Para o autor, a teoria de Marx não está acabada, porém, o mesmo retoma e adapta essa teoria.

Diante desse contexto, Lefebvre se baseia na produção do espaço social, em que são demonstradas as contradições e particularidades da realidade social. No conhecimento

dos espaços compreendem-se as práticas espaciais que contemplam a produção e reprodução, a qual permite que haja uma visão do mundo e suas práticas cotidianas.

O percebido está associado ao cotidiano, que implica ao tempo e a realidade urbana aos percursos, redes e relações, ou seja, as realidades socioespaciais provenientes das práticas sociais, oriundas de valores e relações para a formação social. O concebido consiste na representação do espaço com base em uma ideia, concepção que repercute, geralmente, um pensamento distante da realidade do que está presente, uma dominação, é o ideal que nos faz crer, sendo que essas ideias são provenientes dos saberes ideológicos e intelectuais. O vivido é o espaço social com a soberania do homem com o objeto, o que resulta da apropriação que promove a produção e reprodução socioespacial, transmite situação de vivência, é o espaço da subordinação que reduz ao simbolismo. (LEFEBVRE, 2006)

Ao estudar a praça pública com base na tríade de Lefebvre, compreende-se, inicialmente, que o espaço é produzido, transformado pelo homem através das relações humanas, o que consiste em ações cotidianas de uso e apropriação, sendo produto das relações humanas. (MATIAS, 2016). O estudo permitirá compreender as relações presentes e constituídas empiricamente das práticas espaciais da sociedade com o espaço.

O trabalho está estruturado em cinco seções, duas dessas são a Introdução e as Considerações Finais. O capítulo “Feira de Santana e as Praças públicas em cidades médias” aborda os conceitos norteadores, como público, espaço público, praças públicas e cidade média, na perspectiva de interrelacionar com as praças e a contextualização das características gerais de Feira de Santana, sua história e a articulação com o aparecimento, caracterização e distribuição das praças públicas.

No capítulo “Uso e apropriação das praças públicas em cidades médias: A trajetória de três praças públicas em Feira de Santana” partiu-se de um breve debate sobre uso e apropriação para a discussão da formação das praças do Cruzeirozinho, Petronílio Pinto Cunha e a Santa Mônica.

O último capítulo, “Praças públicas em Feira de Santana: Interação, convívio, carência e resistência”, ressalta as formas de apropriação dos moradores que residem no entorno das praças do Cruzeirozinho, Santa Mônica e Petronílio Pinto Cunha sobre uso e o não uso desses espaços, a sua dinâmica socioespacial e a importância como opção ou não de uso e a visão dos gestores municipais sobre as ações realizadas nas praças como forma de promover esse uso.

2. FEIRA DE SANTANA E AS PRAÇAS PÚBLICAS EM CIDADES MÉDIAS

Pensar em praça pública nas cidades médias é procurar entender as suas configurações espaciais e particularidades existentes. As praças públicas são espaços relevantes de convivência e interação entre os indivíduos, sendo assim, é importante analisar seus usos e apropriações de modo a compreender como as mesmas estão inseridas, espacializadas e utilizadas. Diante disso, neste capítulo, serão abordados alguns conceitos e a caracterização sobre espaços e praças públicas nas cidades de forma geral, para, em seguida, fazer a análise mais específica das distribuições e caracterização das praças no foco do estudo, Feira de Santana.

2.1. ASPECTOS TEÓRICOS SOBRE ESPAÇO E PRAÇAS PÚBLICAS

Antes de iniciar a discussão sobre espaço público, é relevante que haja uma compreensão do que seja público. Sposito (2004, p.34) afirma-se que o substantivo público “[...] é entendido como todo bem ou serviço que serve para o uso de todos” [...], ou seja, para o autor, consiste no espaço na qual os cidadãos deveriam fazer uso, áreas que proporcionam encontro e socialização entre os indivíduos. Então, a ideia de “uso de todos” é o que se espera quando se discute público. Porém, é importante frisar que nem sempre são oferecidas condições adequadas, o que dificulta o uso.

Ainda sobre público, Arendt (2007) traz o conceito com base em dois fenômenos, que estão correlacionados, todavia não são semelhantes, isto é, apresenta particularidades. A autora ressalta que é “[...] tudo o que vem a público pode ser visto e ouvido por todos e tem maior divulgação possível (ARENDRT, 2007, p.59)”. Para ser público e digno de ser visto e ouvido é relevante que haja divulgação e que todos possam saber a realidade dos fatos. Desse modo, aborda a relação com o mundo, um bem comum que deve ser de todos nós, ao mesmo que diferente do lugar que nos cabe; o mundo ao mesmo tempo separa e promove relações humanas entre si.

Gomes (2002, p.159) ressalta que “É público aquilo que não é privado”, isto é, está atrelado ao uso comum. Segundo o autor, essa característica não configura um regulamento de ser público, sendo assim, os hospitais ou escolas são locais de acesso a todos que abrangem o uso de um grande número de pessoas. Esses espaços possuem normas e regimento e ainda assim não perdem o caráter de serem locais de uso público.

Outra perspectiva sobre público está atrelada as relações de Estado e sociedade que envolvem significados normativos. De acordo com Grau (1998, p. 21), “A coisa pública conotada em sua referência à coisa comum, ao coletivo, é uma das categorias mais antigas no pensamento político”. Esse significado de público é o único que ainda prevalece e mesmo ao passar por transformações com relação às intencionalidades ainda é estabilizado na concepção de uso do espaço pela população de uma forma que todos tenham acesso. Para justificar essa informação, a mesma ratifica que público é “O que é de interesse ou de uso comum e, portanto, o que é visível a todos”.

Grau (1998, p. 22) destaca que a maioria dos autores contemporâneos aborda a concepção de “coisa pública” como “a que pertence ao Estado”. Então, tal ideia permitiu o processo de privatização, ou seja, o que deixa de ser algo público e de estar integrado ao setor estatal pode ser privado. Diante disso, as coisas públicas deveriam limitar-se apenas espaços comunitários.

Com base nessa discussão, Pereira (2008, p.12) afirma que espaço é “O lugar de encontro dos indivíduos uns com os outros, de encontro também com a sua própria cidadania, permitindo desenvolver e consolidar a sua vida em comunidade”. O autor refere-se ao conceito de espaço articulado com o de lugar, o qual se atrela ao pertencimento, vivência e relações com outros indivíduos.

Na Geografia, esses dois conceitos são distintos e são geralmente utilizado como sinônimo. Santos (1988, p.25) afirma que “o espaço é resultado da ação dos homens sobre o próprio espaço, intermediados pelos objetos, naturais e artificiais”, ou seja, o homem ao mesmo tempo que constrói o espaço, ele o transforma para atender ao seus interesses. Já o lugar, de acordo com Carlos (2007, p.20), corresponde “as relações que os indivíduos mantêm com os espaços habitados se exprimem todos os dias nos modos do uso, nas condições mais banais, no secundário, no acidental”, isto é relaciona-se ao vivido, utilizados pelos indivíduos, os quais obtêm uma relação com o lugar ao produzir afetividades, significados particulares e pertencimento.

Para Serpa (2007, p.9), “[...] o papel do espaço público na cidade contemporânea constitui-se, antes de tudo, em um desafio, não só para a Geografia, mas também para todas as ciências e filosofias que se pretendam políticas e ativas”. Estudá-lo é compreender a sociabilidade urbana, as relações sociais, produção e reprodução do espaço, de expressão cultural e simbolismo. A Geografia é uma ciência que tem como objetivo estudar o espaço geográfico e as relações existentes entre o homem e a natureza. Apesar disso, o estudo

sobre espaço público deve envolver a análise de outras ciências que também têm como princípio analisar as relações sociais.

Ainda na concepção de Serpa (2007, p.9), o espaço público é compreendido “[...] como espaço da ação política ou, ao menos, da possibilidade da ação política na contemporaneidade”. É nele que as ações públicas são constituídas através de atividades e atos desenvolvidos para atender, ou assim deveria ser, o desejo da população.

Gomes (2002, p. 160) ressalta que “[...] os espaços públicos são aqueles que têm uma relação direta com a vida pública”. Isso se refletiu no Brasil, por exemplo: em 2014 no contexto da crise política-econômica, na qual vários manifestantes fizeram o uso dos espaços públicos para protestar contra o governo da Presidente Dilma Rousseff e em defesa da operação *lavo jato*, comandada pelo então Ministro Sérgio Morro; em 2020, quando parcela da população brasileira e em todo mundo foram as ruas, praças protestar contra o racismo e a violência por parte dos policiais e seguranças contra os negros e afro-descendentes; em Janeiro de 2021 com a manifestação a favor do *impeachment* do presidente Jair Messias Bolsonaro e da vacinação contra a Covid-19 para todos, observou-se que a participação popular tornou-se mais ativa com relação direta com a vida pública e espaço de formulação de opinião.

Durante a Grécia Antiga, os espaços públicos eram utilizados e apropriados pelos cidadãos para exercer representação política, dos discursos políticos, circulação de indivíduos, fatores eminentemente presentes na apropriação do espaço e, atualmente, considerados também locais de convivência social entre os cidadãos.

Desde a antiguidade os espaços públicos representam a possibilidade de interação social e exercício da cidadania. Além de servirem às funções de comércio e circulação, esses espaços agregaram novas funções ao tornarem-se palco de encontros e discussões políticas. Na Grécia Antiga, os espaços públicos serviam para que os cidadãos gregos participassem da vida política da pólis. (AZEVEDO, 2013, p.57-58)

O espaço público contemporaneamente passa por redefinições em suas espacialidades, decorrentes das relações socioespaciais presentes. (AZEVEDO, 2013). Ao analisar as características desses espaços é relevante compreender não somente as modificações inerentes a eles, mas as relações sociais, pois é face as interações que o espaço ganha forma, usos e funções nas cidades; isto é, as dinâmicas socioespaciais contribuem para sua caracterização.

Os espaços públicos são abertos para a população interagir com o ambiente natural e constituídos a fim de proporcionar possibilidade de usos e práticas sociais. Segundo Narcísio (2008, p. 26), ele constitui:

Uma fonte de forte representação pessoal, cultural e social, pois trata-se de um espaço simbólico onde se opõem e se respondem aos discursos, na sua maioria contraditórios, dos agentes políticos, sociais, religiosos, culturais e intelectuais que constituem uma sociedade.

O que torna indissociável o espaço público na configuração das áreas urbanas é que geralmente traz aspectos simbólicos, identidades, representações, histórias, novos usos e funcionalidades. Nesses espaços ocorrem as relações sociais que contribuem para promover o surgimento de múltiplas representações oriundas do passado, que, na maioria, repercutem no presente, o que ocasionam novas configurações urbanas, assim como ressignificações das mesmas.

O espaço público está se transformando. Sua ideia é herdada da modernidade que traz traços e ideais modernos, como ruas abertas, circulação livre, encontros interpessoais de diferentes grupos sociais que observam e participam da política. Contudo, os espaços públicos contemporâneos quase não atendem mais a essas finalidades, pois, sobretudo em países pobres, são caracterizados como espaços desiguais, segregados, voltados para outros fins, que deveriam atender a população, seus usos e não a apropriação do privado. (SOBARZO, 2004).

Os espaços públicos possibilitam que haja possibilidades de expressões, da manifestações de ideais e discurso, onde o convívio social deve ser respeitado, independente das diferenças. Gomes (2002, p.163) ressalta que espaço público é:

[...] antes de mais nada, o lugar, praça, rua, shopping, praia, qualquer tipo de espaço, onde não haja obstáculos à possibilidade de acesso e participação de qualquer tipo de pessoa [...]. Poderíamos dizer que o espaço público é o lugar das indiferenças, ou seja, onde as afinidades sociais, os jogos de prestígio, as diferenças, qualquer que sejam, devem se submeter às regras da civilidade.

A acessibilidade é umas das principais condições para que ocorra o uso dos espaços públicos, principalmente para os indivíduos com condições especiais, sejam temporárias ou permanentes. Essa discussão está relacionada também às questões simbólicas e culturais, não se limitando apenas ao acesso do espaço físico, pois ao ser utilizado e apropriado pela a população deve trazer sensações de afetividade, vontade de frequentar e prazer, como aponta Serpa (2007). Isso independe das condições físicas e sociais, para que os indivíduos

possam promover a socialização, em que as impassibilidades e as relações são evidenciadas, sendo o espaço da sociedade sem exigência da participação e uso.

Um espaço é “público” à medida que permite o acesso de homens e mulheres sem que precisem ser previamente selecionados. Nenhum passe é exigido, e não se registram entradas e saídas. Por isso, a presença num espaço público é anônima, e os que nele se encontram são estranhos uns aos outros. (BAUMAN 2009, p. 68)

Como ressalta o autor, “a presença num espaço público é anônima” e isso reflete que não encontramos somente pessoas do nosso convívio social, mas igualmente indivíduos que são desconhecidos, de quem não se conhece nada da sua rotina e história de vida. As pessoas ao fazerem uso ficam em contato apenas com a sua rede de amigos e não se permitem a conhecer outras pessoas ou até mesmo utilizar o mesmo equipamento público, como a quadra de esporte, que é uma área delimitada para a realização de atividades físicas e podem atender a vários usuários. Nesses espaços estão presente pessoas com diferentes características, ideais, vontades de escolhas, o que promove a caracterização de diferentes formas e finalidades de usos e apropriações. Bauman (2009, p.34) afirma que “É nos locais públicos que a vida urbana e tudo aquilo que a distingue das outras formas de convivência humana atingem sua mais completa expressão, com alegrias, dores, esperanças e pressentimentos que lhe são característicos”; os espaços públicos permitem sentimentos e expressões a depender da forma como nos percebemos neles.

Sobarzo (2004, p.16) concebe o espaço de acordo com as relações sociais. Para o autor, o espaço público é compreendido como se os indivíduos compartilhassem o mesmo território com grupos diferentes. Contudo, na sociedade atual, só há compartilhamento com indivíduos que possuem as mesmas intencionalidades, ideais e vontades. Já os grupos distintos proporcionam disputas e conflitos, pois o espaço possui pluralidade de atividade. Ainda assim, compartilha-se espaço, pois é uma forma de aproximar-se das pessoas, onde a diversidade de cultura se expressa.

Encontros impessoais e anônimos e de co-presença dos diferentes grupos sociais. Tais encontros devem ser entendidos como a possibilidade de compartilhar os mesmos territórios com outras pessoas sem a compulsão para conhecê-las em profundidade. (SOBARZO, 2004, p.16)

Bauman (2009, p.34) ressalta que os espaços públicos “[...] são locais em que atração e rejeição se desafiam (suas proporções são variáveis, sujeitas a mudanças rápidas, incessantes)”; são aqueles que promovem socialização entre os indivíduos, encontros, sensação de tranquilidade, descanso. Mesmo com essas funcionalidades, trazem também

rejeição perante os indivíduos, a partir do momento que as pessoas sentem medo e insegurança, o que potencializa o não uso e contribui para que a população faça usos de outros espaços. Contudo, espaços privados, como parques e praças em condomínios residenciais, ocasionam barreiras nas relações interpessoais, na convivência, no diálogo, e produzem segregação socioespacial⁴ e isolamento com outros indivíduos que não sejam do seu convívio.

Os espaços públicos demonstram simbologias, representações, características às vezes históricas do lugar, relações de poder, intencionalidades ao construir praças públicas, parques e os seus respectivos elementos presentes. Narcísio (2008, p.24) aponta que “O espaço público é o espaço por excelência da/cidade. É o espaço da cidade. Conhecemos a cidade através do espaço público. Nele aprendemos a caminhar e a ver a cidade”. No entanto, conhecer a cidade através do espaço público nem sempre é possível, não por falta de circulação, mas pelo fato da população nem sempre ser informada do significado desses espaços. Além disso, novos espaços são construídos e transformados, a ponto de quem teve a oportunidade de conhecê-los, só tê-los na lembrança.

Narcísio (2008, p.24) ainda afirma que “O espaço público é considerado como aquele espaço que, dentro do território urbano tradicional (especialmente nas cidades capitalistas, onde a presença do privado é predominante), sendo de uso comum e posse colectiva, pertence ao poder público”. Parte-se inicialmente das intencionalidades no processo de construção, pois a partir do momento que o poder público decide construir uma praça pública, por exemplo, em determinado espaço já é uma forma de controle, uma maneira do poder público se apropriar e não deixar o poder privado fazer uso.

As praças públicas estão presentes em cidades grandes, médias, pequenas e em centros rurais, proporcionam caracterização e representatividade. Elas sofreram modificações ao longo do tempo, eram muito utilizadas pela população, principalmente as mais centrais, como espaços de manifestação da expressão popular, cultural e política, socialização, concentração de atividades comerciais, localizadas próximas a órgãos

⁴ Sobre segregação socioespacial, Sposito (2013) ressalta que o termo é polissêmico e complexo, pois deve ser analisado com base na concepção teórica, como também a realidade urbana, as particularidades das diversas formações socioespaciais. Para Santos (2009), consiste no aprofundamento das desigualdades entre as classes, materializado na divisão territorial do trabalho, na escala intraurbana, pela constituição de novos espaços residenciais e equipamentos urbanos relativamente mais sofisticados, o que fortalece a separação entre ricos e pobres. Com o capitalismo e o processo de urbanização, a segregação socioespacial se acentuou, isso decorre de diferentes classes sociais em diferentes localidades, principalmente nas áreas periféricas, que resultou na segmentação socioespacial, isolamento, dificuldade de acesso dos equipamentos e infraestruturas públicas. Para compreender a segregação socioespacial é relevante associar com as escalas geográficas de análise, pois contribuirá na compreensão da realidade urbana, a dinâmica da produção do espaço e as práticas espaciais. Hoje, a segregação também se caracteriza através dos muros dos condomínios, o que ocasiona a falta de comunicação e socialização dos que estão fora dos muros.

estatais, sendo essas mais preservadas pelo poder público. Essas características ainda ocorrem até hoje, principalmente em cidades pequenas, em que a população faz quase sempre uso delas, em alguns casos, como o único espaço representativo, o que torna-se uma área valorizada e reconhecida. Isso também é decorrente da pouca opção de lazer nessas cidades, o que a faz adquirir relevância para os moradores, assim como aspecto cultural dos indivíduos que têm o hábito de fazer uso dessas praças.

Era ali que a população da cidade colonial manifestava sua territorialidade, os fiéis demonstravam sua fé, os poderosos, seu poder, e os pobres, sua pobreza. Era um espaço polivalente, palco de muitas manifestações dos costumes e hábitos da população, lugar de articulação entre os diversos estratos da sociedade colonial. (ROBBA, MACEDO, 2002, p. 22)

Ao longo da história, as praças tiveram diversas funcionalidades e utilidades. No Período Colonial, eram consideradas primordiais para diversas manifestações populares, com intuito de demonstrar a cultura, costume, representatividade do poder e da coletividade, na qual certos aspectos urbanísticos e arquitetônicos e características históricas significavam um referencial na paisagem (CALDEIRA, 2007). Contudo, não se pode generalizar, pois, ainda que se saiba do seu papel como espaço de manifestação, socialização, é importante frisar que essas características não estavam tão presentes nelas durante esse período.

As praças coloniais também estavam relacionadas as demonstrações religiosas. Benedet (2008, p.39) afirma que “a construção da praça era determinada pela igreja, visto que, na época, esta era tida como uma extensão da capela”. Também tinham como finalidade o uso das atividades sacras, o que contribuiu para seu surgimento nesse período. Isso reflete que algumas praças mais antigas estão associadas à presença da Igreja e foram nomeadas e reconhecidas pelo nome do santuário.

As praças na Antiguidade Clássica eram vistas como espaços coletivos, abertos, e que proporcionavam à população interação social. Além disso, algo que se transforma e ao mesmo tempo se adequa a diversas funções. “A praça representa uma espécie de espaço camaleônico, capaz de se modificar e se adaptar às transformações das cidades, possibilitando apropriações diversas”. Essa peculiaridade fez com que a praça adquirisse, historicamente, uma diversidade de formas e funções, sem perder sua essência como espaço coletivo. (CALDEIRA, 2007, p.14)

Durante a Grécia antiga, as praças eram geralmente rodeadas de edifícios importantes e que tinham significado no cenário de poder, ou tidas como locais de espetáculos. É importante destacar que tais características não eram fixas em todas no período. Para Caldeira (2007, p.17), a “Ágora constituiu a principal praça da civilização grega, representando o lugar de encontro dos cidadãos. Essa praça era formada por um pátio aberto, circundado por edifícios públicos e administrativos”. Ela correspondeu ao percussor do modelo atual, isso por ser aberto, próximo a estabelecimentos públicos e de uso contínuo, e assim tornou-se expressão do que seria uma praça. Para ratificar, Angelis (2005, p.4) ressalta que “centro dinâmico da cidade grega, a ágora é a antecessora remota de nossas praças”.

No período medieval, as praças eram espaços de socialização, sendo utilizadas para realização de festas, procissões, apresentações teatrais e manifestação do poder. (CALDEIRA, 2007). Para avançar nessa ideia, Angelis (2005, p. 6) aborda que a praça [...] “assume um papel preponderante como local de espetáculo. Espaço social por excelência, lugar de mercado, ponto de encontro político, mas também espaço destinado a espetacularização do cotidiano, das relações sociais - o privado é público”. Os dois autores demonstraram a mesma perspectiva de análise a respeito das praças medievais como “palcos” de contemplação, de múltiplas relações sociais e de interação entre os indivíduos. No entanto, há discondância com relação ao termo lugar, ao evidenciar a praça como “lugar de mercado” (*ibid*, 2005), na qual o autor relaciona-o à delimitação do espaço. No entanto, é importante evidenciar que tal concepção é contraditória em relação ao seu significado na Geografia, que envolve pertencimento, afetividade.

Nesse período, apesar das diversidades de funções e finalidades, as praças tinham como objetivo ser um espaço coletivo, utilizados pelo “povo”, ao menos, a parte que dela poderia usufruir. Para ratificar, Garcia e Gulinelli (2017, p.780) afirmam que,

[...] a praça sempre foi vista como um espaço para o povo, uma área em que atividades sociais são realizadas dependendo do que a região em que ela está inserida solicita. A praça é mutável, é uma área da cidade que quem delega sua função e sua estética são as pessoas que dela fazem uso.

Quando as autoras afirmam que “a praça é mutável”, se referem que está sujeita a modificações. As praças quando surgem nem sempre permanecem com a mesma configuração, pois se transformam ao longo do tempo, isso devido as melhorias das infraestruturas ou reformas, para atender aos novos usos nas áreas aonde estão inseridas ou até mesmo pela interferência da população em promover melhorias, na qual o poder

público atua ou não. Foi perceptível que o povo tem uma função importante para que as praças adquiram “vidas” no sentido de ter esse espaço sempre utilizados para realizar atividades.

Praça como um lócus privilegiado da cidade, sobretudo pelo seu caráter de espaço multifuncional. Tal importância pode ser constatada nas políticas contemporâneas de intervenção urbana, nas quais a praça aparece como elemento fundamental. Busca-se resgatar valores históricos, evidenciando certa nostalgia de significados perdidos tanto na escala arquitetônica quanto na escala urbana. (CALDEIRA, 2007, p.14)

Essa concepção retrata que as mesmas são espaços privilegiados na cidade, com dessemelhanças e funcionalidades diversas. No entanto, diverge-se quando a mesma aborda sobre as intervenções urbanas com as políticas contemporâneas como elemento fundamental, pois, muitas vezes, se vivencia espaços com pouco uso, desvalorização do poder público e baixa condição de uso e manutenção. As estruturas das praças até podem retratar valores históricos e culturais. Porém, nem sempre há valorização desses aspectos, o que provoca o desconhecimento do simbólico e as tornam, às vezes, espaços sem significado para a população.

Na metade do século XVIII, as praças brasileiras não apresentavam espaços de sociabilidade. Segundo Caldeira (2007, p.30), elas “[...] perdem força como símbolos de espaços públicos. Sugiram novas alternativas a espaços de sociabilidade (bares, teatro, café)”. Entretanto, a maioria das praças não apresentava mais essas funções específicas e, atualmente, o que seria espaço de encontro, prática de exercício e entre outros, tornou-se um espaço de pouco uso. Isso é decorrente de fatores tais como insegurança e a escolha da população pelos os shopping centers. É importante frisar sobre a insegurança nas cidades, ele existe outros lugares, tais como transportes coletivos, áreas centrais, ruas e entre outros, que também transmitem sensação de insegurança, mas a população não deixa de utilizá-los.

Sobre os shopping centers, Angelis (2005, p.16) afirma que é uma criação americana que se distingue por ser “[...] espaço fechado, recluso e envolto por néon, ar rarefeito, plantas sintéticas, iluminação artificial, escadas rolantes e fast food”, características totalmente distintas do que as praças públicas oferecem, sobretudo em relação ao contato com o meio natural.

Outro fator recente preponderante para o pouco uso das praças contemporâneas é o surgimento das tecnologias que rompem fronteiras, o que faz com que a comunicação e o encontro sejam mais virtuais e velozes. Isso permite que as pessoas, principalmente quem

tem condições financeiras de usufruir esse tipo de serviço, se relacionar e conhecer lugares sem precisar sair das suas residências, o que proporciona a diminuição da distância virtual entre as pessoas. Canais televisivos fechados oferecem uma programação repleta de filmes, séries e entre outros, aplicativos de compras de alimentos como o *ifood*, *uber eats*, que oferecem para a população certa comodidade, “presa” a esse tipo de serviço. É relevante informar que nem todos têm o privilégio de ter acesso e usufruir desses serviços. Portanto, todos esses fatores contribuem para que haja baixa socialização física entre os indivíduos, o que promove o isolamento. Sobre isso, Angelis (2005, p.15) ressalta que:

[...] as pessoas ao substituírem o espaço aberto por uma tela fechada de circuitos eletrônicos. A praça que, por séculos afora - desde a ágora grega -, fora o espaço público por excelência para o contato humano, para o socializar-se em um contato próximo com o outro, é atualmente um pedaço perdido entre tantos na colcha de retalhos que chamamos por cidade.

O reflexo é que parte das praças públicas contemporâneas está sendo substituída por outras opções de usos, o que resulta somente em um espaço público qualquer para compor a cidade. Como o próprio autor supracitado afirma, “[...] um pedaço perdido entre tantos na colcha de retalhos que chamamos por cidade”. As praças têm o propósito possibilitar a socialização entre as pessoas e a cidade, no entanto, atualmente, muitos estão perdidos perante vários outros a sua volta, o que, às vezes, os tornam-se esquecidos.

As praças públicas em áreas urbanas estão presentes em bairros periféricos, centrais ou naqueles considerados “nobres”, sua localização, padrão de renda da população que reside ao seu entorno e a configuração espacial onde estão situadas com o predomínio de empreendimentos comerciais, residências, igrejas, escolas determinam, de alguma forma, o uso e apropriação do espaço. Geralmente, em bairros considerados periféricos (pobres ou ricos) as praças estão rodeadas de residências, tornam-se ponto de referência para localização e espaço de passagem, e essas são mais utilizadas pelos moradores. Para ratificar sobre a definição de periferia, Santos e Serpa (2000, p.48) afirmaram que, consiste de “áreas localizadas fora ou nas imediações de algum centro. [...] Dessa forma, “periferia” hoje significa também aquelas áreas com infraestrutura e equipamentos de serviços deficientes, sendo essencialmente o locus da reprodução sócio-espacial da população de baixa renda.”, ou seja, corresponde a construção de diversos sujeitos sociais que através da sua vivência e prática cotidiana na qual, configura e reproduz um espaço com dinâmicas e conflitos específicos.

As praças localizadas nos centros caracterizam-se por se situarem em áreas em que os fluxos de pessoas são intensos, com presença do terciário formal e/ou informal, sendo que esse último é voltado para comercialização de produtos, o que pode descaracterizar a sua funcionalidade. Hoje, nas praças localizadas em bairros “nobres”, geralmente, em seu entorno estão instalados condomínios residenciais fechados, que oferecem aos seus residentes áreas privativas, inclusive praças e ocasionam autossegregação e fragmentação, consequentemente, a sua improvável utilização.

Sobre a autossegregação, Santos (2009) ressalta que consiste numa prática em que a população do mesmo poder aquisitivo tende a residir no mesmo espaço, principalmente em áreas que eram caracterizadas por população de baixa renda. A exemplo, os condomínios fechados, que são construídos com base nos interesses imobiliários, o que agrega novos valores e valorização ao local e proporcionam novas formas de relação com a área urbana. Nesses locais pode haver população com o menor poder aquisitivo que reside próxima a esses empreendimentos e que demonstra a diferença existentes entre as classes e a ampliação da desigualdade social.

Para complementar a visão do autor citado anteriormente, Vasconcelos (2013, p.27) ressalta que a autossegregação é uma “decisão voluntária de reunir grupos socialmente homogêneos [...]. É uma forma radical de agrupamento residencial defensivo que procura juntar os semelhantes e excluir os diferentes e impedir o acesso dos indesejáveis”, isto é, as pessoas têm a escolha de isolar-se, residem em ambientes controlados, com muros, monitorado que oferecem serviços, um “estilo de vida”, na qual acreditam que estejam protegidas pelas grades, com medo da violência e se tornam sujeitos “presos”, sem interagir com outras pessoas fora do seu convívio.

A fragmentação, de acordo com Vasconcelos (2013, p.21), é “noção mais recente, também é bastante interessante para descrever a heterogeneidade das cidades atuais, sobretudo nos países pobres e emergente. Ela aparece também como um contraponto ao processo de globalização”. Para o autor, corresponde a constituição da cidade em território diferentes, o que envolve diferentes forma de uso e apropriação.

As praças públicas adquiriram novas configurações, principalmente em relação ao uso e apropriação. Robba e Macedo (2002, p. 18) ressaltam que “[...] a praça é um elemento urbano”, faz parte da configuração da cidade e contribui nas relações sociais, formas e funcionalidades existentes nas urbes, com isso, merece ser valorizada. Porém, é importante destacar que as praças não são somente elementos da cidade ou que só existem em áreas urbanas. Elas podem estar presentes nos distritos e povoados, possuir as mesmas

funcionalidades e trazer uma configuração diferente, seja com elementos semelhantes à praça urbana ou apresentar característica mais elementares quanto à infraestrutura e ao seu uso.

Sobre a concepção de praça pública, Sun (2008, p. 275-276) afirma que “[...] é o espaço público da prática da vida pública. Tem papel predominante no desenho e na vida das cidades [...]. [...] foco de convergência de edifícios públicos e ruas, de fluxos de pessoas e atividades sociais”. Elas correspondem a uma parte importante no desenho urbano ou rural, são espaços de relações sociais, integração de pessoas que, juntas, fazem uso da área.

Nas praças públicas são percebidas características da história de uma cidade, com a presença de monumentos arquitetônicos, como busto e coretos antigos. Robba e Macedo (2002, p.17) as compreendem como “[...] espaços livres públicos urbanos destinados ao lazer e ao convívio da população, acessíveis aos cidadãos e livres de veículos”. Essas características não são visíveis em algumas praças públicas e se observa o uso como estacionamento ou a presença de portões de ferro, o que faz com que haja apropriação privada, abandono e a falta de manutenção, o que também reduz o uso. Tal afirmação remete ao significado do que as praças públicas deveriam ter; todavia, é importante frisar que elas também correspondem à realidade capitalista e, portanto, refletem suas desigualdades.

Desde seu surgimento, ao se constituir como os primeiros espaços públicos, as praças têm como finalidade promover o convívio social entre as pessoas, integração e socialização. Zimmerman (2015, p.13) ressalta que “Uma praça pode contar a história de uma cidade, um povo”, trazem significados, representatividades onde estão inseridas, independentemente que sejam áreas urbanas ou rurais. Entretanto, a população, às vezes, não tem o conhecimento disso, devido à falta de incentivo do poder público ao não promover ações que transmitam sua história. Não se pode construir um espaço público como esse “por construir”, há sempre intencionalidade dos gestores.

Portanto, as praças deveriam ser construídas com a participação popular e para o povo. Elas deveriam ser planejadas e estruturadas para atender a população, afinal, são elos entre vários espaços, o que as tornam referencial local; são espaços de multiplicidade de atividades. A importância das praças públicas não está apenas em embelezar, mas, sim, como espaços de recreação e convívio social. Conforme Zimmerman (2015, p.16), afirma-se que:

As praças são locais para a realização de atividades, seja ela recreação, lazer ou jogo, pressupõe uma multiplicidade de trabalho tanto individual como coletivo. Para realizar uma atividade o indivíduo necessita pensar, estudar e aprender; necessita encontrar seu próprio ritmo e equilíbrio testando a si mesmo e se organizando interiormente, portanto, mesmo as atividades realizadas em praças podem ser passíveis de uma organização.

As praças tanto podem ser utilizadas de forma individual ou coletiva, proporcionar alegria e liberdade para execução de atividades. Individualmente, o sujeito faz uso delas como áreas de descanso e tranquilidade. Coletivamente, correspondem a espaços em que grupos realizam atividades que alcancem a todos, sem restrição, como, por exemplo, práticas esportivas. É relevante ressaltar que as praças são espaços de trabalho com a comercialização de produtos, abrigos para moradores em situação de rua, apresentações culturais de danças, pregações religiosas, prostituição e o tráfico de drogas.

Diante de todas as discussões, percebe-se a importância das praças nos espaços urbano e rural, pois não estão presentes apenas para embelezar, mas, sim, promover a recreação e convívio social. É importante destacar que devem existir elementos para atender as especificidades de todos os indivíduos, como infraestrutura física adequada para que a participação popular possa ser realizada, pois se observa que não são pensadas ações que possam diminuir as barreiras presentes nesses espaços.

As praças públicas consistem em espaços que são utilizados e apropriados por sujeitos distintos para diversas funcionalidades. Os espaços públicos são construídos através das relações sociais e da reprodução do capital, que interferem na relação capital-trabalho, o que a torna uma relação desigual. Diante disso, a apropriação corresponde às relações sociais que são constituídas através do uso do espaço pelas práticas do cotidiano. Nesse sentido, a dominação e a apropriação estão presentes nos espaços públicos, o que se tornou uma situação cotidiana para os indivíduos.

2.2. CIDADE MÉDIA E O PAPEL DAS PRAÇAS PÚBLICAS

Os espaços públicos são diferentes nas cidades grandes, médias e pequenas, pois as práticas e os fenômenos presentes são distintos, sendo os fatores essenciais que diferem sobre os seus usos. As cidades constituem-se em uma rede de contato e estão articuladas umas com as outras, o que proporciona a possibilidade de comunicação e supera a ideia rígida de uma hierarquia urbana, ao pensar a redes de cidades como se fosse uma complementação entre elas; um elo (DAMIANI, 2006).

Segundo Costa (2002), a primeira referência sobre cidade média surgiu na França, nos finais dos anos de 1960 e início de 1970, discutida em congressos, estudos, comissões, seminários com o intuito de pensar as dimensões populacionais para determinar a categoria em escalas regionais e definir quais centros urbanos se enquadravam nessas. No entanto, não há um conceito único para caracterizar ou compreender a cidade média, isso porque é necessário que a definição esteja relacionada as particularidades, contextos históricos, as atividades exercidas e as finalidades dos pesquisadores em destacar aspectos importantes, pois cada cidade tem sua dinâmica própria.

A discussão sobre a cidade média procura compreender os fenômenos que nelas ocorrem, visto que essas cidades atribuem um ritmo próprio de articulação com outras e demonstram que as práticas sociais, o fluxo de pessoas e, conseqüentemente, as relações estabelecidas na rede urbana são diferentes. Portanto, é relevante caracterizar as suas dinâmicas e os processos de atuação. Além disso, abordar as inter-relações com os espaços locais, regionais e globais, sendo áreas de mediação e centros de inserção. Com relação à cidade média ser um elo entre o global e local, Santos e Silveira (2006) ressaltam que essa analogia permite que haja uma espécie de “geometria variável”, ou seja, pode causar o crescimento das cidades baseado nas demandas, o que ocasiona benefícios, mas também produz desigualdade ou segregação nelas.

Estudar praça pública consiste em compreender como esses espaços estão inseridos na cidade, as suas dinâmicas socioespaciais, as relações sociais e as configurações que contribuem para caracteriza-las. As praças estão presente em todos os espaços urbanos, porém cada uma traz o seu significado, funções, papéis e práticas distintas e isso permite entender os fenômenos que nelas atuam. O que este estudo tem de diferente em relação às cidades de outros portes é que as praças localizadas nas cidades médias estão propícias a passar por transformações mais particulares, ao adquirir funções diferentes das que exerciam como produto da dinâmica urbana.

O conceito de cidade média é discutido em perspectivas distintas e cada uma aborda a sua contribuição com base na concepção adotada. Dentre elas, destaca-se Sposito (2009, p.19), a qual traz as características e dá ênfase a essas cidades como pontos de intermediação entre os centros menores e maiores. Em contrapartida, essa articulação pode ocorrer também em cidades com o mesmo nível na hierarquia urbana.

[...] o papel de intermediação entre as pequenas e as grandes, então são cidades que comandam uma região, que polarizam uma região, que crescem em detrimento da sua própria região ou crescem em função da sua própria região, as duas coisas acontecem. Cidades médias que

ampliam seus papéis, porque diminuem os papéis das cidades pequenas a partir de uma série de mecanismos econômicos, ou cidades que, em função do tipo de atividade que têm, das lideranças que ali se encontram, são capazes de crescer e propor um projeto ou desempenhar um papel político, econômico e social de crescimento para toda uma região. (SPOSITO, 2009, p. 19)

As cidades médias estão a se desenvolver ou já são consagradas ao promover uma rede de relação em diferentes escalas, com o objetivo de demandar estratégias que possibilitem a abertura de investimentos. São assim consideradas face as dinâmicas, características e funções diferenciadas, sejam nos aspectos econômicos, populacionais ou sociais. Geralmente, possuem relativa autonomia, a qual contribui na interligação a diversos fluxos de indivíduos que estabelecem relações entre si. Essas cidades apresentam características distintas, se destacam pela especialização de determinadas atividades, o que as tornam atrativas e, conseqüentemente, seu crescimento ocorre em função do que cada uma desempenha na rede urbana.

Dias e Araújo (2010) abordam que, ao discutir cidades médias, é necessário analisar as variáveis e articulações que elas exercem com outros centros urbanos, tais como a participação e a intensificação na economia nacional, ampliação dos seus papéis e funções. Para o entendimento de uma cidade média não deve-se somente estudar os aspectos gerais, mas as suas particularidades, singularidades que estão presentes.

Castello Branco (2007, p.90) afirma que: “As cidades médias constituem nós da rede urbana e servem a sua área de influência como pontos de prestação de serviços em escala regional. Seu tamanho populacional e área de atuação variam segundo características geográficas das regiões onde estão inseridas”. Elas desempenham papéis relevantes na concentração e na oferta de serviço, o que permite que haja atração de pessoas em buscas de emprego e outras ocupações, e contribui para a intensificação dos fluxos e o crescimento populacional.

Através das características geográficas e as articulações na rede urbana, com a prestação de serviços, as cidades médias, na sua maioria, se tornam suportes para reprodução ampliada do capital, pois possuem influências, disponibilidade de mão-de-obra e uma população significativa, o que as tornam atrativas. Tal articulação contribui para intensificar a urbanização e do consumo.

A cidade média se define pela interação tanto com o espaço regional subordinado, quanto com as aglomerações urbanas superiores. Os critérios relacionados ao tamanho demográfico e funcional estão articulados à função e às atividades econômicas que elas desempenham, ao oferecer opções de bens e serviços para as áreas que estão interligadas, o

que proporciona o crescimento econômico regional, como aponta Santos (2012). Elas tornam-se pontos de interrupção da migração com os grandes centros ao oferecer oportunidade de emprego e, conseqüentemente, contribuem na “diminuição” da saturação dos centros maiores e na dinamização do espaço rural. (AMORIM FILHO, SERRA, 2001)

Outra reflexão sobre cidade média é ressaltada por Castello Branco (2007), que a caracteriza tendo como fator principal a centralidade, pois está relacionada à dinâmica, articulação e ponto de atração de fluxo com outros centros regionais. Com base na mesma perspectiva, Corrêa (2006, p. 23) aborda as características da cidade média baseado na combinação de três parâmetros, que são “tamanho demográfico, funções urbanas e a organização de seu espaço intraurbano”.

O tamanho demográfico é importante, sempre aparece nos estudos de cidades médias. O tamanho econômico é indicativo da dinâmica econômica do centro. O grau de urbanização porque é no espaço urbano que se realiza as funções articuladoras e prestação de serviços. A qualidade de vida expressa a infraestrutura urbana (segurança, facilidade de deslocamento, entre outros). A centralidade é a principal característica dessa categoria de cidades, uma vez que nela se apóia o seu poder de articulação entre os diferentes níveis de centros urbanos. (CASTELLO BRANCO, 2007, p. 250)

Corrêa (2006) e Castello Branco (2007) demonstram critérios que são relevantes para a classificação de uma cidade média, tais como o tamanho demográfico, populacional, funcional e centralidade. Essas particularidades são norteadoras na definição, porém é importante destacar que elas correspondem somente a base para a compreensão, pois é importante que haja, conjuntamente, a analogia com a dinâmica local para se definir ou classificar uma cidade média.

O tamanho demográfico é uma característica bastante referenciada pelos teóricos quando tratam da cidade média. Esse critério está relacionado à quantificação dos residentes, são dados estatísticos, no entanto variáveis, visto que a dinâmica de cada cidade é distinta. O número de habitantes não é constante, há variações decorrentes das transformações nas cidades e no processo de urbanização. Santos (2005) aborda que, em 1940, eram consideradas médias aquelas com população superior a 20 mil residentes. Em 1970, tinham em torno de 100 mil habitantes. Esse aumento é proveniente das mudanças nessas cidades. Já Sposito (2001) designa que para a classificação de uma cidade como porte médio o número entre 200 a 500 mil habitantes.

Os critérios funcionais estão vinculados à função que a cidade desempenha em uma escala regional. A concentração da atividade comercial e a oferta de serviços são os fatores

que contribuíram para a geração da economia através do consumo. Oliveira e Soares (2014, p.122) abordam que as funcionalidades das cidades médias na rede urbana “estão associadas diretamente ao consumo de mercadoria, demarcando, assim, seus papéis na divisão territorial do trabalho e na definição dos fluxos de e para as cidades médias”. A função que elas exercem proporciona o desenvolvimento da atividade econômica, o que pode resultar no indicador de técnica e especialização com a probabilidade de tornar-se um centro especializado através das relações atribuídas com outros centros regionais.

Santos (2012) ressalta que o de raio máximo de ação é outra variável importante, pois se trata da capacidade de atração que essas cidades apresentam. Para isso, é relevante que haja disponibilidade de serviços e atividades produtivas oferecidas para a população e cidades circunvizinhas, que dependem dos equipamentos econômicos, os serviços de consumo e a especialização por determinado serviço e, conseqüentemente, a capacidade da cidade se tornar um centro regional.

O conceito de cidade média está enveredado as questões políticas e econômicas. Não há uma preocupação de muitos teóricos em defini-las baseados no desenvolvimento dessas cidades em diferentes escalas, nos fenômenos que ocorrem nos espaços e as práticas sociais que influenciam as transformações. Para definir uma cidade média seria relevante articular parâmetros sociais, econômicos, político e os serviços oferecidos, afinal as pessoas que realizam migração vão em busca de atendimentos que não são ofertados na sua cidade de origem e isso, conseqüentemente, resulta de um dinamismo no fluxo e o crescimento das atividades.

As cidades médias cresceram em decorrência do processo de urbanização, que se intensificou através do deslocamento de pessoas do campo, o que contribuiu para o êxodo rural. Além disso, o início da industrialização acarretou avanços e transformações com o surgimento de fábricas. Para ratificar essa reflexão, Santos e Silveira (2006, p.280) ressaltam que as cidades médias: “[...] funcionam como entreposto e fábrica, isto é, como depositarias e como produtoras de bens e serviços exigidos por elas próprias e seu entorno [...]; constitui verdadeiros fóruns regionais, um lugar de debate entre preocupações mais imediatas e desígnios mais amplos”.

A expansão das cidades médias permitiu que houvesse mudanças nos seus espaços e isso se refletiu em novas dinâmicas, o que proporcionou transformações nos espaços públicos. Elas ganharam novas configurações e, por conseguinte, os locais públicos como opção de lazer acabaram sendo intensificados. E ao longo do crescimento dessas cidades as

praças se modificaram e adquiriram novos papéis e funções, como se observa no caso de Feira de Santana.

Para entender esses processos é importante compreender as particularidades com relação aos valores culturais e histórico de uma praça numa metrópole, cidade pequena e média, com o objetivo de diferenciar como essas são utilizadas e apropriadas e os papéis exercidos nesses diferentes espaços urbanos. Deve-se ressaltar que as praças são distintas com relação aos seus usos e características, os tipos de espaço não são padrão, a escala de atuação e as relações sociais também são diferentes.

As metrópoles consistem na concentração dos grandes centros de comando da economia mundial, e o crescimento populacional tem influência econômica e política sobre outras cidades. No Brasil, ainda que bastante diferentes, nem todas as praças públicas presentes nas metrópoles são utilizadas por parte da população, não por falta interesse, mas por não ter tempo hábil ou condições para o aproveitamento desses espaços como opção de lazer. Geralmente, as praças são vistas como espaços de embelezamento e, a depender do valor histórico, podem ser usadas locais turísticos.

Sobre as praças de cidades pequenas, Bovo; Hahn e Ré (2016, p.442-443) ressaltam que elas apresentam:

[...] uma maior apropriação por parte da população, principalmente pelas funções que desempenha, dentre elas, destacamos a social,[...]. Numa pequena cidade a praça geralmente encontra-se localizada no “centro” sendo o principal ponto de encontro da população principalmente dos finais de semana, é também no entorno da praça que se concentram as principais atividades comerciais e na maioria das vezes ali estão instalados os órgãos públicos municipais, dessa forma é ponto de referência para toda a população.

Nas cidades pequenas e nas sede dos distritos a população tem maior valorização com relação as praças, o que a torna um espaço primordial, pois, em muitos casos, elas são o único espaço que oferece o lazer, encontro e realização de festejos locais; enfim, trazem certa identidade local. Nesses lugares, a praça pode ser utilizada pelos moradores para realização de eventos religiosos, teatro e festejos; conversar, comercializar mercadorias, como parada de ônibus, ou seja, é uma referência ao morador e para o município. Nas praças que estão distantes do centro, geralmente, há carência de infraestrutura básica, de equipamento público, que limita o uso pela a comunidade.

Nas cidades médias, as praças passaram por muitas transformações e adquiriram diferentes funções, decorrentes de novas dinâmicas socioespaciais. Isto significa pensa-las

como “espaços de convivência”, onde as pessoas podem fazer usos, aproveitar para praticar diversas atividades, sejam essas religiosas, passeio, entre outras, com o intuito de contemplar a natureza, usufruir o ócio. Em contrapartida, parte desses papéis se perdeu, isso devido à ressignificação de outras funções e a não opção da população pelo uso, às vezes por não ter o hábito, a sensação de inseguranças, a depredação dos equipamentos ou a presença de novas opções de uso, como os shopping centers e condomínios fechados.

Os condomínios residenciais de classe média oferecem opções de usos diversificados e privativos, como parque, praça, salão de festa, jogos e piscinas, com o intuito de que os moradores tenham no mesmo espaço alternativas que possam usufruir, sem precisar ter acesso aos espaços públicos. Sobre esses empreendimentos residenciais, Gontijo e Queiroga (2005, p.80) afirmam:

A vida apressada das grandes cidades, o medo e a violência, aliados às novas formas de entretenimento, lazer, moradia e trabalho, fazem que grande parte dos indivíduos se feche nos espaços privados, isolando o espaço público desses edifícios. Os isolamentos dos edifícios ao espaço público ocorrem de diversas maneiras: muros, grades, guaritas, vigilância armada e tecnologia avançada, que se especializa e se incrementa com rapidez, agregando valor e status aos empreendimentos, impossibilitando o direito de as pessoas circularem livremente pelas cidades. Dessa forma, temos a valorização da esfera privada e o enfraquecimento da esfera pública.

A presença dos empreendimentos residenciais ocasiona o isolamento das pessoas, sendo que isso também ocorre entre os residentes dos condomínios. Os muros, grades, guaritas, vigilância são elementos de sistema de segurança, opções a mais oferecidas aos moradores com o intuito de proporcionar a “falsa” proteção da violência e agregar status, valor e controle de acesso, o que impede a interação com os moradores que não residem dentro dos “enclaves fortificados”. Nos bairros com a presença dos condomínios as praças públicas, quando existem, são geralmente pouco utilizadas, entendidas como um espaço qualquer que está presente, mas não possui sentimento de pertencimento, valorização. Não há disposição em buscar as melhorias, existem inquietações, mas os moradores não procuram soluções junto ao poder público. Em Feira de Santana, nos bairros em processo de expansão imobiliária, como o SIM e Papagaio, a presença das praças é praticamente inexistente (Ver mapa 2), já que os empreendimentos privativos oferecem diversos espaços para a prática de lazer e, com isso, o poder público considera desnecessária a implantação de praças públicas.

Os shopping centers presentes nas cidades médias também contribuem em questões econômicas e nas transformações da área ao seu entorno e contêm: praça de alimentação,

parque infantil, loja de games, entre outros, sob o discurso da comodidade. Espaços de uso coletivo ou mesmo privativos, muitas pessoas fazem mais usos deles como opções de lazer do que as praças centrais, porque impera a ideia da regulamentação e se tem a ilusão da segurança, isso enquanto, por outro lado, é sedimentado o discurso da violência nas praças públicas, tidas como espaços inseguros.

Portanto, foram discutidos aspectos sobre a cidade média na visão de alguns teóricos com relação aos critérios norteadores para auxiliar a análise das praças públicas. Cada cidade tem seu papel e função ela desempenhados, sendo assim, é relevante pensar como a presença de outras opções de lazer contribuem para o enfraquecimento do uso das praças públicas. A seguir, será apresentada a cidade de Feira de Santana e caracterizadas, de forma geral, as lógicas de suas praças públicas.

2.3. PRAÇAS PÚBLICAS EM FEIRA DE SANTANA: CARACTERIZAÇÃO E ESPACIALIZAÇÃO

Feira de Santana é o segundo município mais populoso do estado da Bahia. A sede municipal tem a distância de 110 quilômetros da capital do estado Salvador, a qual está interligada pela BR 324, uma importante rodovia que é duplicada nesse trecho de grande movimento de veículos, com população urbana de 510.635 habitantes, em 2010, sendo 495.965 residentes na sede municipal (Ver Tabela 1). A população do município foi estimada em 614.872 habitantes em 2019, o que demonstra a tendência de crescimento e a dinâmica populacional. De acordo com as Regiões de Influência das Cidades (REGIC) é classificada como Capitais Regionais B, a qual pertence ao Território de Identidade Portal do Sertão. (IBGE, 2018, 2019),

Com a localização geográfica privilegiada, constituída por importantes eixos rodoviários, com o anel de contorno que interliga três rodovias federais: a BR 324; a BR 116 (Sul), a BR 116/Norte (Transnordestina); e BR 101; e as quatro estaduais: BAs 052, 502, 503 e 504. Esses eixos rodoviários resultaram de um crescimento interligado à espacialização do lugar e proporcionaram o fluxo de entrada e saída de pessoas diariamente na cidade, o que contribuiu para a economia e o aumento populacional e tornou o maior entreposto rodoviário do Norte e Nordeste (IBGE, 2016). (Ver o Mapa 1)

Mapa 1: Localização de Feira de Santana no Território de Identidade Portal do Sertão, 2021.

MAPA 1: LOCALIZAÇÃO DE FEIRA DE SANTANA NO TERRITÓRIO DE IDENTIDADE PORTAL DO SERTÃO, 2021.

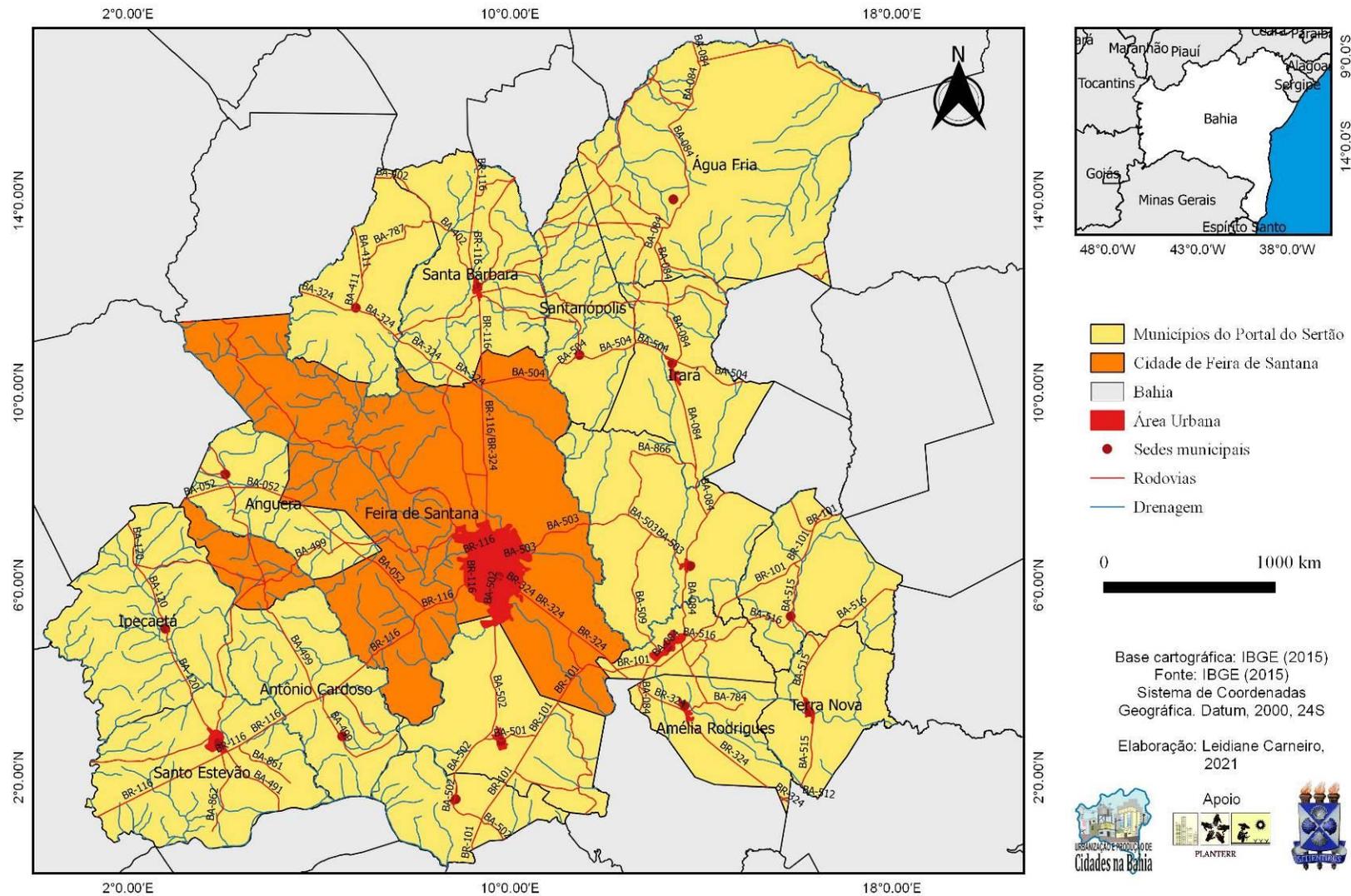


Tabela 1: População total, Urbana, Rural, Taxa de urbanização Por década, Feira de Santana - Bahia – 1940/2010.

Ano	População total	População urbana	População rural	Taxa de urbanização
1940	83.268	19.750	63.518	23.7
1950	107.205	33.277	73.928	31.0
1960	139.747	48.389	91.358	32.6
1970	187.290	131.720	55.570	70.3
1980	291.506	233.631	57.875	80.1
1991	406.447	349.557	56.890	86.0
2000	480.949	431.730	49.219	89.7
2010	556.642	510.635	46.007	91.7

Fonte: IBGE (1940, 1950, 1960, 1970, 1980, 1991, 2000, e 2010).

Em relação às atividades do Produto Interno Bruto (PIB), em 2017, Feira de Santana se destacava no setor terciário com 67,03% e mostra que os setores comerciais e serviços têm muita importância para o desenvolvimento da economia; em seguida, a indústria, com 17,60%, reflexo da instalação do Centro Industrial Subaé (CIS), o que agrega valor e atrai pessoas para a área urbana. O setor primário apresentou 0,37% (IBGE, 2017), percentual menor em relação às demais setores supracitados.

O povoamento de Feira de Santana ocorreu no século XVIII e se fundamenta a partir da chegada do casal pioneiro, Domingo Barbosa de Araújo e a sua esposa Ana Brandão, ambos proprietários de uma fazenda, que originou uma capela denominada Nossa Senhora Sant'Ana. A Fazenda Olhos d'Água era ponto de encontro dos vaqueiros, viajantes da época que se dirigiam para Salvador e outras regiões do Recôncavo para a comercialização de gado, que estava localizada entre duas estradas.

Segundo Carmo (2009, p.114), “[...] a Estrada Real que ligava o Porto de Nossa Senhora do Rosário da Cachoeira a Feira de Santana, Riachão do Jacuípe, Jacobina e Juazeiro; e a Estrada das Boiadas, que ligava Feira de Santana a Salvador [...]”. Essas estradas permitiam que houvesse a comercialização das mercadorias, circulação de pessoas e, mesmo sem pavimentação, correspondiam ao primeiro indício para uma futura expansão.

Por possuir uma localização privilegiada, o povoado favorecia o abastecimento do gado decorrente da abundância de água proveniente dos rios Pojuca, Subaé, Jacuípe e da presença de riachos, como também área de pastagem que servia de alimentação para os animais. Assim, tornou-se um local de parada obrigatória que proporcionou a interação de diversas pessoas, até depois se tornar um entreposto comercial, espaço de comercialização decorrente da passagem dos vaqueiros e boiadeiros. A criação e a comercialização do gado

contribuíram inicialmente para o povoamento de Feira de Santana e, além disso, era utilizado com meio de transporte, fonte de alimento e de renda. (CARMO, 2009)

A feira do gado foi um marco para o futuro processo de urbanização, ganhou importância e visibilidade, contribuiu para a nova configuração urbana com o surgimento de ruas, avenidas, estradas, residências e, posteriormente, tornou-se uma das mais importantes do estado da Bahia.

Sobre o desenvolvimento da cidade, Silva e Oliveira (2017, p.97) abordam que “O desenho da cidade acontecia de acordo com sua dinâmica urbana, sem projeto urbano, nem planejamento específico”. A cidade crescia de forma “espontânea”, em função da dinâmica local e assim Feira de Santana foi sendo “desenhada”.

O povoado, que antes era desconhecido, adquiriu novas formas urbanas, como o surgimento das primeiras ruas, praças, diante do aumento da circulação de pessoas. Sobre as ruas e praças, Santana (2014, p.24) informa que “[...] eram tortuosas e havia apenas duas praças: a da Matriz e do Comércio era desprovida de infraestrutura básica [...]”. As praças, assim como as ruas, surgiram para atender as necessidades das pessoas, espaço para a comercialização, locais do comércio de rua. Porém, elas também tinham como objetivo oferecer espaços de convivência e demarcar o poder local. As praças são espaços concebidos em diferentes contextos históricos e, geralmente, retratam a história do lugar, espaços de encontro e de significado para a população. Nesse caso, as primeiras praças que surgiram estavam localizadas na área central, próximas ao local onde se desenvolveu a cidade.

Dentre essas, destaca-se a Praça Monsenhor Renato Galvão, conhecida como Praça da Igreja Matriz, que foi criada em 1846. Ela traz no seu histórico os reflexos da formação da cidade e é reconhecida pelo seu simbolismo religioso. Foi fruto de doação, pois havia uma pequena capela e, com o aumento dos fiéis, houve a necessidade de construir um espaço maior. A igreja foi o fator predominante para seu surgimento. Em 1916, apresentava pouca arborização e era um local também residencial. O coreto arquitetônico já existia, era utilizado como espaço de movimentação política ou eventos em geral, sendo um equipamento público característico (FEIRA DE SANTANA, 2020). (Foto 1). A praça supracitada tinha proximidade com a antiga ferrovia, assim tornou-se um espaço movimentado, decorrente da presença de inúmeras pessoas a espera da chegada do trem.

Igualmente a Presidente Médici que, em 1960, não tinha característica de uma praça, pois na localidade situava-se a estação ferroviária. Após a desativação da ferrovia é

que começou a ser delineada a praça, que contribuiu para circulação das pessoas, sendo uma opção de lazer. (TELES, 2017) (Foto 2)

Foto 1: Igreja da Matriz com a praça e o coreto, Feira de Santana, S/D.



Fonte: Memorial de Feira de Santana (2020)

Foto 2: Estação Ferroviária onde já foi a Praça Presidente Médici, Feira de Santana, S/D.



Fonte: Memorial de Feira de Santana, 2020.

Voltada para o funcionamento da feira livre, a antiga Praça do Comércio, atualmente Praça da Bandeira, foi o espaço de comercialização de gêneros alimentícios provenientes, não somente de Feira de Santana, mas de outras regiões. O Abrigo da Praça foi à primeira rodoviária da cidade, que fazia linha para Salvador e, ao final da feira, tornava-se o estacionamento para os veículos e animais. (FEIRA DE SANTANA, 2020) (Foto 3).

Foto 3: Praça do Comércio estacionamento de animais e marinetes, Feira de Santana, S/D.



Fonte: Memorial de Feira de Santana, 2020.

Ao longo do tempo, Feira de Santana experimentou várias transformações no seu espaço urbano. Verificam-se mudanças em relação às principais ruas, avenidas e casarões antigos. Por exemplo, as ruas Conselheiro e Marechal Deodoro e a av. Senhor dos Passos, que eram espaços residenciais, e se transformaram em áreas comerciais (MORAES, 2004). Alguns foram demolidas ou modificadas para atender aos novos interesses terciários e/ou se tornaram empreendimentos comerciais. No caso das praças públicas, a muitas, ao longo da sua formação, foram atribuídos outros usos, sobretudo, voltados ao comércio informal, com a venda de diversos produtos e/ou estacionamentos. As praças localizadas no centro e seus arredores trazem na infraestrutura aspectos do passado, são muitas arborizadas, estão

inseridas em áreas próximas a espaços com alto fluxo de pessoas e veículos, decorrentes dos empreendimentos comerciais. Geralmente são bastante frequentadas, porém não para a realização de atividade específicas de lazer.

As praças mencionadas anteriormente passaram por transformações. A Praça Monsenhor Renato Galvão ganhou no seu entorno novo desenho urbano com a influência do processo de urbanização, presença de ambulantes, e a proximidade com av. Presidente Dutra, que ocasionou maior fluidez de veículos. A Praça Presidente Médici transformou-se no “camelódromo” Feiraguay, local de comercialização de produtos, inclusive importados de outros países, cujas pessoas são atraídas por sua variedade. A Praça da Bandeira tornou-se espaço de passagem, além de ser local de atividades coletivas com as rodas de capoeira aos finais de semana e o Abrigo é utilizado para a comercialização de alimentos.

Como o desenvolvimento da área urbana de Feira de Santana, vários bairros e ruas surgiram e dentre esses podemos mencionar o Olhos d’Água, Tanque da Nação, Sobradinho, Porto Central e o Tomba. (FREITAS, 1998). Ao analisá-los em relação à presença das praças, apesar de serem bairros antigos, não possuem muitas, contudo as que existem têm sua importância para a comunidade. Isto é um reflexo do modo como as transformações no espaço urbano ocorreram, pois a organização espacial estava atrelada às mudanças ocorridas na cidade com a feira de gado, a construção das estradas e o terminal ferroviário.

Diversos fatores contribuíram para esse processo. Em 1876, a influência do sistema de transporte ferroviário, inicialmente entre Feira de Santana e Cachoeira, colaborou para o escoamento da produção; a construção de estradas, ainda sem pavimentação, dificultava o deslocamento, porém era o único caminho na condução do gado. No século XIX, a primeira estrada baiana foi denominada como “caminhos de gado”. Se na década de 1930 as feiras (livre e do gado) contribuíram para que a cidade se fortalecesse como entreposto comercial. Já em 1940, a implantação do sistema rodoviário contribuiu na ampliação da cidade e do fluxo de pessoas e mercadorias. (CERQUEIRA, 2015)

Os papéis das rodovias se ampliaram na década de 1950, que, anteriormente, tinham condições precárias, pois ainda estavam no início da construção. Com a ação do governo federal, a conclusão das BR-324, BR 101 e a BR-116 possibilitou a ligação de Feira de Santana com outras cidades, o que colaborou para o crescimento urbano.

Sobre a importância dessas rodovias, o Plano Diretor Local Integrado (PDLI) de 1968 afirma que “analisando a rede de estradas que compõem o sistema rodoviário para a Bahia, verificamos que o trecho Salvador-Feira de Santana, funciona como eixo de

convergência das principais vias que cortam o Estado” (CERQUEIRA, 2015, p.161). A BR-324 se tornou a principal via de acesso à capital baiana. Feira de Santana ganhava um novo dinamismo com o fortalecimento das rodovias, as quais favoreceram maior fluidez de pessoas e ampliação do setor terciário. A construção do Anel de Contorno também foi outro vetor relevante. Com o intuito de promover a interligação entre as rodovias federais e estaduais, contribuiu na logística, diminuiu a concentração de veículos na área interna, à época, e determinou a formação de “centro” e suas periferias. (CUNHA, 2016)

Com a expansão urbana de Feira de Santana e face à aglomeração de pessoas nas áreas centrais, as primeiras praças públicas que surgiram na cidade, tais como a Praça da Matriz, a antiga Praça do Comércio, a Frões da Mota, Praça da Igreja dos Remédios e a Padre Ovídio, continuavam com o propósito de atender a dinâmica da cidade como espaços para a realização das feiras livres, que além da comercialização de diversos produtos era um ambientes culturais, pois nela encontram-se vários saberes populares, pessoas de diferentes hábitos e costumes, assim como eventos ou/e simbolismos religiosos.

A industrialização em Feira de Santana foi outro fator importante para a expansão da cidade. As discussões começaram na década de 1960 e tiveram a concretização com a implantação do Centro Industrial Subaé (CIS) em 1970. Carmo (2009, p.153) afirma que com isso “Feira de Santana entrou em um processo de revitalização e o crescimento industrial [...] hoje é um pólo produtivo de grande relevância para o município e as demais regiões que compõem o estado”. A presença da indústria permitiu novas dinâmicas territoriais e econômicas, e o “desenvolvimento” local, pois as fábricas tinham mais rápido escoamento da produção e a articulação com outras cidades.

Para facilitar a introdução dessas indústrias, o governo federal adotou estratégias para incentivar a instalação ao proporcionar incentivos fiscais, tais como a redução de imposto ou nenhuma cobrança por um período determinado, com o intuito de promover a permanência das empresas e, conseqüentemente, o desenvolvimento econômico do setor.

A população urbana a partir de 1970 teve um crescimento expressivo, isso em virtude dos imigrantes que vinham para Feira de Santana em busca de emprego, principalmente no Centro Industrial Subaé (CIS). As indústrias, além de agregar valor, proporcionaram maior visibilidade e contribuíram para o deslocamento de indivíduos de outras localidades e/ou do próprio município. As empresas requisitavam de mão-de-obra qualificada para execução de determinadas funções e os trabalhadores que não atendiam aos requisitos estabelecidos buscavam exercer outras atividades, principalmente, comerciais e de serviços informais.

O crescimento de Feira de Santana continuou nos anos posteriores e isso se refletiu na taxa de urbanização, que teve um aumento significativo entre 1960 a 1980, sobretudo, devido à consolidação das indústrias. Contudo, no período entre 2000 e 2010, o acréscimo foi relativamente menor, em relação aos outros anos. (Veja as tabelas 1 e 2). O ritmo do crescimento geométrico anual da população rural e urbana apresentou entre 1960-1970 taxas significativas com relação aos outros anos, o que confirma os dados da tabela 1. Esses dados demonstram que a industrialização proporcionou transformações na cidade, sejam demográficas, econômicas ou sociais.

Tabela 2: Taxa de Crescimento Geométrico da População Urbana e Rural – Por década, Feira de Santana – Bahia – 1940/2010.

Ano	Crescimento Geométrico da População urbana	Crescimento Geométrico da População rural
1940 – 1950	5,36	1,53
1950 – 1960	3,82	2,14
1960 – 1970	10,53	- 4,85
1970 – 1980	5,90	0,41
1980 – 1991	3,73	- 0,16
1991 – 2000	2,37	- 1,60
2000 – 2010	1,69	- 0,67

Fonte: IBGE (1940, 1950, 1960, 1970, 1980, 1991, 2000, 2010)

Outro impacto na economia foi a instalação de empresas de pequeno, médio e grande portes, mas também do setor informal, que absorveram inúmeras pessoas que chegaram em busca de emprego e/ou comercialização de produtos. Por outro lado, provocou o surgimento dos problemas urbanos. Sobre isso, Carmo (2009, p.158) ressalta que “a proliferação de assentamentos subnormais, na sua maioria, em áreas não apropriadas para a construção de moradia”. Enquanto a ocupação de bairros localizados dentro do anel viário era feita, principalmente, por indivíduos de classe média à alta, pois o valor do solo urbano era elevado, os que não tinham condições financeiras habitavam áreas distantes, geralmente, que não ofereciam infraestrutura básica, o que contribuiu para o aparecimento de novos bairros, principalmente periféricos, como também começou a construção dos conjuntos habitacionais, com incentivo dos governos federal e estadual.

Nesse contexto, década de 1950 a 1980, surgiram praças como: 1) Coronel Tertuliano Almeida, que, como local de residência do Dr. Elias Kalile, foi renomeada como Kalilândia, e era conhecida pela presença de palmeiras imperiais (ALMEIDA, 2002). Localizada no centro, é espaço público bastante conhecido pela população feirense, uma área onde predominam hoje empreendimentos comerciais. Passou por várias

transformações, a última foi em 2016, quando foram inseridos novos equipamentos públicos, tais como mesas para jogos de tabuleiro, academia ao ar livre, melhorias nos bancos e jardim; 2) Dom Pedro II, conhecida como Praça do Nordeste, no passado funcionava como antigo campo do gado e tornou-se um espaço comercial com a presença de barraca e ponto de parada do transporte coletivo; e 3) Praça Ernestina Carneiro ou Dona Pomba, nome recebido em homenagem a herdeira de uma fazenda. Ela doou lotes de terra para pessoas pobres que a procuravam e no local construíram suas casas, o que contribuiu para a formação do bairro Rua Nova (FEIRA DE SANTANA, 2020). Em seu entorno, encontram-se residências, bancos, telefone público, pouca arborização e o busto de Dona Pomba.

Feira de Santana passou e ainda passa por várias transformações no seu espaço urbano. Dentre essas mudanças está a inserção dos condomínios fechados, sobretudo em áreas que tornaram-se novos vetores de crescimento da cidade a partir da década de 1990. A especulação imobiliária contribuiu para a transformação da paisagem de determinados bairros, principalmente o SIM e o Papagaio, que foram ampliados, com a abertura de vias, ruas e melhorias no calçamento. Além disso, é importante frisar que a abertura dessas vias ocorreu de maneira intencional, com o intuito de controlar a área ainda não urbanizada e atender aos interesses dos proprietários fundiários e dos empreendedores imobiliários.

Entre 2009 a 2014, o setor imobiliário investiu na construção de condomínios fechados nas áreas consideradas periféricas, isso porque dentro do anel de contorno estava bastante adensado. (ARAÚJO, 2015). Essas áreas não ofereciam infraestrutura básica, tais como transporte, equipamentos públicos, pavimentação, e assim o governo municipal proporcionou melhorias, a exemplo, a abertura de novas avenidas, como Artêmia Pires e a Nóide Cerqueira, consideradas como vetores de expansão, pois a introdução desses empreendimentos contribuía com interesses dos agentes públicos.

O Programa Minha Casa Minha Vida foi criado em 2009 pelo governo federal, em parceria com a Caixa Econômica Federal, com o intuito de tornar acessível a moradia própria para a população. Em Feira de Santana, alguns bairros como Aeroporto, Asa Branca, Aviário, Conceição, Mangabeira foram contemplados com a construção dos residenciais e neles houve a abertura de vias, melhorias na infraestrutura, maior dinamismo local, ampliação de estabelecimento comercial e o aumento de moradores.

Com relação às praças públicas que foram construídas próximas a esses empreendimentos, não há muitas. No bairro Conceição, há uma praça próximo ao Condomínio Ville (Foto 4). O espaço em 2011 tinha um parque infantil, alguns bancos,

ponto de parada do transporte coletivo e mototáxi, e não possuía arborização e nem jardins. Atualmente, não existe mais os equipamentos infantis, pois foram danificados, está mais arborizada, possui uma barraca que comercializa alimento, permanece o ponto de ônibus e de mototáxi. Ao entorno, além do condomínio, possuem residências, supermercado, revendedora de botijão de gás e fábrica de costura de roupa.

Ao observar a foto 4 percebe-se crianças ao fazer uso da praça para realizar a prática do futebol, contudo, a não há infraestrutura para a prática do esporte, mesmo assim, o espaço é utilizado para a recreação infantil. A praça supracitada está próxima ao residencial de um programa federal que atende moradores de baixa renda, um empreendimento residencial que foi idealizado para oferecer moradia. Contudo, não foi cogitado proporcionar aos moradores opções de recreação privativa, como é visto nos condomínios privados que a população é cobiçada pelas as condições oferecidas, como, conforto, tranquilidade, segurança e área de lazer privativa, além disso a venda é direcionada para o público com a renda familiar de média a alta.

Sabe-se que o poder público ao construir uma praça não a arquiteta como o espaço voltado para socialização, recreação e sim para o embelezamento da cidade, ou seja não são inseridos equipamentos que promovam à comunidade um espaço de uso, mas uma camuflagem de melhorias, com pequenos reparos, característica evidente em Feira de Santana. As vezes, a ausência de quadra, parque ou bancos com jogos que são equipamentos que favorecem a dinamização e o uso do espaço são solicitados pelos moradores ao perceber a necessidade de intervenção de um representante local. Sobre a importância da praça e o poder do povo, já dizia Castro Alves (1921) no seu poema o Povo ao Poder ao afirmar que “ A praça é do povo”, além disso, deve ser construída para o povo e também é necessária a sua participação, pois afinal é ele que vai utilizar para a manifestação comunitária e urbana.

Ao observar as praças públicas de Feira de Santana e as suas configurações atuais, é notório que, com relação a presença das opções de equipamentos, os espaços são similares. Algumas praças não oferecem adequada infraestrutura para o uso de aparelhos diversos, como parque infantil, área para ciclista, academia ao ar livre. Geralmente, possuem apenas bancos e jardim. A inclusão desses elementos não visa somente a diversão, mas a prática de atividade física e a melhoria da saúde. A acessibilidade física é outro fator preocupante, afinal as praças da cidade não são idealizadas para atender pessoas com qualquer tipo de limitação física, o que dificulta o uso e a mobilidade. Assim, é importante frisar que tudo isso precisa ser pensado quando da construção de uma praça pública.

Foto 4: Praça no bairro Conceição próximo ao Condomínio Ville do Programa Minha Casa Minha Vida, Feira de Santana, 2020.



Foto: Leidiane Carneiro. Acervo pessoal de Leidiane Carneiro, Setembro, 2020.

Com relação às características das praças do Centro, percebe-se no seu entorno a presença de empreendimentos comerciais, que, em algumas, contribuíram para redefinir o uso e apropriação, a dinâmica local, o deslocamento de pessoas e veículos, cuja circulação no entorno é intensa. Em Feira de Santana, os bairros que possuem o maior quantidade de praças catalogadas pelo Departamento de Manutenção de Áreas Verdes são Cidade Nova e o Centro, com, respectivamente, 37 e 24 praças, e foram identificadas concomitantemente 24 e 23 praças (Ver mapa 2).

O diretor de Manutenção de Áreas Verdes afirmou que temos 265 praças, sendo que 215 na sede e 50 nos distritos e povoados⁵. O mapa 2 que representa a localização das praças públicas em Feira de Santana em 2021, feita com base em imagens de satélite mostra que foram encontradas 140 praças, distribuídas em diferentes bairros⁶. A maioria das praças está concentrada na área interior ao Anel de Contorno, mas especificamente no bairro Centro, reflexo da formação da cidade. Os bairros considerados de classes média e alta, como SIM, Capuchinhos, e os que estão em expansão, como o Papagaio, devido à

⁵ Informação obtida na entrevista com o diretor do Departamento de Manutenção de Áreas Verdes e também no site Acorda Cidade no dia 07/08/2021.

⁶ De acordo com a lista disponibilizada pelo o Departamento de Área Verdes sobre a localização das praça e seus respectivos nomes, percebe-se que a gestão identificam as praças que não tem um nomeação reconhecida de acordo com elementos urbanos que estão próximo ou referência ao morador, tais como: “Praça do Trailer de Wilson”, dessa forma dificulta a localização de algumas praças.

especulação imobiliária e à presença dos condomínios residenciais e dos loteamentos, não apresentaram nenhuma praça pública isso no lado de fora, mas sim dentro dos condomínios para o uso individualizado, selecionado de moradores.

Bairros populares mais antigos, como, por exemplo, Cidade Nova, apresentaram alto número de praças. Ele congrega os primeiros conjuntos habitacionais da cidade e teve crescimento significativo ao longo do tempo, o que pode ter refletido no número de praças existentes atualmente. Em outros bairros mais periféricos e com contingente populacional elevado, o número é menor, o que impossibilita que os moradores tenham espaço de lazer.

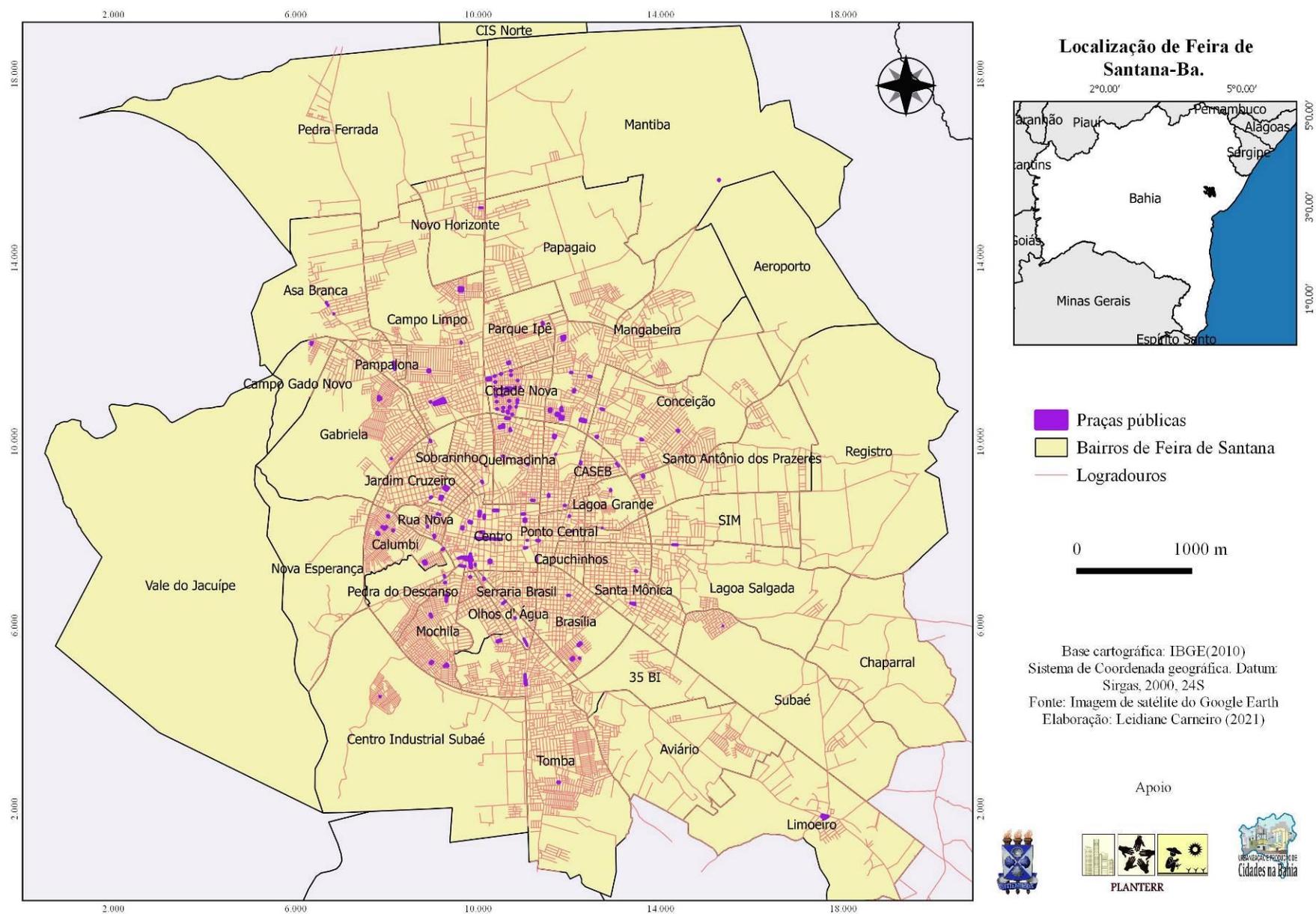
Dentre essas, pode-se destacar a Macário Barreto, conhecida como a Praça do Tomba, um espaço que, ao longo do tempo, passou por transformações em relação à apropriação e, atualmente, é utilizado para a realização da tradicional feira livre que favorece a circulação de pessoas, intensifica a compra e venda de mercadoria e a economia da cidade. O que deveria ser espaço de discussão, recreação, manifestações artísticas e culturais, desempenha também o papel terciário, o que modificou parte da antiga praça, mas ganhou novas funções importantes.

Percebe-se que a praça supracitada, assim como outras de Feira de Santana, como a Praça Presidente Médici, passaram por uma desconstrução para atender ao comércio, seja ele formal ou não, e se tornaram ao longo do tempo um espaço conhecido não pelo nome, mas pela forma que é apropriado. Já no bairro Campo Limpo encontra-se a Praça João Naiton totalmente desprovido de equipamento público, com infraestrutura precária e pouca arborização.

É importante destacar que a praça não precisa ser transformada em outros espaços para ser utilizada, é necessário que a população seja estimulada ao uso, com a criação de estratégias para que as pessoas vejam esses espaços como uma opção de relaxamento, bem estar psicológico e comunitário.

No bairro Cidade Nova, encontram-se algumas praças com áreas verdes e, aparentemente, com infraestrutura regular, como, por exemplo, a Praça Ilhéus, bastante arborizada, que possui bancos, lixeiras e uma área para caminhada. No Conjunto Antônio Carlos Magalhães, que pertence ao bairro Mangabeira, a Praça ACM é arborizada e, no seu entorno, há residências, parque infantil e rampa de acesso para os deficientes físicos. No Conjunto Feira V, há uma praça que tem como referência a Igreja Católica São Francisco de Assis e possui vários elementos que permitem à comunidade a fazer o uso, tais como, parque infantil, quiosques construídos de materiais rústicos e área livre rodeada de árvores.

Mapa 2: Espacialização das praças públicas em Feira de Santana, 2021



Algumas praças de Feira de Santana apresentam muita precariedade em relação ao seu espaço. As que estão localizadas no Centro possuem a atenção maior por parte do poder público municipal, pois são consideradas áreas de embelezamento, enquanto as localizadas em áreas periféricas, quando existem, estão frequentemente abandonadas.

Em 2016, a gestão municipal iniciou o projeto de requalificação de alguns espaços públicos, que tem como finalidade promover melhorias na infraestrutura e, teoricamente, oferecer à população um ambiente propício para atividades de lazer e revitalizar espaços. No entanto, o projeto apenas proporcionou pequenas reformas. Além disso, após a requalificação, não há manutenção do espaço. Um exemplo é a Praça dos Ex-Combatentes (Foto 5).

Foto 5: Foto da Praça dos Ex-Combatentes, Feira de Santana, 2021.



Foto: Leidiane Carneiro. Acervo pessoal de Leidiane Carneiro, maio, 2021.

No local, há a presença de jardim, bancos, o monumento cívico e uma quadra de esporte. Com a intervenção o espaço melhorou a arborização, pinturas no entorno da calçada, nos bancos e na quadra, assim como a reforma nos equipamentos da quadra. Todavia, atualmente, a praça encontra-se com a arborização e o jardim que precisam podar, o dificulta visualização dos monumentos cívicos, sem lixeira e pouco aproveitamento, ou seja, em estado de abandono (CARNEIRO, 2018).

Em todo espaço público é necessário que tenha uma legislação que possa nortear a sua funcionalidade. No entanto, na análise sobre a legislação a respeito da construção de praças públicas em Feira de Santana não foram encontradas leis mais gerais, com critérios norteadores para a sua implantação. Apenas foram localizados projetos de lei, como, por exemplo: nº 3.255/2011, que menciona a instalação de, pelo menos, dois equipamentos de ginástica e musculação para pessoas com deficiências físicas e para grupo de terceira idade; nº 3.492/2014, que decreta a obrigatoriedade de fixação de placa com a faixa etária para cada equipamento público; e nº 3.719/2017, que baliza o plantio de árvores também frutíferas em áreas verdes, como praça e jardim, cuja plantação deve ser solicitada pelos moradores, e é necessário analisar o solo e a dimensão da área. (FEIRA DE SANTANA, 2011, 2014, 2017). Contudo, é importante destacar que esses projetos de leis, na maioria das vezes, não foram aplicados à realidade das praças da cidade.

Em 20 de dezembro de 2018, foi promulgada a Lei Complementar Nº 117, que aprovou o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano (PDDU). De acordo com artigo 109, parágrafo único “Todas as praças e largos de Feira de Santana integram o Sistema de Áreas verde do município” (FEIRA DE SANTANA, 2018, p.36). Ademais, sobre as áreas verdes correspondem aos:

Art. 101 – [...] espaços, públicos ou privados, com predomínio de vegetação, preferencialmente nativa, natural ou recuperada, previstos nesta Lei e na Lei de Ordenamento do Uso e Ocupação do Solo Urbano do Município - LOUOS, indisponíveis para construção de moradias, destinados aos propósitos de recreação, lazer, melhoria da qualidade ambiental urbana, proteção dos recursos hídricos, manutenção ou melhoria paisagística, proteção de bens e manifestações culturais (FEIRA DE SANTANA, 2018, p.34).

As áreas verdes correspondem a parque urbanos, parque de bairros e de distritos, praças e largos cada uma com suas diretrizes. Ainda de acordo com o Art. 109, “Praças e largos são espaços urbanos de gozo e uso públicos, livres de edificações, que propiciam convivência e/ou recreação para os seus usuários” (FEIRA DE SANTANA, 2018, p. 34).

O objetivo da construção de um Plano Diretor é nortear o poder público e o setor privado na realização de construções, seja no espaço urbano e rural. O Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano (PDDU) de Feira de Santana não reflete a realidade da cidade. Primeiramente, um ponto importante a ser destacado foi o tempo que Feira de Santana ficou sem a atualização do plano diretor, entre 1992 a 2018, ou seja 26 anos. No contexto, a cidade cresceu e isso ocorreu com direção voltada sobretudo aos interesses imobiliários. Após esse período, o novo Plano é elaborado e não retrata as transformações que a cidade

passa com o processo de expansão; a participação da comunidade e associações em audiências públicas é registrada, contudo essa ação não existe na prática, pois a maior parte da população não foi informada, visto que não são divulgados nos meios de comunicação mais acessíveis, como rádio e TV, o que impossibilita a contribuição da comunidade de forma mais direta.

Diante desse contexto, quando uma cidade elabora um Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano (PDDU) esse deveria representar a cidade, afinal é um plano que tem como finalidade, na teoria, demonstrar a cidade o que queremos, as ações, estratégias que devem ser delineadas. O Plano que está vigente em Feira de Santana demonstra que foi construído apenas para cumprir uma normativa municipal. Com relação às praças públicas, não há critérios ou diretrizes norteadoras que possam definir os atributos necessários à construção desses equipamentos e os aparelhos essenciais que atendam a todos.

Com base na história da cidade e nas principais transformações que contribuíram para a expansão urbana, a realidade das praças de Feira de Santana demonstra que tais espaços, quando passam por reformas, essas visaram sobretudo o embelezamento. Não há contato com a população local para dialogar e decidir juntos o que deve ser melhorado, afinal o espaço público deveria ser de uso de todos, de modo democrático. Se houvesse esse diálogo, talvez essas praças poderiam ser vistas como espaços de uso em momento de descanso e não uma opção esquecida, como também não haveria tantas insatisfações dos feirenses.

No entanto, é relevante evidenciar que as praças resistem, apesar do sentimento do medo, da insegurança de fazer uso por parte da população, mesmo que em determinados espaços essas inquietações tenham sua veracidade, pelo abandono, pouca movimentação e da decorrência de assaltos, fatores que inibem o uso. Contudo, é notório que há uma resistência das praças públicas com relação ao uso, pois, embora todas essas questões, são espaços que proporcionam a população a realização de atividades esportivas, jogos, caminhadas, conversar com os amigos, sentar nos bancos para aproveitar o final da tarde. Também como espaço de trabalho, quando utilizadas para ponto de mototáxi, táxi e comercialização de alimentos. Essas ações contribuem para que as praças continuem “vivas” e interrompam ou amenizem o discurso imposto à presença e circulação de pessoas, pois, a partir do momento que se observa o uso da praça pelos moradores, certamente a vontade e aproximação de outros residentes será maior e, conseqüentemente, o sentimento de insegurança poderá ser amenizado.

No próximo capítulo, será feita uma abordagem sobre uso e apropriação que dá subsídio para compreender cada conceito, a configuração espacial que constituem as formas de apropriação e dominação pela concentração de atividades, o que contribue nas relações sociais através do uso ou apropriação do espaço pelas praticas exercidas no cotidiano, como também do controle, face os interesses. Igualmente, a discussão sobre os bairros e as praças estudadas com base na formação, caracterização e configuração do passado e do presente.

3. USO E APROPRIAÇÃO DAS PRAÇAS PÚBLICAS EM CIDADES MÉDIAS: A TRAJETÓRIA DE TRÊS PRAÇAS PÚBLICAS EM FEIRA DE SANTANA

As praças públicas consistem em espaços que são utilizados e apropriados por sujeitos distintos para diversas funcionalidades. Sendo assim, a apropriação corresponde às relações sociais que são constituídas através do uso do espaço pelas práticas cotidianas. Os espaços públicos são construídos através dessas interligações que também contribuem para a reprodução do capital. Nesse sentido, a dominação e apropriação estão presentes nos espaços públicos, que ao serem apropriados se transformam e adquirem novos significados.

3.1. USO E APROPRIAÇÃO NOS ESPAÇOS PÚBLICOS: UM BREVE DEBATE TEÓRICO

Os espaços públicos trazem elementos que fazem parte da história da cidade, sendo que alguns deles estão presentes desde a sua gênese. No entanto, esses espaços passam por transformações e, conseqüentemente, mudam as formas de uso e apropriação diante da dinâmica urbana. Neles, as relações sociais e os diálogos entre os indivíduos ocorrem, pois são espaço de interação entre sujeitos sociais seja por meio de conversa, encontro, participação da vida coletiva, espaço e da memória urbana.

A cidade consiste num conjunto de símbolos e significados, o que faz com que seja apropriada de várias formas, a depender da sua organização espacial, das intencionalidades do capital e da necessidade dos sujeitos. Silva e Carmo (2017, p.86) afirmam que “A apropriação do espaço público ocorre sob o controle do Estado, do capital e da sociedade”. O modo como os espaços são apropriados contribui para a formação de uma identidade, as instâncias que os apropriam fazem com que se determine o controle para atender a determinados interesses.

As cidades são desiguais e conseqüentemente existem conflitos sociais. Os espaços urbanos tornam-se mercadorias, logo, deixam de satisfazer as necessidades das pessoas e passam a surgir conflitos de interesses, decorrentes das diferentes relações sociais. Isso mostra que a apropriação, a produção e a reprodução do espaço estão presentes nas cidades, espaço concreto caracterizado por diversas relações.

[...] a apropriação desigual das cidades justificada pela propriedade privada, o espaço urbano torna-se mercadoria, sendo que seu valor de troca

passa a superar seu valor de uso e, por conseguinte, o mesmo é vendido em partes, o que gera as relações conflituosas que se expressam na sociedade, acarretando o aprofundamento da diferença entre pobres e ricos. (ANDRIOLI, 2001, p.254)

Segundo Corrêa (1989), o espaço urbano constitui-se em diferentes tipos de usos, os quais determinam as áreas que são utilizadas. Para o autor, essas áreas são “o centro da cidade, local de concentração de atividades comerciais, de serviços e de gestão, áreas industriais, áreas residenciais distintas em termos de forma e conteúdo social, de lazer e, entre outras, aquelas de reserva para futura expansão”. Em Feira de Santana, essas delimitações são notórias, por exemplo, na avenida Maria Quitéria estão concentradas as revendedoras de veículos; na rua Sales Barbosa, lojas de vestuários; a rua Marechal Deodoro, lojas de móveis, roupas e concentração das feiras livres, essas atividades fazem com que a cidade tenha certa organização espacial, e é nela que se constituem as formas de apropriação e dominação.

Diante desse contexto, Sobarzo (2006, p.105) ressalta que “[...] O espaço urbano exprime a relação entre dominação e apropriação”; é o espaço de dominação pelo poder público, sendo também apropriado pela comunidade através dos usos. Sobre dominação e apropriação, Lefebvre (2006) ressalta que elas podem ser analisadas conjuntamente. O autor afirma que o processo de apropriação existiu sem a dominação. No entanto, a dominação está atrelada ao controle espacial, político, que geralmente aumenta os conflitos, sendo que os sujeitos das Forças Armadas, o Estado e o poder político correspondem a elementos importantes que favorecem esse processo.

O dominado e o apropriado podem ir juntos. Eles deveriam; mas a história (a da acumulação) é também a história de sua separação, de sua contradição. O dominante o conduz [o arrasta/prevalece]. Inicialmente houve apropriação sem dominação: a choupana, o iglu, a casa camponesa etc. A dominação aumenta com o papel das forças armadas, da guerra, do Estado e do poder político. A oposição “dominado-apropriado” não se limita ao discurso; não se trata de uma simples oposição significativa. Ela dá nascimento a uma contradição, a um movimento conflitual, que se desenvolve até a vitória opressiva de um dos termos: a dominação até a redução extrema de outro termo: a apropriação. Sem que esta última possa desaparecer. Ao contrário: a prática e a teoria proclamam sua importância, reclamando a restituição. (LEFEBVRE, 2006, p.135)

Sobre a apropriação, Lefebvre (2006, p. 134) afirma que “De um espaço natural modificado para servir as necessidades e as possibilidades de um grupo, pode-se dizer que este grupo dele se apropria”; o termo apropriação refere-se a tomar algo que é apropriado e modificado para atender a um propósito. É importante destacar que quando se discute esse

conceito ele não remete à inadequação do espaço. Com base nessa concepção, Mendonça (2007, p. 297) afirma que:

As apropriações, mesmo quando intuídas e adaptadas não implicam, necessariamente, em inadequação ou indícios de marginalidade. Podem, ao contrário, indicar criatividade, capacidade de melhor aproveitamento das infraestruturas públicas e fornecer subsídios que alimentem o projeto e a construção futura de ambientes desta natureza.

No processo de apropriação é relevante compreender as relações dos aspectos físicos, econômicos, sociais e as transformações presente nesses locais, que são as feições que caracterizam os espaços para melhor aproveitamento. O outro fator também importante são as intencionalidades, os interesses sociais e políticos que envolvem desejos de inúmeras pessoas que influenciam como o espaço será apropriado.

Os espaços públicos são apropriados de inúmeras maneiras, sejam com o deslocamento, acessibilidade, manifestações e reivindicações sociais, com o intuito de expor opiniões, apresentações lúdicas, como capoeira, danças, músicas; enfim, demonstrar seus desejos e convivência. Todas as apropriações nesses espaços ocorrem de forma simultânea. Há também outras formas de apropriação que são a prática de prostituição, os usos de drogas e de moradia (CACCIA, 2011). Em Feira de Santana, essas práticas ocorrem sobretudo no Centro Tradicional e nas praças públicas a noite, como a Praça da Matriz, que tornou-se um ponto de encontro para os profissionais do sexo.

Ainda sobre as formas de apropriação dos espaços públicos, Rigatti (1995) discute a apropriação espacial, que corresponde a intervenção da população para tomar uma área pública. A exemplo disso, os passeios não são mais públicos e sim utilizados para estacionar veículos, não há a continuidade física das calçadas, o que dificulta a locomoção das pessoas em áreas que são públicas e que deveriam ser de livre passagem.

A apropriação traduz as transformações e a (re)produção do espaço, a qual influencia na dinâmica urbana. Esse processo envolve diversas interações entre os indivíduos e o espaço com o intuito de apropriar-se e, conseqüentemente, transformar o local. A apropriação se constrói em função dos conhecimentos e concepção do espaço, que envolvem a relação entre a sociedade e a natureza. É importante frisar que ela também é ocasionada pelos interesses sociais e econômicos. Diante disso, Couto e Martins (2013, p. 2) afirmam que:

O processo de apropriação do espaço também representa (re) produção da e pela sociedade. Diante disso apropriação pelos populares, isto é, pelas diversas camadas sociais é condição essencial na dinâmica urbana de uma cidade e assim corresponde a mais um fator da faceta política na

reprodução espacial. Essa apropriação se traduz, através de “leitura” do espaço geográfico à luz às particularidades no que dá identidade como também confere legitimidade a cada formação espacial distinta.

Sobarzo (2006, p.104) ratifica que “O espaço da apropriação é o espaço do usuário; o espaço do vivido. A vida cotidiana remete à relação entre espaços de representação (vividos, concretos, subjetivos, apropriados) e as representações do espaço (abstratas, objetivas, dominadoras)”. A apropriação está relacionada à vivência, práticas sociais, lugares de significados, está pautada nas experiências cotidianas diante da produção e reprodução do espaço urbano. Pode-se associar à teoria lefebvriana, principalmente sobre o espaço vivido, percebido e concebido.

Para Lefebvre (2006), os espaços vividos e concebidos não podem ser entendidos separadamente, visto que o espaço vivido está associado às relações entre os sujeitos e o contexto no qual estão inseridos, às experiências e simbolismos. Já o concebido é o espaço idealizado, dominado a uma concepção real, mesmo que esse “real” seja intencionalizado, pré-concebido, o que resulta na definição do espaço. Assim, Souza (2009, p. 3) retrata a dialética entre esses dois espaços ao afirmar que “[...] se materializa no momento que as temporalidades e as espacialidades ligadas à irredutibilidade do uso se fazem presente na apropriação da cidade”.

Sobarzo (2006, p.103) relata que a apropriação do espaço corresponde “[...] as relações socioespaciais produzidas pelo uso, nas práticas cotidianas que conformam o plano do vivido e que constroem a identidade e o sentimento de pertencimento das pessoas”, o que consiste no uso do espaço através das ações e vivências, na construção dos laços afetivos, lugar do pertencimento, o que estabelece relações com os locais.

Os espaços públicos são apropriados de diversas formas e por diferentes sujeitos com relações provenientes a eles. O privado e o público, ao mesmo tempo, produzem o espaço como também se tornam produtos dele.

[...] os espaços públicos e a relação do público e do privado devem ser analisados e considerados como produtores e como produtos da apropriação, criando relações de identidade e de reconhecimento para os seus usuários. Na condição de lugares – o calçadão, a praça central, a praça do bairro, a rua comercial, a rua de residência, o parque – esses espaços públicos permitem analisar a interação público-privado na apropriação pelo uso definido nas práticas cotidianas. (SOBARZO, 2006, p.105)

A apropriação cria relações de identidade com o lugar perante os indivíduos que fazem usos dele. Os espaços públicos, como praças, calçadas, ruas, entre outros, são espacialidades em que se mostram tais potencialidades. Público e privado são categorias que

têm significados e finalidades diferentes. O autor ressalta que “Devemos superar a separação dicotômica entre público e privado para compreender a apropriação e avançar no sentido de uma concepção em que a complementariedade esteja presente, ainda que plena de contradições. Não se trata de dois âmbitos separados, mas unidos nas suas diferenças” (SOBARZO, 2006, p. 105); ou seja, apesar das diferenças entre essas categorias, no sentido das funcionalidades, elas são apropriadas por indivíduos com realidades sociais e propósitos distintos.

Ainda sobre apropriação como privatização, Sobarzo (2006, p. 105) relata que:

A consideração da apropriação como uma privatização do espaço público na escala do corpo dos usuários inter-relaciona as esferas do público e do privado, mas também significa uma relação interescalar porque, embora falemos que a apropriação é realizada na escala do corpo, na verdade, o usuário, a partir do seu corpo, “conquista” uma outra escala representada no espaço público do bairro, do centro da cidade ou num daqueles “pedaços” de cidade definidos pelas suas trajetórias.

A concepção da apropriação tem com base outras perspectivas, pois está relacionada à escala do corpo dos indivíduos, como forma de inter-relacionar com o espaço privado e público. Essa relação parte do momento que o usuário sai do âmbito privado de suas residências para usufruir outros espaços que são públicos.

Lefebvre (1991), ao discutir o direito à cidade, demonstra que ele possibilita a democratização e o direito à vida plena, assim como questiona a existência da segregação. O espaço urbano é constituído através de áreas e tempos distintos, o que corresponde à apropriação que envolve diferentes hábitos, costumes, cultura e vivência, e representa uma espacialidade particular. Já Carlos (2007) ratifica que a luta pelo o direito à cidade está pautada na questão da dominação e apropriação dos espaços, as contradições e as relações de conflitos inerentes, pois estão atribuídos vários interesses envolvidos.

Baldissera (2011, p.42) ressalta que “a apropriação só ocorre quando os usuários consideram um lugar como sendo seu, quando se sentem à vontade, confortáveis e dessa forma têm a possibilidade de se identificarem com o universo de significados que o espaço lhe transmite”. Os espaços urbanos são locais onde se realizam todas as ações cidadinas, é nele que as pessoas em ações simultâneas constroem, transformam e se relacionam. É nesses espaços que o processo de reprodução da vida social ocorre e eles são utilizados e apropriados cotidianamente e as experiências são construídas como o meio através do dinamismo local.

As discussões sobre a dominação correspondem ao controle espacial e político que geram conflitos de interesses e têm como agentes principais o Estado. Já apropriação está

relacionada à ação coletiva, comunitária, que se utiliza do espaço para realizar práticas em grupos com o intuito de atender a uma necessidade e intencionalidades políticas, a qual proporciona transformações.

O conceito de apropriação está relacionado com o estudo proposto, pois as praças públicas são utilizadas e apropriadas por sujeitos distintos para diversas funcionalidades. A apropriação nesses locais corresponde às relações sociais que são constituídas através do uso do espaço pelas práticas do cotidiano.

A seguir, será discutida a formação e as condições estruturais das três áreas de estudo, Cruzeirinho, no bairro Queimadinha; Petronílio Pinto Cunha, no bairro Pampalona; e Santa Mônica, no bairro homônimo, espaços que estão localizados em ambientes distintos e com dinâmicas particulares, que contribuem para entender os fatores que favoreceram o uso, ou não, desses espaços públicos.

3.2. FORMAÇÃO E AS CONDIÇÕES ESTRUTURAIS DAS PRAÇAS CRUZEIRINHO, PETRONÍLIO PINTO CUNHA E SANTA MÔNICA

As praças públicas se caracterizam como espaços importantes por possuir relação de vivência para os feirenses, marcos significativo e paisagismo. As praças do Cruzeirinho, Santa Mônica e a Petronílio Pinto Cunha⁷ são espaços que apresentam diferentes configurações espaciais. Situadas em Feira de Santana, mais respectivamente em uma área central, mais elitizada e periférica da cidade, tendo em vista os critérios de localização e social.

A Praça do Cruzeirinho está localizada no bairro Queimadinha (Mapa 3), na rua principal Intendente Abdon, o que permite o acesso a vários logradouros e a av. Maria Quitéria, uma via que interliga o Centro da cidade ao Anel de Contorno. Área com o fluxo intenso de veículos (carro, moto, bicicleta) e moradores diariamente, é considerada rota de passagem, com a presença de residências, bares, restaurantes, minisupermercado, igrejas, ponto de táxi, mototáxi, parada de ônibus, escola pública e privada, fatores que contribuem no deslocamento dos moradores ao longo do dia e, conseqüentemente, o uso da praça. (Foto 6).

⁷ No texto, as concepções dos moradores da Praça do Cruzeirinho foram identificadas como PC; a Praça da Santa Mônica foram identificadas como SM; e a Praça Petronílio Pinto Cunha foram identificadas como PPC.

Mapa 3: Localização das Praças do Cruzeiroinho, Santa Mônica e Petronílio Pinto Cunha e os seus respectivos bairros, Feira de Santana - BA, 2020

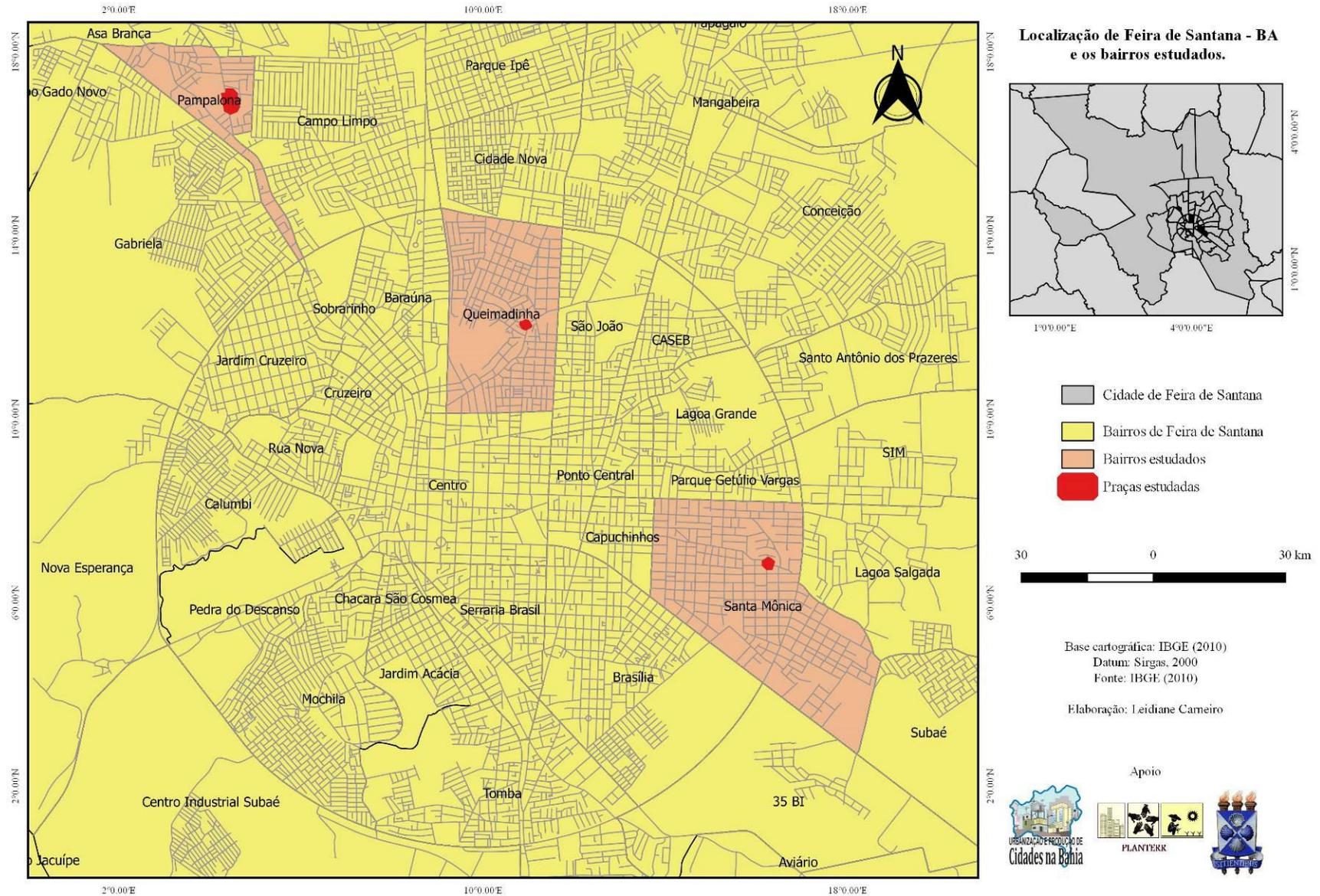


Foto 6: Espaço da Praça do Cruzeiroinho, Feira de Santana, 2021.

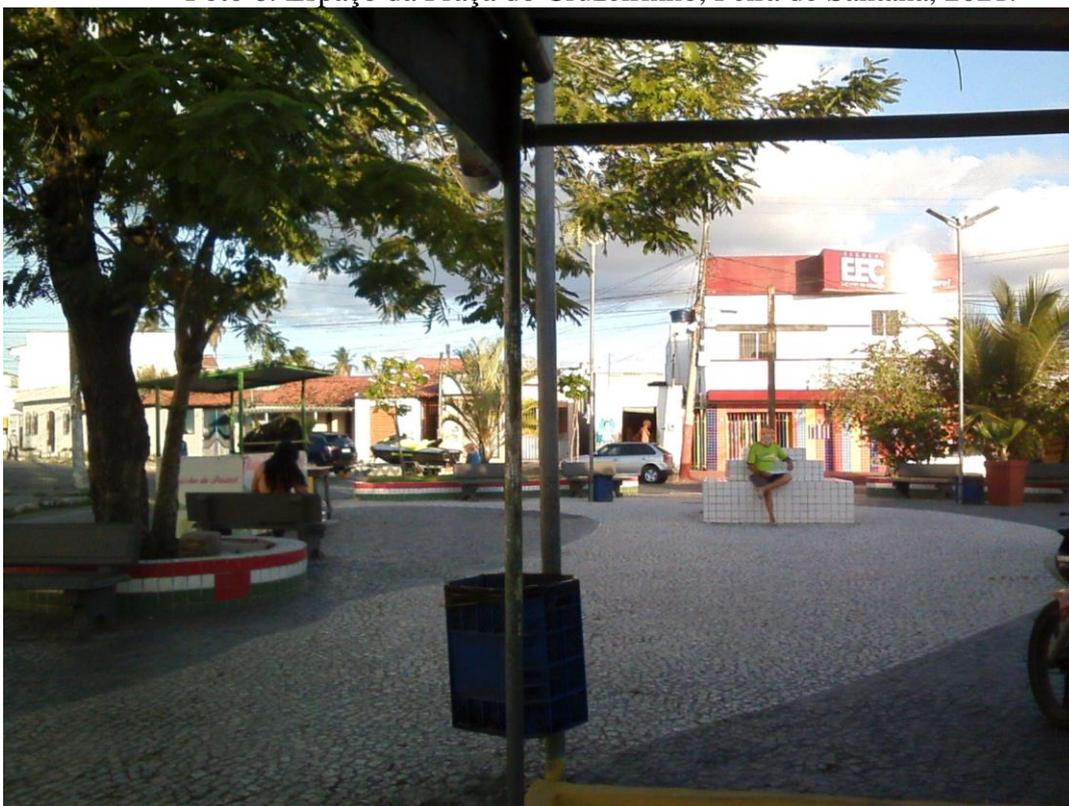


Foto: Leidiane Carneiro. Acervo pessoal de Leidiane Carneiro, Fevereiro, 2020.

A Praça da Santa Mônica é assim mencionada de acordo com o nome do bairro, pois para a gestão ela é identificada pelo o nome da rua, e está inserida no loteamento Santa Mônica⁸. Está localizada na Rua Rio Amazonas, próxima à instituição de longa permanência e de acolhimento aos idosos Lar do Irmão Velho. Possui proximidade com bar, restaurante domiciliar, loja de material de construção e supermercado, e no seu entorno só há residências e o condomínio privado de classe média alta Morada das Árvores, que está localizado na frente da praça. É uma área de passagem de pedestres que são, na maioria das vezes, sujeitos que trabalham nas residências, nos condomínios e nas mansões; possui grande fluxos de veículos cotidianamente, como automóveis de marca não populares; bicicleta e motos. A praça também possibilita o acesso a logradouros circunvizinhos à avenida Eduardo Fróes e à rua São Domingos (Foto 7).

Segundo os moradores do bairro Pampalona, a praça estudada chama-se Petronílio Pinto Cunha, em homenagem a mãe do vereador do bairro, porém os mesmos não souberam informar o nome do representante público. Contudo, segundo o representante do Departamento de Informações e Estatística da Secretaria Municipal de Planejamento de

⁸ Essa informação foi concedida pelo o Representante do Departamento de Informações e Estatística da Secretaria Municipal de Planejamento de Feira de Santana (Entrevista 11/05/2021).

Feira de Santana (SEPLAN)⁹, o nome da praça é uma homenagem ao antigo funcionário público que trabalhava na Prefeitura Municipal de Feira de Santana desde 1967. Para o Departamento de Áreas Verdes ela é identificada como Praça do Sítio Novo, que corresponde ao nome da rua principal¹⁰. Ela está localizada na rua Sítio Novo, considerada pelos moradores como bairro. O espaço onde a praça está situada também é uma rota de passagem de ônibus, carros, pedestres, moto, bicicleta, carroça e passagem de animal como cavalo.

Foto 7: Espaço da Praça da Santa Mônica, Feira de Santana, 2021.



Foto: Leidiane Carneiro. Acervo pessoal de Leidiane Carneiro, Fevereiro, 2020.

Apesar de ser um bairro periférico e ter passado por várias mudanças ao longo do tempo, o espaço ainda passa por transformação que são visíveis na entrada, onde encontramos vários empreendimentos comerciais, como supermercado, salão de beleza, igreja, um condomínio residencial. Ao chegar próximo a praça, o cenário começa a mudar, há presença de mais residências, bem como encontra-se a Estação de Transbordo não inaugurada e uma área de chácara ainda pertencente ao loteamento. (Foto 8)

⁹ Representante do Departamento de Informações e Estatística da Secretaria Municipal de Planejamento de Feira de Santana. No texto será mencionado como RP.

¹⁰ Essa informação foi observada na listagem das praças de Feira de Santana, disponibilizada pelo secretário do Departamento de Áreas Verdes durante a entrevista realizada em 27 de abril de 2021.

Foto 8: Praça Petronílio Pinto Cunha, Feira de Santana, 2021.



Foto: Leidiane Carneiro. Acervo pessoal de Leidiane Carneiro, Janeiro, 2021.

Os bairros onde estão situadas as praças possuem características distintas e isso está associado à forma como as comunidades estão organizadas, os serviços prestados e os diferentes perfis dos moradores. O Pampalona é um bairro muito antigo, no passado tinha a presença de muitas chácaras, hoje encontra-se mais “urbanizado”, porém ainda apresenta em algumas áreas terrenos vazios.

O Queimadinha só tinha fazendas e chácaras que pertenciam a alguns moradores, as quais aos poucos foram loteadas, o que favoreceu a construção de casas pelos próprios donos e compradores das terras. As primeiras residências ficavam na Rua Intendente Abdon, porém não havia uma fiscalização da Prefeitura Municipal no momento da construção das moradias. Com o tempo, o bairro foi sendo “urbanizado” e começaram a surgir supermercado, igreja e construíram as escolas. (ALMEIDA, 2006)

O outro bairro é o Santa Mônica a sua origem está vinculada a chegada dos Frades Capuchinhos, em 1950, ao ganhar uma porção de terra do fazendeiro Elisiário de Oliveira para construção do convento, a igreja, o Colégio Santo Antônio, a Rádio Sociedade, obras assistenciais, o que influenciou seu crescimento. Era um bairro pobre, no entanto, hoje é considerado pelo predomínio de residência das classes média e alta, condomínios de luxo e mansões. É importante relatar que o bairro Santa Mônica e os Capuchinhos correspondiam a único bairro, e com o tempo houve a separação. (ALMEIDA, 2006)

A tabela 3 demonstra a população total, a densidade demográfica, a taxa de

crescimento geométrico e a área dos bairros. O bairro Queimadinha tem o maior número de habitantes, cuja a densidade demográfica é de 93,0 hab/m², o que significa que é bastante populoso e povoado. Contudo, no período entre 2000 e 2010, o acréscimo foi relativamente menor, em relação aos outros bairros. O Santa Mônica apresentou uma área maior com relação ao demais bairros, sendo um reflexo da expansão urbana ao longo do tempo. O Pampalona apresentou a área e o número de moradores menor do que os outros bairros, no entanto, a densidade demográfica é intermediária com relação a distribuição dos moradores, com um taxa de crescimento geométrico relativamente maior.

Tabela 3: População Total, Densidade demográfica, Taxa de crescimento geométrico e área dos bairros Queimadinha, Santa Mônica e Pampalona, Feira de Santana – BA, 2010.

Bairro	População (hab)	Área (m ²)	Densidade demográfica (hab/m ²)	Taxa de crescimento geométrico 2000/2010.
Queimadinha	19.203	2.067.779,66	93,0	1,0
Santa Mônica	11.617	2.910.057,04	39,9	1,2
Pampalona	6.002	887.887,70	67,6	2,1

Elaboração: Leidiane Carneiro. Fonte: PRISMA (2014)

O surgimento da Praça do Cruzeiro ocorreu através de doação dos moradores, herdeiros de lotes de terra que situavam-se desde a área da praça até a av. Maria Quitéria, na qual havia a predominância de fazendas. O objetivo da doação foi promover um local para realização de orações, principalmente no período da Quaresma e da Semana Santa, rezar o terço, celebração de missa, antes da existência da Igreja de Todos os Santos. Segundo o relato da moradora, a praça “foi o local onde se realizou a primeira missa do bairro, por isso o cruzeiro (PC)”. O surgimento estava vinculado à religiosidade dos moradores, as celebrações retratadas ocorriam no terreno que posteriormente seria a praça, não tinha nenhuma infraestrutura, somente a Cruz, considerada um símbolo religioso, e através desse equipamento que a praça é chamada de Cruzeiro.

Inicialmente, a praça não tinha calçamento, era somente o terreno e, aos poucos, foram sendo colocados pavimentação, iluminação pública, módulo policial e bancos pela gestão municipal. A entrevistada PC relatou que há 38 anos o espaço também já foi uma feira livre, a mesma não se recorda o ano, em que os próprios moradores comercializavam e compravam frutas, verduras e carnes. Os produtos para serem vendidos eram colocados em barracas feitas de madeira produzidas pelos próprios comerciantes. Atualmente, essa feira livre não existe na praça, só ficou na lembrança dos moradores antigo do bairro. É

importante frisar que não foi encontrado nenhum registro fotográfico e nem documental dessa feira livre mencionada pelos moradores.

Percebe-se que a praça teve dois momentos relevantes. O primeiro com relação aos aspectos religiosos, quando iniciou todo o processo de delimitação do espaço através da doação do terreno; e o outro a feira livre, mesmo já extinta, ambos surgiram através da ação da comunidade, com finalidades diferentes. A presença da feira livre em Feira de Santana é muito significativa desde a sua formação até os dias atuais, um espaço cultural e regional.

Diante disso, a sua importância retrata como esse mercado de rua estava e está presente em praças centrais e também nos bairros. Os moradores da Queimadinha se apropriavam do espaço da praça para comercialização de produtos, gerar emprego e renda, uma ação autônoma, que proporcionou certo dinamismo local, sociabilidade, maior convívio com os moradores, pois eles mesmos eram os comerciantes e compradores e tinham como objetivo abastecer a comunidade.

Com relação à organização do espaço e dos equipamentos públicos presentes, uma moradora que reside no bairro há 63 anos relatou que a praça já existia no mesmo formato. Porém, no decorrer do tempo, o poder público realizou melhorias na infraestrutura, inserção de outros aparelhos, o que contribuiu na sua caracterização atual.¹¹

Sobre a construção da Praça Petronílio Pinto Cunha, foi uma conquista dos moradores do bairro. No entanto, o entrevistado RP afirmou que o loteamento onde está a praça supracitada fazia parte de uma chácara de Antônio Santana, que o vendeu para a Imobiliária Brasil, que realizou a doação para a prefeitura no governo do Ex-Prefeito José Ronaldo de Carvalho, porém o entrevistado não informou em qual período¹². O loteamento chama-se Vivendas Ivanete Rios de Carvalho¹³. É importante frisar que na doação já havia delimitado o espaço de construção da praça.

Era uma chácara, sem calçamento, com a presença de várias árvores de grande porte, frutíferas (laranja, caju) e vegetação nativa, não tinha muitos moradores. Segundo o entrevistado, a rua onde está localizada a praça era a velha Estrada de Maria Quitéria e havia transporte público para o distrito. Uma moradora relatou que “A praça era bem deteriorada, não tinha nenhum tipo de cuidado [...], não tinha nada de interessante, as árvores não eram cuidadas, a praça era suja e não tinha nada” (SN). Antes, não era considerada adequada para a população, precisava de requalificação, ou seja, intervenção pela gestão municipal por

¹¹ Interpretação da entrevista com a moradora antiga que reside ao entorno da Praça do Cruzeiro. Entrevista realizada em 07/09/2020.

¹² Entrevista com o representante do Departamento de Informações e Estatística da SEPLAN. No texto será mencionado como RP (Entrevista em 11/05/2021).

¹³ O nome do loteamento é da esposa do ex-prefeito de Feira de Santana José Ronaldo de Carvalho.

estar em estado de degradação para promover uma condições favoráveis de uso. Os moradores também informaram que os troncos das árvores serviram de suporte para colocar arame para cercar a praça, uma forma de demarcar o espaço.

Com o tempo, a área foi transformada. O processo de construção iniciou no governo do Prefeito Colbert Martins da Silva, os moradores não se recordam o ano, mas afirmaram que a gestão municipal modificou o espaço. Diante desse contexto, a construção começou aos poucos, com a plantação de algumas mudas para formação do jardim e depois foram colocados os bancos. Posteriormente, o jardim foi desfeito e plantaram novas espécies. As árvores de grande porte permaneceram e as menores foram alteradas. A praça supracitada tinha como objetivo oferecer para a população local um espaço de convívio social e recreação.

Na Praça da Santa Mônica, o objetivo da sua construção foi atender a expectativa da classe média alta, cujo propósito era ter o espaço para embelezamento. De acordo com a moradora que reside há 42 anos, a praça não existia e começou a ser formada depois da construção das residências e do condomínio fechado que fica em frente. Como o bairro era composto somente por chácaras, então após essas edificações restou o espaço onde atualmente é a praça, por estar situado no meio da rua, já que não tinha como construir outra residência devido à localização e ao formato do terreno, que é triangular. Como ele transformou-se em um terreno baldio, depósito de lixo pelos próprios moradores e não tinha ainda nenhuma infraestrutura.

O espaço era o encontro entre as ruas Amazonas e Anápolis. Sobre a nomeação, o morador relatou que “[...] seria chamada de Charles Alves, em homenagem a um artista plástico baiano, era o nome que estava no projeto” (SM). Contudo, a praça não possui nenhuma placa com essa informação e nem os moradores sabiam informar o motivo da não colocação do nome do artista.

Com relação à construção, há diversas concepções. A entrevistada SM, que reside no bairro, relatou que inicialmente foi iniciativa da Prefeitura, no primeiro mandato do prefeito José Ronaldo de Carvalho, entre 2001 a 2008. Contudo, entre esse período, foram colocados apenas o meio-fio e o calçamento; ou seja, houve somente a pavimentação, uma forma de delimitar o espaço. Com o diálogo da moradora, observa-se que existiu a intenção da gestão municipal em delimitar a praça, porque era um espaço que acarretava problemas com o descarte de resíduos sólidos, a insatisfação dos moradores, já que é uma área com residentes de classes alta e média. Então, promover a construção da praça com o calçamento seria uma forma do gestor ganhar visibilidade com a população. Além disso, constituiria uma forma de

controle do terreno pela Prefeitura, porque pelo visto não havia proprietário.

Na visão de outra moradora SM, foram os moradores que solicitaram a praça à gestão municipal, com apoio de indivíduos influentes junto aos representantes públicos. Então, realizaram um abaixo assinado e encaminharam para a Prefeitura. Como retorno, a gestão pública informou que só poderia construir um jardim e não uma praça, por causa do tamanho da área. Sendo assim, foi feita uma nova solicitação para construção.¹⁴

Dois moradores que residem há 50 anos no bairro relataram que a praça foi construída devido a iniciativa dos residentes do condomínio Morada das Árvores, com o intuito de organizar o espaço e fazer a retirada do lixo. Uma forma de oferecer aos donos dos imóveis um ambiente adequado, pois não era viável para os proprietários adquirirem um domicílio em frente a um terreno baldio. Para ele, a construção proporcionou um ambiente visivelmente melhor, com o contato com a natureza através da arborização. A construção da praça tem aproximadamente 10 anos¹⁵. A iniciativa do condomínio não foi porque a população que reside ao entorno precisava de uma praça, mas uma forma de ter um espaço agradável, um jardim para os moradores “ricos” do condomínio ter uma visão bem apresentada ao visualizar pela janela ou sair do prédio.

Ao analisar a praça, com relação aos equipamentos, não há muito, e sim bastante arborização, porque não era o propósito, já que o empreendimento residencial de classe média alta oferece outros espaços de lazer e, com isso, atribuiu o tamanho do terreno como justificativa da não inserção de aparelhos públicos.

As praças são espaços públicos que a população utiliza para a recreação, socialização. Para isso, é necessário que haja equipamentos que contribuam para a prática do lazer, do ócio. Na Santa Mônica, antes da formação da praça não existia equipamentos públicos. A construção se deu, primeiramente, com a infraestrutura, com o calçamento e o plantio de árvores; posteriormente, os bancos e os equipamentos rústicos (Foto 9). De acordo com os moradores, após a construção, a praça passou a ser mantida pela Prefeitura, que realiza com frequência a manutenção, principalmente quando realizam a limpeza pública nas ruas do bairro, com pintura nas calçadas, nos bancos e melhoramento na arborização.

Observou-se no espaço que a arborização carecia ser cortada; estava com algumas lâmpadas queimadas, o que dificulta a visibilidade à noite; os bancos precisavam de reparos

¹⁴ Interpretação da entrevista com os moradores antigos que residem ao entorno da Praça da Santa Mônica. Entrevista realizada em 15/09/2020.

¹⁵ Interpretação da entrevista com os moradores antigos que residem ao entorno da Praça da Santa Mônica. Entrevista realizada em 15/09/2020.

e estavam com as pinturas danificadas; e o acesso para deficientes físicos é inapropriado. Esses são aspectos que deveriam ser vistos para a gestão pública, já que a manutenção é feita frequentemente. Além da Prefeitura, também os funcionários do condomínio sempre fazem limpeza no espaço, o que justifica o que foi dito anteriormente, para o empreendimento residencial privado a praça é vista como embelezamento.

Foto 9: Os equipamentos públicos presentes na Praça da Santa Mônica, Feira de Santana, 2020.

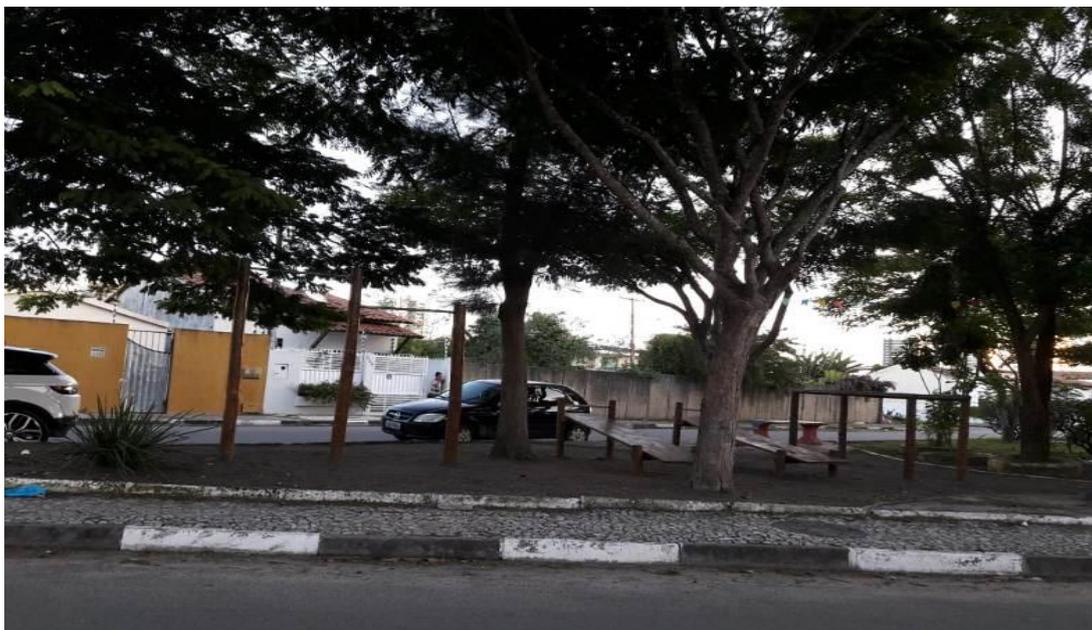


Foto: Leidiane Carneiro. Acervo pessoal de Leidiane Carneiro, Fevereiro, 2020.

Dos equipamentos públicos presentes na Praça do Cruzeiro, o mais antigo é o monumento da Cruz, que representa a religiosidade. No monumento, há uma placa informativa que retrata o ano da sua implantação em 1988. Sobre as características, a moradora afirmou que a Cruz antigamente “era pintada de azul, a pilastra era menor, só tinha uma coluna quadrada com a cruz fisgada.” (PC). Atualmente, o monumento encontra-se nessa coluna, porém foram anexados mais pilares para erguer a Cruz e está localizado no centro da praça. A Cruz é o monumento bastante simbólico, além de ser um equipamento simples, e mesmo com as melhorias permaneceu com o formato original.

Em novembro de 2010, a Praça do Cruzeiro passou por uma reforma, que foi promovida pela Secretaria de Desenvolvimento Urbano, com recursos da Prefeitura Municipal de Feira de Santana, através da indicação de um representante público do bairro. Em Feira de Santana, observa-se uma intencionalidade na realização das requalificações das praças por parte dos gestores públicos, principalmente em períodos eleitorais ou eventos públicos, sendo uma forma de transparecer para a população essa preocupação em oferecer

um espaço propício para uso. A praça supracitada é uma delas, segundo os moradores a manutenção só é realizada nesses eventos.

É importante frisar que a preservação do espaço não depende somente do poder público, a comunidade precisa fazer a sua parte, em manter o espaço limpo, por exemplo, uma praça limpa que favoreça mais utilidade, por isso, a importância da conscientização e da participação da comunidade em solicitar dos gestores ações de melhorias. Na praça do Cruzeiroirinho os moradores destacaram essa questão da limpeza pública, isso por vivenciar o desgaste do lixo próximo a praça, em frente do muro da escola pública. Eles relataram que o mal cheiro é intenso, o que impossibilita o uso, isso porque não são descartados o lixo somente no dia da coleta, assim os animais, como os cachorros, danificam os sacos e os resíduos orgânicos ficam disposto na rua.

A praça passou por uma transformação total com relação a infraestrutura. Foi feita nova pavimentação, retirada do Módulo Policial, e não houve nenhum comunicado à população ou uma pesquisa de opinião para saber se os moradores preferiam ou não a remoção. No espaço, foi inserido um *trailer*, que sempre é alugado, o que favorece no dinamismo do espaço da praça com a frequência dos moradores. É importante destacar que ações como essa são práticas frequentes dos gestores municipais, ao não promover diálogos com a população para saber o que prefere ou que precisa, necessita e deseja. Todavia, o representante da Secretaria Municipal de Planejamento (SEPLAN) afirmam que há diálogo com a população e que as mudanças que são realizadas nas praças estão de acordo com a solicitação dos moradores. No entanto, é visto que as reclamações dos residentes continuam e se houvesse esse diálogo não haveria insatisfação da população.

A Praça do Cruzeiroirinho ganhou novos bancos de cimento, que antes da reforma eram no formato retangular; o local possui árvores, porém não o suficiente para proporcionar um conforto térmico; e no canteiro do jardim foram colocados azulejos nas cores verde e vermelho e mesas com jogo de damas que ficaram localizadas no final da praça, em uma área com pouca sombra. Essas mudanças não foram atrativas, não priorizou as necessidades de todos. Com a inserção de outros equipamentos, também não foi visualizado acesso para pessoas com limitações físicas, prática que é também recorrente. A melhoria no espaço é importante, mas quando uma reforma é idealizada é relevante trazer algo que amplie o uso e a apropriação. A entrega da praça aos moradores se deu em dezembro do mesmo ano. (SIMAS, 2010)

A praça do Cruzeiroirinho é o espaço de ponto de táxi, mototáxi e parada de ônibus coletivo, moradores do próprio bairro que fazem o uso do espaço para a realização do

trabalho, como também para a realização de atividade no seu momento do ócio. Além disso, as pessoas vivenciam o espaço, observam o cotidiano, criam laços afetivos com outros moradores e com a praça de maneira que se preocupem em proporcionar melhorias, como exemplo, plantação de mudas de plantas no jardim, regar a vegetação, ações simples, mas que fazem uma grande diferença, além disso, de certa maneira, influenciam outros moradores a ajudar, a contribuir. Foi entrevistado um taxista na praça supracitada que acorda às 5 horas da manhã para regar o jardim da praça, poda as flores e plantas. Ele afirmou que é uma satisfação realizar essa atividade diária, pois tem consciência que a praça é de todos e se cada morador fizesse a sua parte, a praça estaria bem mais preservada. (Foto 10)

Foto 10: Equipamentos públicos presentes na Praça do Cruzeirinho, Feira de Santana, 2020.



Foto: Leidiane Carneiro. Acervo pessoal de Leidiane Carneiro, Janeiro, 2020.

Em 2020, a Prefeitura Municipal, através do Projeto Nova Iluminação Pública de Feira de Santana, trocou as lâmpadas de vapor de sódio ou metálico por modernas luminárias de led (FEIRA DE SANTANA, 2020). Dentre as diversas localidades contempladas na cidade, está a Praça do Cruzeirinho, que em fevereiro de 2020 recebeu nova iluminação, que, segundo os moradores, contribuiu bastante no aumento da claridade e proporcionou a circulação durante a noite. Todavia, eles afirmaram que há dias que a praça fica sem iluminação. Isso reflete que não há preocupação contínua pelo poder público em observar se os equipamentos que foram inseridos precisam de reparos. Essa também é mais uma prática da gestão pública municipal, a não conservação frequente de algumas praças, e

fica evidente que só há a preocupação na reforma, após isso o espaço é relativamente esquecido.

Na Praça do Petronílio Pinto Cunha, os elementos que existiam antes eram as árvores, com espécies frutíferas, alguns bancos e a quadra, e não tinha infraestrutura. A praça apresentava uma infraestrutura irregular, os canteiros dos jardins estavam danificados, e somente a quadra possibilitava a parte da população algum uso, porém não tinha boa estrutura. Essa reforma foi bastante significativa para a população, pois ofereceu espaço de lazer, como novos aparelhos públicos que contribuem na socialização.

A Praça passou por duas reformas ao longo do tempo. Na primeira, foram construídas a quadra e os quiosques. Sobre os quiosques, um morador afirmou que “[...] foram construídos pela Prefeitura, pois antes naquele espaço havia barracas antigas para a comercialização de produtos (PPC)”. Na concepção do entrevistado, os quiosques foram construídos e doados para os vendedores da barraca, uma forma de oferecer um novo ambiente de trabalho, promover maior circulação e aproveitamento da praça pelos os moradores.

Ao entrevistar o proprietário de uns dos quiosques, o mesmo relatou que quando a praça foi reformada em 2011, na gestão municipal de Tárçiso Pimenta (2009/2012), a pedido dos moradores, isso resultou no aumento da frequência de moradores de bairros circunvizinhos. Foi inserido parque infantil de madeira, recuperação da grade da quadra poliesportiva, plantio de mudas, novos bancos e mesas em cimento. No entanto, é importante frisar que a restauração não é suficiente, pois é preciso manutenção contínua. Sendo assim, a praça supracitada, como qualquer outra da cidade, necessita de reparos e limpeza e a colaboração da comunidade em manter o espaço limpo.

Em entrevista, um representante do bairro relatou que na praça Petronílio Pinto Cunha havia um funcionário público da limpeza urbana, gari, que foi solicitado pelos moradores para o prefeito José Ronaldo de Carvalho para a realização da limpeza, visto que, pelo fato da praça ser bastante arborizado, com vegetação arbórea, as folhas sempre caem. Com isso, fica o espaço coberto por folhagem, com aparência de abandonado, mal cuidado, sujo e imprópria para o uso. Esse profissional criou um laço afetivo com a comunidade e mantinha a praça sempre limpa. Com a retirada das suas funções, o representante do bairro e outros moradores compareceram a Prefeitura para solicitar o retorno do gari, por perceber que o funcionário era necessário para a manutenção do espaço. Após insistência, o gari retornou a atividade de limpeza na praça, isso no período da eleição e ficou notório que o retorno do profissional foi intencional, para demonstrar para a população que o poder

público atende a solicitação e adquirir votos. Diante dessa situação, a comunidade precisou se mobilizar em busca de direito a ter acesso a praça limpa, uma ação que o poder público deveria fazer sem precisar do pedido dos moradores.

Foto 11: Equipamentos públicos presentes na Praça Petronílio Pinto Cunha, Feira de Santana, 2021.



Foto: Leidiane Carneiro. Acervo pessoal de Leidiane Carneiro, Janeiro, 2021.

Na concepção dos moradores da Praça Petronílio Pinto Cunha, a reforma valorizou o bairro e promoveu a sensação de segurança devido à presença da iluminação. Além disso, proporcionou as crianças, jovens, adultos e idosos uma opção para exercer a atividade de lazer, se reunir, jogar futebol, não sendo necessário o deslocamento para outro bairro ou lugar em busca de espaço livre. Os residentes da Praça da Santa Mônica relataram que as mudanças foram poucas, visto que o espaço não contém equipamentos públicos diversificados que atendam a todos, precisa de melhor organização, porém só o fato de não ser mais um depósito de lixo já foi um avanço. A Praça do Cruzeirinho apresenta atualmente o Monumento da Cruz, contudo não há mais as celebrações religiosas; existem bancos, jardins, mesas de jogos e *trailer* (lanchonete) porém é notório saber que essas modificações não impactaram muito no uso, e nem foram inseridos equipamentos atrativos, pois houve somente o melhoramento do espaço.

Com base os aspectos históricos e as condições infraestruturais, percebeu-se que as praças supracitadas não são iguais. Possuem elementos estruturais e urbanísticos que as tornam diferentes. Esses elementos ao longo do tempo foram transformados para promover

ambientes melhores para a população e/ou atender interesses de grupos privados em ter um espaço de embelezamento.

Inicialmente, o fator que distingue essas três praças é a localização, o que contribuiu nas principais mudanças. Elas estão inseridas em bairros que possuem características diversas, o que colaborou na dinâmica dos espaços e na diversidade das atividades ao seu entorno. As situações econômicas dos moradores presentes refletem a diferentes padrões de renda. O bairro Queimadinha caracteriza-se por estar localizado em uma área pericentral, o que favorece o fluxo de pessoas, além disso, é publicizado pelo alto índice de criminalidade e tráfico de drogas; o Pampalona é um bairro periférico, com população com padrão de renda baixo; e a da Santa Mônica com residentes de média e alta rendas. Essa disparidade de classes permite compreender a configuração, o dinamismo e isso acarreta na funcionalidade que essas praças exercem para os residentes. O mapa 4 demonstrar a desigualdade da renda entre os bairros analisados.

Elas apresentam diferentes interesses entre os sujeitos envolvidos. As praças do Cruzeiroinho e Petronílio Pinto Cunha são espaços mais comunitários, foram idealizados para atender a população e por estar no logradouro principal tornaram-se pontos de referência. Contudo, é importante destacar que em frente da segunda praça está sendo construído um Terminal Integração de Ônibus, que irá favorecer maior circulação de pessoas e, provavelmente, maior frequência nos quiosques presentes, que no momento encontram-se um alugado pelo morador do bairro, que comercializa lanches (sanduíche) e bebidas em geral.

Na Santa Mônica, inicialmente, era possível observar, com base em seu contexto histórico, dois grupos envolvidos, os moradores e o condomínio. Porém, com as entrevistas, ficou visível que os residentes antes tinham um interesse maior com relação ao melhoramento da infraestrutura, pois havia um fator negativo, que era o lixo. Depois que o problema foi resolvido, não ficou aparente a vontade de obter mais melhorias. Todavia, ao olhar sobre o espaço físico, os residentes do condomínio ainda são o grupo que tem mais interesse de manter o espaço “organizado”, mas é evidente que há uma intencionalidade, pois para os condôminos não é viável ter em frente uma praça abandonada.

Ao comparar as infraestruturas, ficou evidente que as três praças possuem tamanhos diferentes, uma com mais equipamentos do que outras. Das três, a única que possui maior variedade de equipamento público é a Praça Petronílio Pinto Cunha, por possuir um espaço maior. Segundo o entrevistado RP¹⁶, a área total da praça é de 3.879,45m², e que permite a instalação de mais elementos, porém necessita reparos, melhoria na limpeza, pois há descarte irregular de resíduos sólidos no local. A Praça da Queimadinha, apesar de alguns elementos que devem ser melhoradas, foi a que apresentou uma infraestrutura melhor, os equipamentos estão mais conservados, apesar de apresentar um espaço menor, em relação à Petronílio Pinto Cunha, é maior, no que se refere à Santa Mônica. A Praça da Santa Mônica apresenta um formato diferente e com poucos equipamentos, em relação às demais. Por ter moradores com padrão maior renda, os residentes aproveitam outros espaços para o lazer. Então a praça não é um espaço atrativo e de preferência para a população adulta, somente para as crianças que utilizam o espaço para brincar de futebol, por isso não há preocupação de inserção de novos equipamentos.

¹⁶ Entrevista com o representante do Departamento de Informações e Estatística da SEPLAN. No texto será mencionado como RP (Entrevista em 11/05/2021).

4. PRAÇAS PÚBLICAS EM FEIRA DE SANTANA: INTERAÇÃO, CONVÍVIO, CARÊNCIA E RESISTÊNCIA

O espaço público é considerado como aquele a ser apropriado, modificado e transformado para suprir necessidades de determinado grupo e atender intencionalidades, interesses políticos, sociais, local de debate e manifestações. São esses espaços que proporcionam a ocorrência de práticas lúdicas, socialização na realização da vida cotidiana. Este capítulo está dividido em quatro seções e contempla a discussão acerca das praças como espaços de uso, encontro e entre outros. Primeiramente, foi feita uma análise sobre a importância das praças públicas de Feira de Santana, face a concepção dos feirenses, os pontos positivos e negativos atribuídos e as avaliações das condições das infraestruturas.

Em seguida, a contextualização acerca da dinâmica socioespacial das três praças analisadas, ao destacar a localização, os elementos contidos ao redor e que interferem na dinâmica cotidiana. Posteriormente, a discussão sobre a ação pública, na qual realizou-se a contraposição das falas dos representantes municipais com as dos moradores, as principais transformações e manutenção que os entrevistados presenciaram ao longo do tempo.

E, por fim, a discussão sobre o uso, desusos e resistências nas praças de Feira de Santana. Essa seção aborda o uso desses espaços pelos moradores: as justificativas do uso, grau de satisfação (ou não) sobre a configuração atual, as sensações, com quem costumava-se frequentar; enfim, a demonstração que existe uma resistência das/nas praças, apesar de todas as inquietações.

As discussões dos dados obtidos com base na aplicação das entrevistas foram agrupadas por categorias, com destaque nas faixa etárias estipuladas entre até 19 anos¹⁷, de 20 a 59 anos¹⁸ e acima de 60 anos¹⁹. Sobre os respondentes da pesquisa de opinião²⁰, também serão identificados, porém não foi atribuída nenhuma categoria. O objetivo dessa categorização é identificar com mais perceptibilidade as informações coletadas para atender a proposta deste texto.

¹⁷ A concepção dos moradores com a faixa etária de até 19 anos e que pertencem a praça do Cruzeiroirinho é identificada como PC1; Praça da Santa Mônica como PSM2; e Praça Petronílio Pinto Cunha como PPC3.

¹⁸ A concepção dos moradores com a faixa etária de 20 a 59 anos e que pertencem a praça do Cruzeiroirinho foi identificada como PC4; Praça da Santa Mônica como PSM5; Praça Petronílio Pinto Cunha como PPC6.

¹⁹ A concepção dos moradores com a faixa etária acima de 60 anos e que pertencem a praça do Cruzeiroirinho foi identificada como PC7; Praça da Santa Mônica como PSM8; Praça Petronílio Pinto Cunha como PPC9.

²⁰ A concepção dos moradores que participaram da pesquisa de opinião foi identificada como FE.

4.1. IMPORTÂNCIA DE UMA PRAÇA PÚBLICA NUMA CIDADE MÉDIA COMO FEIRA DE SANTANA.

As praças públicas consistem em espaços representativos e que trazem na sua infraestrutura elementos que simbolizam a sua formação. Como vimos na subseção 2.1, nos períodos históricos, na Grécia Antiga e Medieval, elas estavam presentes em pontos estratégicos, como na proximidade com os edifícios administrativos, pois proporcionavam circulação de pessoas e favoreciam as diversas manifestações populares, religiosas, culturais e na comercialização de produtos.

Para ratificar a discussão, a contextualização das praças públicas e sua importância, uma moradora relatou sobre as relevâncias delas elencando os aspectos históricos.

Eu passo da ideia que a praça desde sempre é a construção do espaço público e de encontro. A praça quando ela surge, eu acho que é desde a Grécia antiga, se eu não me engano, principalmente em Roma por aí. Nesse período antigo sempre foi espaço de discussão, as pessoas se encontravam para discutir questão que interessava pontos em comuns, questões políticas, questões sobre ordem, organização, coisas que se interessava a todos, em comum. (PSM2)

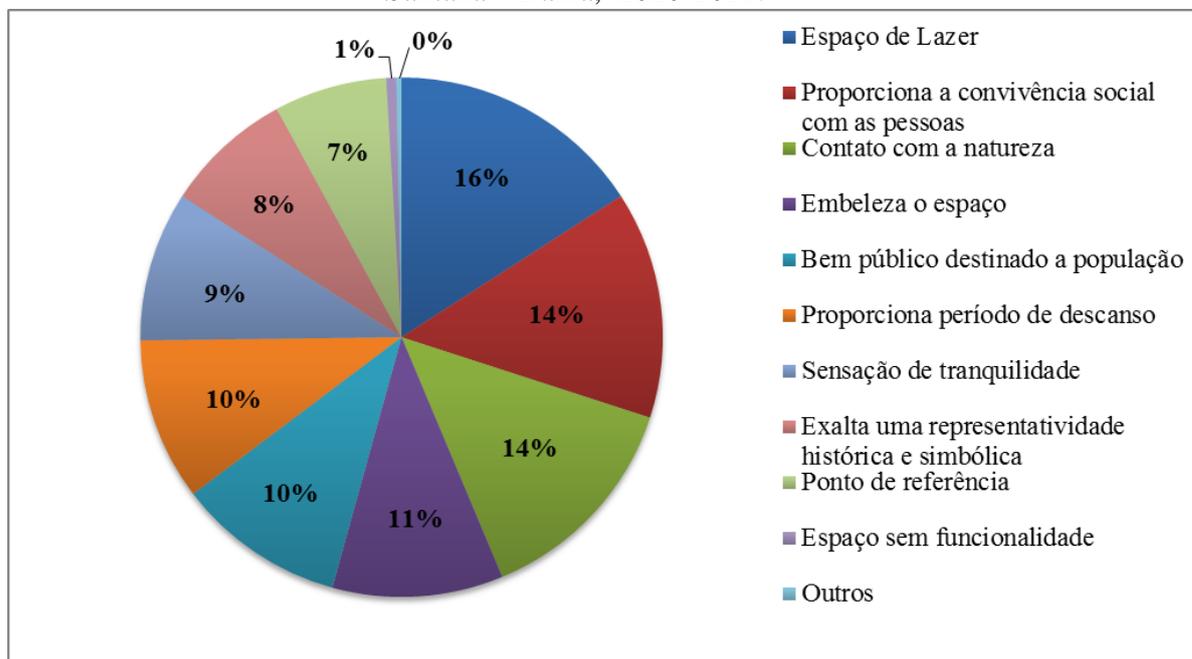
Percebe-se na opinião da entrevistada que a praça tem uma contribuição na vida dos indivíduos, a partir do momento que se tornou um espaço significativo, como “palco” de discussões. Essas características são notórias ainda nas cidades pequenas, principalmente quando se tornam espaços dos espetáculos; ou seja, as apresentações populares, sobretudo no período das festas juninas e eleitorais. As pessoas ainda têm o costume de frequentar as praças para conversar, promover encontro, recreação, e tornam-se referência na cidade, pois denotam como característica a centralidade. O que reflete como as praças públicas eram e ainda continuam sendo espaços coletivo e do turismo.

Justamente esse é o local de socialização, encontro, executarem atividades no coletivo. Uma praça sempre foi utilizada para apresentação de música, de concertos musicais, peça de teatro e de atividade física. Sempre vejo a praça como um ambiente coletivo e tem a importância dos indivíduos executarem o coletivo e a convivência em grupo. (PSM5)

Feira de Santana é considerada, de acordo com este estudo, uma cidade média. Suas praças têm grande importância, sobretudo as centrais, que fizeram parte da sua formação. As localizadas nas áreas periféricas têm relação com o surgimento dos bairros e/ou com doação de loteamento, que já deixam delimitado. Já as centrais tem relação com o surgimento da cidade. Apesar de ter seu surgimento distinto, cada uma com a sua

finalidade, as praças possuem importância expressiva e afetiva para a população. Isso pode ser demonstrado no gráfico 1, que retrata a opinião da população feirense, de uma forma geral, sobre a importância das praças públicas na cidade.

Gráfico 1: Opiniões da população quanto a importância das praças públicas em Feira de Santana – Bahia, 2020-2021.



Fonte: Pesquisa de opinião (2020-2021). Elaboração: Leidiane Carneiro.

O gráfico 1 revela que 16% dos feirenses consideram a importância das praças como um “espaço de lazer”; 14% afirmaram que “proporciona a convivência social com as pessoas e o contato com a natureza; 1% “espaço sem funcionalidade”. É importante frisar que durante a coleta de dados foi observado que o termo lazer é interpretado pela a população pela disposição de infraestrutura, melhoramento dos equipamentos, como também momento destinado para o descanso e o aproveitamento o seu dia de folga. Contudo, como afirma Pimentel (2010), o conceito de lazer está relacionado ao “tempo livre” das rotinas trabalhistas, não ao um repouso remunerado. As praças proporcionam o encontro das pessoas, seja do convívio ou não, o que possibilita a troca de experiências e ideias através do diálogo, o que pode-se associar ao espaço social e de vivências, que proporciona melhoria na qualidade do ambiente, o contato com a natureza, por meio do jardim, das árvores, do som e da presença de pássaros.

Outro resultado que se destacou com um percentual menor, mas também importante, é a concepção dos entrevistados ao afirmarem que as praças são “espaços sem funcionalidade”. Isso reflete na concepção dos moradores que elas não carregam nenhuma

função na malha urbana e que não representam marco referencial que possa estimular o convívio e que tenha importância, o que merece ser observado. Essa declaração também remete a outras convicções, dentre elas: a falta de hábito de uso desses espaços perante os entrevistados; a influência que esses sujeitos sociais tiveram com relação as opiniões atribuídas as praças, por conceber que elas não desempenham nenhuma função, vistas como desinteressantes; como também as novas opções de entretenimento tais como, parque privativo; acesso aos canais fechados; arena de futebol privada e entre outros; que são oferecidas no contexto atual. É importante ressaltar que as praças se transformam a partir do contexto histórico e social no qual estão inseridas. As praças demonstraram diversas funcionalidades e utilidades ao longo do tempo, sem deixar de ser espaços tradicionais e privilegiados em distintas perspectivas, sejam social, cultural ou histórica.

As praças são importantes para a realização da recreação familiar, na qual pode-se associar a concepção de Lefebvre (2006), que defende a ideia de que o indivíduo deveria ter o acesso à vida pública e cujo o espaço vivido está relacionado aos momentos de vivência dos usuários e habitantes, com o intuito de promover a produção e reprodução socioespacial. Para ratificar sobre isso, o entrevistado resalta que “É particularmente um lazer para as famílias e a distração dos mais novos, dos meninos brincarem em se divertir, a família se reunir também para conversar e dialogar”(PPC6). Todavia, é relevante destacar que a finalidade do uso pode ser distinta, porém o acesso deveria ser de todos, independente da faixa etária.

Quando se refere a praça, logo nos remete a lembrança da infância. Como afirma Angelis (2000), esse pensamento está atrelado aos elementos presentes, tais como balanço, a gangorra ou o escorregador, que faziam parte do cenário das crianças, o que acaba agregando a todos os membros familiares.

Para ratificar o que foi discutido anteriormente, o relato demonstrou como as praças são relevantes para a população, principalmente para aqueles que comumente não têm espaços que possam lhes oferecer momentos de descanso e entretenimento, sobretudo para os idosos, de aproveitar a vida e desfrutar do tempo livre, depois de um longo período de trabalho, em buscas de um envelhecimento saudável. Então, as praças têm o propósito deles conversarem com os amigos, vizinhos, realização de atividades agradáveis, que permitem exercitar a mente e o corpo; na prática de jogos de dominó, baralho e caminhada.

Os shopping centers, como discutido, são sinônimo de comodidade e oferecem recreação diversificada, como cinema, loja de games, parque infantil e loja de vestuário. No entanto, essa alternativa foi idealizada para atender aos jovens e adultos, pois o objetivo

desse empreendimento é a obtenção do lucro, algo atrativo para essa faixa etária, que está atenta as novidades e o incentivo ao consumismo. Não se observa muitas opções de recreação destinadas para os idosos. O mesmo se reflete aos bares, que geralmente em Feira de Santana é o que mais são oferecidos para a população, com o intuito de promover distração nos finais de semana e a noite, porém é mais destinado para os jovens e adultos.

É justamente isso um lazer que a população não tem em Feira de Santana, idosos gostam de sentar na praça, conversar, toma uma fresca e ver os amigos. E esses lugares que agente vai como, shopping, bares não é todo muito que gosta de bar e shopping. É na praça que os moradores que estão ali senta e diverte. Eu passo diariamente e vejo as pessoas, conversando. (PPC6)

Algo bastante relatado pelos moradores está relacionado ao embelezamento que essas praças oferecem (ou deveriam oferecer) para as cidades, como afirma a moradora: “[...] é muito maravilhoso, embeleza muito a cidade. Uma cidade sem uma praça não tem uma visão bonita” (PPC9). Essa percepção remeteu ao período do Renascimento e, segundo Novaes (2011), as praças correspondem a elementos urbanísticos para a transformação e embelezamento; ou seja, considerava-se que elas proporcionavam a visualização “bonita”, a qual se priorizava ao embelezar. Foi observado que as praças são vistas como se fossem jardins, sobretudo na visão dos moradores que residem no “bairro nobre”, na qual se refletiu muito a valorização do “belo” e não a associação de outras funções que as praças podiam oferecer.

As praças devem ser planejadas e construídas com o intuito de oferecer opções de entretenimento para a comunidade, principalmente em bairros periféricos, distantes do centro urbano. O mapa 2, da distribuição das praças públicas de Feira de Santana, demonstra a disposição desigual, ou seja, nem todos os bairros têm uma praça. A concentração está dentro do anel de contorno, pois é onde estão concentradas as praças históricas. As que estão localizadas fora do centro e que se apresentaram em maior quantidade estão em bairros populares como: Cidade Nova e Mangabeira. Para ratificar sobre isso, os moradores relataram que “[...] bom seria se cada bairro estivesse uma praça para o lazer, diversão e entretenimento [...]” (PSM8); “Dar um pouco de lazer para a comunidade de cada bairro”(PSM8). Essas falas deixam explícito o desejo dos moradores pela presença de uma praça em cada bairro. Sua ausência os inibe de ter um espaço gratuito para diminuir o estresse, principalmente para aqueles que não têm condições financeiras de “comprar” o momento de diversão nas lojas de jogos eletrônicos, parquinhos infantis privativos, arena de futebol, entre outros.

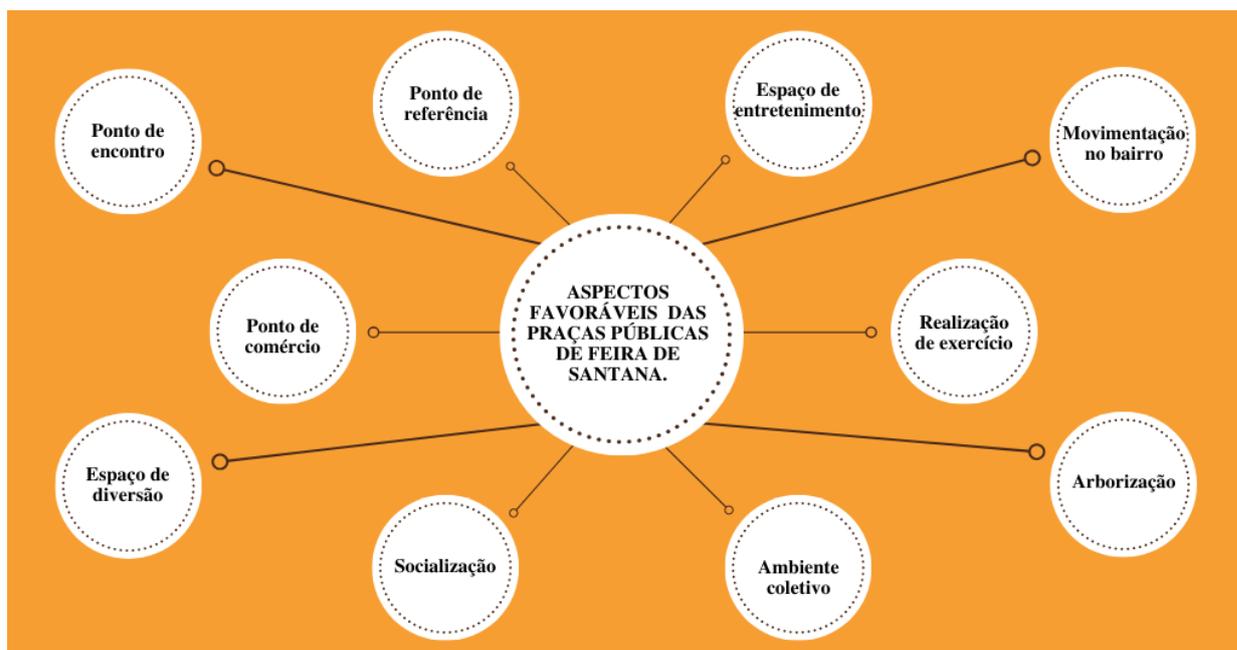
Os feirenses também relataram a importância das praças no momento da pandemia da Covid-19, desde 2020. Com as restrições, elas se tornaram fundamentais por serem abertas, para sair com os filhos e netos ao ar livre e ficar um pouco a vontade, seguindo os protocolos de segurança necessários. Um espaço importante que favorece ao relaxamento no momento de grande incerteza; olhar a paisagem, que, de acordo com os moradores, se sentiam um pouco mais livres. Para os feirenses, as praças proporcionam momentos de socialização, de vital importância no convívio social.

Contudo, alguns entrevistados não concordaram sobre a importância das praças, pois as mesmas não são bem organizadas e não oferecem segurança. Como afirma o entrevistado, “Não acho importante! Deveria ser, se fosse bem cuidada e segura. Têm praças públicas que não podemos nem passar por ela, imagine sentar e conversar com os amigos. Não adianta ter uma praça sem limpeza e sem cuidado”(PC4). Essas inquietações perpetuaram-se bastante nas opiniões; o da insegurança e da falta de manutenção foi o que contribuiu para a não relevância e, conseqüentemente, o não uso, por medo, que pode ocasionar o afastamento da população. A partir do momento que as praças contribuem para as relações sociais, ao mesmo tempo, os conflitos estão presentes, pois somos sujeitos sociais diferentes, temos objetivos e interesses também distintos, sobretudo com relação ao uso e apropriação.

No decorrer da discussão sobre praça pública observa-se que a relevância e o papel que elas têm para a população. Diante disso, é proeminente elencar os principais aspectos favoráveis e desfavoráveis que foram atribuídos às praças de Feira de Santana, como forma de compreender as opiniões dos moradores, em virtude da qualificação espacial, assim como as principais inquietações. Com base nesses pressupostos, também foram trazidas as convicções dos moradores das três praças estudadas com relação aos citados pontos, os quais foram expostos nos fluxogramas 1 e 2.

O fluxograma 1 demonstra os principais aspectos favoráveis atribuídos às praças de Feira de Santana. Percebe-se que houve uma pluralidade de aspectos destacados pelos moradores das três praças estudadas ou que residem em outros bairros e/ou próximos a outras praças. Para os investigados, as praças são espaços comunitários e coletivos.

Fluxograma 1: Aspectos favoráveis atribuídos às praças de Feira de Santana pelos os moradores das praças do Cruzeiroinho, Santa Mônica e Petrolínio Pinto Cunha, 2021.



Elaboração: Leidiane Carneiro
Fonte: Entrevistas (2021)

A praça é parte integrante do cenário cidades. Elas proporcionam ações relacionadas aos momentos de diversão, apresentações culturais e religiosas, o que torna um ambiente de multiplicidade. Sobre isso, Sun (2008) refere-se que a praça tem um papel fundamental na configuração, desenho urbano e na vida das cidades, sendo a convergência entre empreendimentos. Para salientar sobre a sua importância, uma moradora reafirmou que uma cidade sem praças é como se fosse um espaço “vazio”, sem arborização, sem embelezamento, com a presença somente das edificações, fluxos de veículos e de pessoas. A moradora relaciona a falta de uma praça como se fosse “um caminho sem fim”; é como caminhar pela cidade em um percurso que não possibilite apreciar e explorar áreas verdes e ao ar livre²¹.

As praças também foram consideradas ponto de comércio, o que gera renda para os moradores e, conseqüentemente, contribui na movimentação no bairro, com a atração de residentes de logradouros circunvizinhos. Esse cenário demonstra a luta diária pela sobrevivência, principalmente nas praças localizadas próximo ao centro, nas quais é notório a concentração de vendedores informais ou formais que comercializam suas mercadorias. Os indivíduos que vivenciam o cotidiano das praças observam a dinâmica e o

²¹ Interpretação baseada na entrevista com a moradora que reside próximo a Praça do Cruzeiroinho, Fevereiro, 2021.

modo de usos pela população.

Sabe-se o quanto as feiras (livre e de gado) foram importantes para a construção urbana de Feira de Santana e que as praças foram e ainda continuam sendo utilizadas para comercialização de produtos agrícolas e foi através delas que as relações sociais aconteciam desses diferentes sujeitos. Hoje, ainda se tem tal representatividade e presença desses ambulantes em algumas praças e ruas da cidade, como ao lado da praça Bernandinho Bahia e na rua Marechal Deodoro da Fonseca, na qual se observa resistência. Então, pode-se afirmar tais praças como pontos de comércio/serviços desde os dois séculos passados e que contribuem para o fortalecimento da cidade como entreposto comercial.

Outra opinião mencionada foi sobre a peculiaridade das praças como pontos de referência para moradores, empreendedores comerciais do entorno e empresas de entrega de correspondências, o que contribui na facilitação da localização e identificação de endereços. As praças são construídas em posição estratégica nos bairros, estão presentes em logradouros centrais, de passagem intensa de pessoas, com proximidade de prédios institucionais administrativos, educacionais e igrejas.

Um morador informou que a praça “Acolhe as pessoas, não somente os moradores, mas as pessoas que vêm de fora ter sempre uma área de lazer, uma área de esporte, um parque para as crianças. A praça não é importante somente as plantas, mais uma opção de lazer” (PPC9). As praças foram construídas para o povo, como afirmou Castro Alves no seu poema O povo ao poder; “A praça é do povo. Como o céu é do condor” (ALVES, 1921); ou seja, consiste em espaços coletivos, de convivência em grupo ou individual, propícios a realização de manifestações, atos de protestos, expressar opiniões, a qual deve-se ter a preocupação não somente com a arborização, como é visto em Feira de Santana, mas com todos os elementos que contribuem na sua configuração espacial e finalidade.

Outro ponto que também se destacou nas opiniões dos moradores é que as praças são voltadas para as crianças, quando são oferecidos equipamentos, como parque, quadra de esporte. Como afirma a entrevistada: “é quando uma praça tem brinquedos para as crianças brincarem ao final da tarde ou a noite, tomar sorvete, tirar as crianças um pouco dentro de casa”(PPC9). Isso proporciona o estímulo ao desenvolvimento e o resgate de brincadeiras ao ar livre, e contribui no desprendimento do uso dos aparelhos eletrônicos, de filmes, séries, nem que seja por pouco tempo, com o intuito de proporcionar a possibilidade socialização com outras crianças. Em Feira de Santana, as praças que possuem equipamentos para as crianças, como parque infantil, geralmente precisam de reparos, como, por exemplo, a Praça Petrolínio Pinto Cunha, que tem esse aparado feito de

madeira, no entanto, está danificado, com estrutura precária, o que pode trazer riscos. (Foto 12)

Foto 12 : Balanço do parque infantil danificado na Praça Petrolínio Pinto Cunha, 2020.

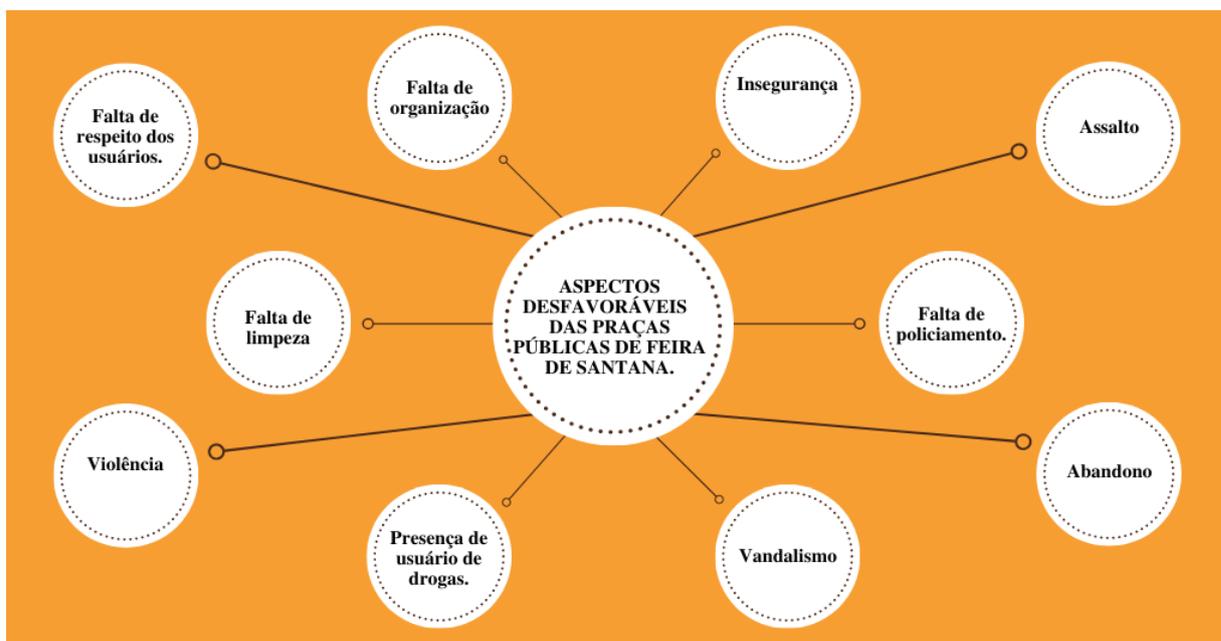


Foto: Leidiane Carneiro. Acervo pessoal de Leidiane Carneiro, Outubro, 2020.

Os feirenses destacaram que as praças favorecem na realização de exercício físico. A prática de atividades físicas ao ar livre promove o “rompimento” da ideia que elas só podem ser realizadas em academias privadas, como aparelhos de ginásticas, para se transformar em opções para diversos fins, tais como: alojamento, dança, jogos e corrida. Esse uso das praças, além de trazer benefícios a saúde, corpo e a mente, promove a socialização, o custo é baixo ou quase nenhum, aproxima a comunidade e agrega as pessoas de diferentes classes sociais.

Também foram questionados aos entrevistados sobre os aspectos desfavoráveis. As opiniões que mais foram destacadas estão no fluxograma 2, no qual demonstrou-se uma diversidade de aspectos que inquietam os moradores.

Fluxograma 2: Aspectos desfavoráveis atribuídos às praças de Feira de Santana pelos os moradores das praças do Cruzeiroinho, Santa Mônica e Petrolínio Pinto Cunha, 2021.



Elaboração: Leidiane Carneiro
Fonte: Entrevistas (2021)

De acordo com os entrevistados a respeito dos aspectos desfavoráveis numa praça pública, o fator insegurança foi o que mais se destacou. Os moradores afirmaram que não se sentem seguros e que essa sensação está relacionada a assaltos e a falta de policiamento, que foram considerados os maiores motivos para a ocorrência da violência. Essas observações fazem refletir que existe o sentimento coletivo de medo na população. A Polícia teria a finalidade de assegurar a segurança, no entanto, as prováveis ações ocorrem mesmo com a sua presença na praça ou em qualquer outro espaço público. Contudo, é importante frisar que a Polícia também pratica atos de violência, decorrentes de abuso de poder, racismo, entre outros, o que ressalta a existência de contradições ao pensar que a presença da Polícia é garantia de segurança.

Sobre o ato de assalto, é uma prática que pode ocorrer em qualquer outros espaços, sejam eles públicos ou privados. Os entrevistados relataram episódios de moradores que foram assaltados, como, por exemplo, na praça da Santa Mônica, localizada em um bairro de classe média à alta, ao afirmar que “os assaltantes chegaram exigir a vítima retirar a roupa em busca do aparelho celular”(PSM5); em outra situação, um “vizinho ao aguardar o transporte de trabalho e acabou sendo surpreendido pelo ato de violência”(PSM5); outra circunstância relatada foi que “os assaltantes ficam esperando as pessoas chegarem na praça para poder assaltar”(PSM5). Essas afirmações demonstraram que as pessoas estão

sujeitas a esse ato, independentemente que sejam dentro do ônibus, metrô, shopping centers, caminhada, em frente da sua residência; haja vigilância ou não. E como já foi relatado, os indivíduos não deixam de utilizar por fins de trabalho, estudo e compras. O que se observa que há a ideia preconcebida sobre essa prática nas praças, todavia, é relevante destacar que elas correspondem a um espaço público, que permite o acesso de todos e que assim com qualquer outro espaço coletivo, está propício a isso, sobretudo, em países como o Brasil.

O abandono das praças é outro fator evidenciado pelos respondentes, ao observar que existe a preocupação de requalificar, perante o poder público, porém a continuidade da manutenção não é realizada ou só é feita em períodos de eleição municipal, atos políticos com representantes de bairro ou realização de eventos públicos, que se limitam a pintar os bancos e as calçadas e demonstram a intencionalidade da lógica. Sobre isso, o morador relatou que “Os órgãos públicos da prefeitura fazem as coisas para inaugurar e depois abandonam [...]. Sabemos que uma praça não se faz só para inaugurar, precisa de manutenção. Tem que ter uma pessoa para cuidar” (PSM8). Ratifica-se que o aspecto de abandono é proveniente da falta de limpeza e poda das árvores e dos jardins, dos lixos que são despejados pelos moradores ou pessoas que transitam e que não é realizada a devida manutenção regular. Tal situação é perceptível nas praças feirenses, principalmente as localizadas em áreas periféricas, que se tornam espaços esquecidos, e que afastam a população.

Outro aspecto salientado foi o vandalismo, um dos principais problemas enfrentados segundo a gestão, face a destruição dos jardins, bancos e da iluminação. É relevante frisar que a responsabilidade é do poder público, mas também da população, em conservar e cuidar desses espaços. Sobre isso, o diretor do Departamento de Manutenção de Áreas Verdes afirmou que:

Tem uma praça aqui na cidade, que de 15 em 15 dias, precisamos dar manutenção nos equipamentos e no parquinho porque sempre está sendo destruído, então a gente conclama a população que também ajude a prefeitura neste sentido. Precisamos de no mínimo três equipes para está fiscalizando todos esses locais.²²

Para reforçar essa reflexão, o morador afirmou que o [...] “espaço não é cuidado não só por aqueles que usufruem, mas pelo Estado, então o interesse é de todos, quanto do

²² Trecho da reportagem do site Acorda Cidade. A reportagem foi escrita por Gabriel Gonçalves, em 07 de agosto de 2021.

Estado, quanto da sociedade, se não houve esse cuidado, então esse espaço deixa de ter uma relação com a comunidade, não é um ambiente limpo”(PSM8). Essa observação é significativa, porque na maioria dos discursos relatados pelos moradores, quando questionados sobre os pontos negativos, sempre os órgãos públicos são evidenciados. Não existe a convicção de que o indivíduo também é um modificador da paisagem.

Uma moradora ressaltou que “[...] aqui em Feira, como moro aqui a 10 anos, eu vejo que as pessoas levam os cachorros para passear, eles defecam e não limpam, não tem educação, não tem coleta de lixo, depredada e muito desorganizada demais”(PSM5). Observa-se a falta de conscientização diante da população por não refletir que a partir do momento em que são deixados dejetos no chão ou depósito de lixo isso contribui para a proliferação de insetos e mau odores, que proporcionam a ‘expulsão’ das pessoas.

Diante do foi discutido acerca das praças públicas, um entrevistado demonstrou que a considera como um espaço presente na cidade, transitável, porém que não transmite nenhuma sensação e significado. Como salientou: “Pra mim tá de boa! Não ligo muito com esse negócio de praça [...]”(PC4), e fica nítida a falta de identificação com uso e, possivelmente, a preferência por outros espaços coletivos.

Sobre condições das infraestruturas das praças públicas de Feira de Santana, os resultados demonstraram que, na sua maioria, elas não estão no estado adequado: precisam de melhorias nas calçadas, o que dificulta sobretudo a locomoção das pessoas idosas e em condições especiais; alguns equipamentos públicos estão danificados, o que favorece risco para quem utiliza; presença de lixo e a arborização, quando tem, precisa ser podadas com maior frequência. (Foto 13)

A infraestrutura dessas caracteriza-se pelo predomínio de bancos de concreto ou de madeira, jardins e árvores. Contudo, com algumas requalificações, foram inseridos equipamentos de ginásticas, quadra de esporte, quiosques e mesas de jogos, como, por exemplo, nas Praças da Kalilândia e a Petrolínio Pinto Cunha. No entanto, nem todas foram contempladas. Muitas apenas receberam manutenção, como pinturas, podas das árvores e recuperação de equipamentos já existentes, como na praça dos Ex-Combatente. Nesse caso, os interesses políticos e o padrão de renda estão evidentes no direcionamento dos recursos, assim como a análise da área e o formato para verificar a possibilidade ou não de inclusão.

Foto 13: Calçada danificada na Praça Petrolínio Pinto Cunha, Feira de Santana, 2020.



Foto: Leidiane Carneiro. Acervo pessoal de Leidiane Carneiro, Outubro, 2020.

Uma moradora ressaltou que a infraestrutura das praças encontra-se “Péssima. Sem nenhum cuidado do Estado, da prefeitura, da população, são espaços que estão sujos, mal cuidado, são espaços que não têm reformas, troca de bancos, lixeiras, plantio de flores, de árvores (...)” (PC4). É dever do poder público promover melhorias, com o intuito de oferecer para a população condições favoráveis de uso. Todavia, o que se observa é a realização de “maquiagem”, com pequenos reparos e não uma reforma eficaz.

Aqui no meu bairro das que têm, uma é abandonada. Essa daqui ainda conseguimos manter limpa através de ligações para os órgãos públicos, pois tenho amizade com pessoas que trabalha com a limpeza de praça, que eu ligo sempre e agente consegue fazer uma limpeza, mas também pelo bairro que é de gente de classe alta, aí eles sempre estão fazendo as limpezas.(PSM5)

Para manter o espaço limpo, alguns moradores procuram indivíduos conhecidos e/ou que trabalham nos órgãos públicos responsáveis para a realização da limpeza. Há discrepância no tratamento dado às praças localizadas em bairros de diferente classe social. Existe intencionalidade por trás dessas melhorias e isso ficou evidente no diálogo quando a entrevistada afirma que: “mas também pelo bairro que é de gente de classe alta, aí eles

sempre estão fazendo as limpezas”, o que reflete um olhar privilegiado e que os moradores, por ventura, tenham articulação e influência com o poder público. Nesse caso descrito no bairro Santa Mônica, durante as observação de campo, nas ruas próximas a praça foi visível que não havia lixo espalhado e apresentava pavimentação regular.

A acessibilidade é uma questão bastante relevante de ser discutida pelos gestores, principalmente quando está atrelada aos espaços públicos. Essa discussão está relacionada as questões físicas, mas, como afirma Serpa (2007), também interliga-se às implicações simbólicas e de apropriação. Observa-se em Feira de Santana que as praças públicas não são planejadas para atender indivíduos com condições especiais, sejam temporárias ou permanentes, que possibilitem mobilidade. A maioria não tem rampas de acesso, tapete tátil, trajeto contínuo; as calçadas são irregulares, com buracos, que causam obstáculos; faltam faixas elevadas e de placas de sinalizações; encontram-se rebaixamento de calçadas, porém estão destruídas ou não têm formato adequado. Uma entrevistada relatou que as praças “têm muita deficiência, na questão que nem todas têm sinalização para as pessoas com condições especiais, não têm rampa, têm muito buraco, o acesso é ruim (...)” (PSM5).

Outra moradora relatou que “Em algumas praças a infraestrutura é ineficaz e ruins, sem acessibilidade. Mas a prefeitura vem reformando essas praças com planos de melhorias na acessibilidade e até instalando espaços de atividades físicas para a saúde da população”(PC4). Todavia, há discordância como o relato de outros respondentes. Se observa que os “planos de acessibilidade” podem até existir pela gestão, porém, na prática, não efetivado para a população, e resulta que pessoas em condições especiais permaneçam com dificuldades de mobilidade.

Percebe-se que as praças continuam sendo espaços de importância para a população, apreciação da paisagem, sensação de bem-estar, principalmente para aqueles que não têm como aproveitar outros espaços. Elas precisam de reparos, mudanças que ofereçam condições adequadas e utilizáveis, e que não sejam planejadas apenas para embelezar, mas para promover integração. A infraestrutura precisa ser melhorada, repensada para atender a todos, sem restrição de faixa etária e condições especiais.

No próximo tópico, será contextualizada a dinâmica socioespacial das praças do Cruzeiroinho, Petrolínio Pinto Cunha e a Santa Mônica. O intuito é abordar a localização e os elementos contidos ao redor das três praças e que interferem nas suas dinâmicas socioespaciais dos moradores e no seu cotidiano. Também serão apresentados os percursos e as principais rotas que os moradores realizam no seus trajetos diários, bem como a configuração das praças, com o intuito de identificar os elementos que as caracterizam.

4.2. DINÂMICA SOCIOESPACIAL DAS PRAÇAS ESTUDADAS

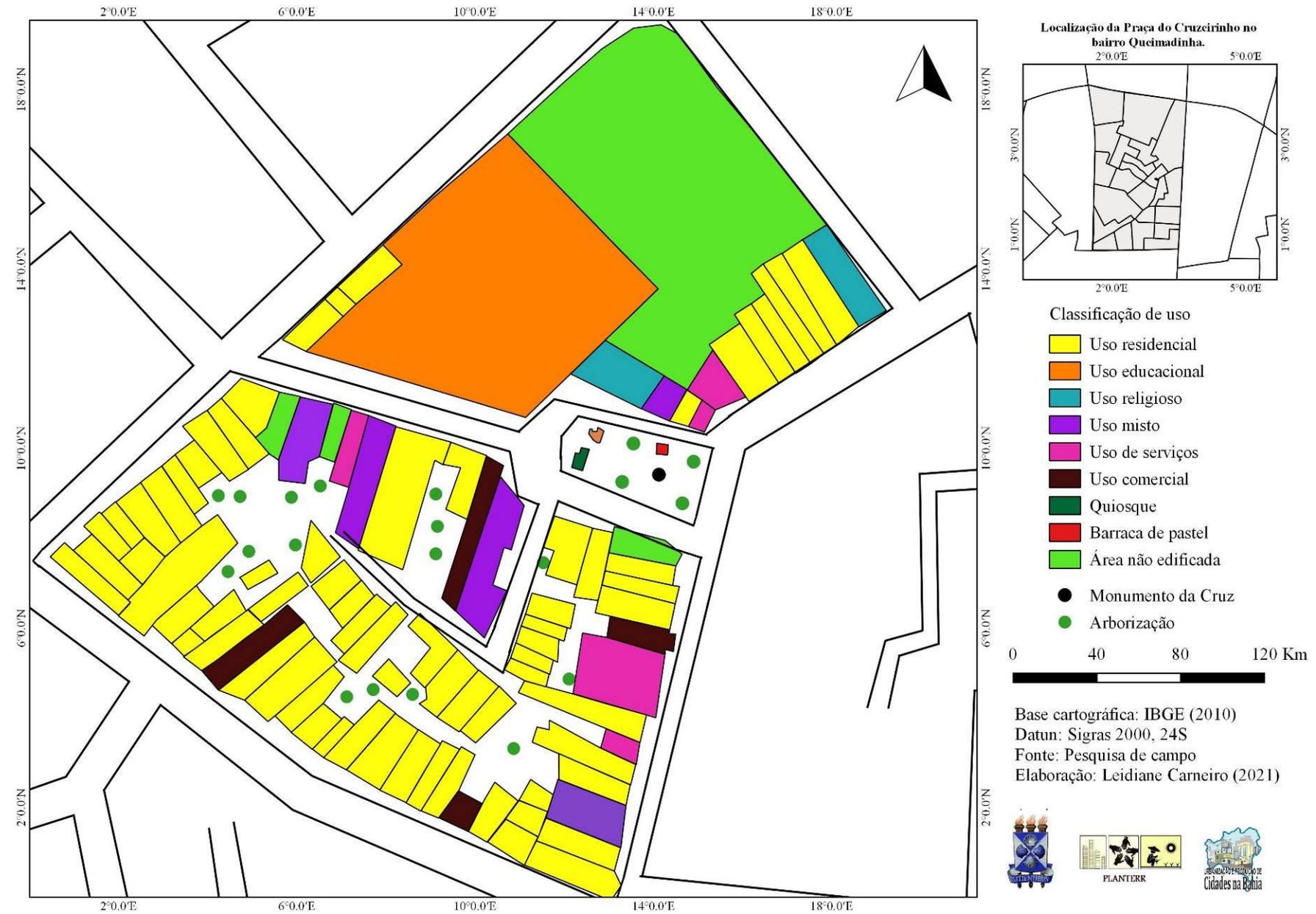
As praças estudadas possuem características distintas, desde os seus aspectos históricos, localização geográfica e os elementos que fazem parte do contexto urbano, que correspondem as atividades desenvolvidas ao seu entorno e que contribuem na dinâmica socioespacial e na construção das relações. As três praças estudadas têm características em comuns, todas possuem fluxos intensos de pessoas e veículos, pois estão localizadas em logradouros principais dos seus respectivos bairros, o que favorece o deslocamento para as vias circunvizinhas e são consideradas referências para os bairros e moradores.

Segundo Azevedo (2013, p.16), “[...] as dinâmicas socioespaciais contribuem para que as áreas urbanas tenham novos usos e funções ao longo da história”, ou seja, é através dessa análise que se pode perceber as transformações oriundas do desenvolvimento urbano, com relação a produção e reprodução do espaço por meio das relações sociais construídas no cotidiano e também dos interesses.

Na Praça do Cruzeiro tem a presença de escolas, igreja, bares, supermercado, entre outros, que contribuem na circulação de pessoas ao longo do dia, além do bairro apresentar o maior número de habitantes, dentre as outras praças analisadas (Veja a tabela 3). No entorno dessa Praça do Cruzeiro o uso do solo é misto, visto que a mesma apresenta atividades comerciais, institucionais, religiosas, residenciais, etc. (Ver mapa 5).

A Lei de Ordenamento do Uso e da Ocupação do Solo na Área Urbana e de Expansão Urbana do Município de Feira de Santana afirma que o uso misto corresponde “aquele que se configura pelo exercício concomitante de duas ou mais atividades de naturezas distintas em um mesmo empreendimento” (FEIRA DE SANTANA, 2018, p.18); ou seja, no mesmo espaço existe a presença de atividades diversificadas, o que proporciona a diversidade de usos. Sobretudo, é uma referência para os moradores que habitam ao seu entorno e adjacências por ser uma praça antiga, que possui localização favorecida e parte dos feirenses tem o conhecimento da sua existência.

Mapa 5: Usos urbanos da Praça do Cruzeiroinho, Feira de Santana – Ba, 2021.



Quanto a opinião da população, é importante para que as praças sejam planejadas, afinal são eles que vivenciam esses espaços diariamente e têm impressão para atribuir acerca delas. Na visão deles a respeito da Praça do Cruzeiroirinho, ficou evidente que eles a consideram “bonita”, porém, precisa ser reestruturada, mesmo que já tenha passado por reformas²³. Os entrevistados relataram que antes da pandemia da Covid-19 a praça supracitada era “palco” de realização de festas de rua com a participação popular, como afirma a moradora:

Eu acho ela legal. Quando as pessoas fazem a sua festinha, porém agora com a pandemia não tem mais nada em lugar nenhum. Mas antes da pandemia quase todo o final de semana tinha festa, os moradores juntava com algum vereador, prefeito, trazia um trenzinho, era muito divertido. Quase todo o final de semana tinha alguma coisinha, para animar o povo. (PC7)

Esses eventos ocorriam nos finais de semana. Os moradores do entorno e de ruas circunvizinhas colocavam-se “paredões de som automotivo”²⁴, que proporcionavam para alguns residentes momentos de diversão. Porém, por outro lado, traziam desconforto, perturbação do sossego, ruído para os residentes idosos ou quem tem alguma comorbidades, além das possíveis ocorrências tensões e conflitos entre os frequentadores.

[...] Quando tem os paredões, aí que ninguém não dorme. Junta aquele paredão, ficam os bares abertos, aí que as crianças não podem nem sair na porta e nem agente também. Os paredões quem coloca são as pessoas que vai beber nos bares em frente a praça, geralmente é uma vez por mês ou duas vezes, ultimamente não está tendo não. (PC4)

Entretanto, nos diálogos dos residentes, principalmente dos jovens, que gostavam das festas, demonstrou-se certa nostalgia, sensação de saudades do momento vivido. Os moradores relataram que uns desses eventos era o Pré-Micaresteco Lavagem da Queimadinha (Foto 14). Após as reformas, a praça adquiriu outro cenário e passou a ser mais frequentada, por exemplo, com a inclusão do *trailer*, algo que para alguns moradores não foi benéfico, mas que para outros proporcionou a existência de um espaço para alimentação a noite e aos finais de semana; promover o bate-papo entre os moradores, o

²³ Interpretação baseada na entrevista com a moradora que reside próximo a Praça do Cruzeiroirinho, Fevereiro, 2021.

²⁴ Paredões automotivos correspondem grupos de pessoas que se reúnem em torno de veículos, com caixas de som acopladas no fundo do automóvel ou em reboque. Geralmente, são festas de ruas com ou sem competições. O sistema de som é muito alto, o que ocasiona poluição sonora, perturbação do sossego de parte dos moradores e, por vezes, denúncias à segurança pública.

que oportunizou a diversão, que a praça não tinha²⁵. Para os residentes questionados, “a praça encontra-se bacana.”(PC4); “um ponto bom, na qual as noites podem sentar com os amigos, conversar, tomar uma fresca, às vezes leva as crianças para se divertir.” (PC7).

Foto 14: Evento Pré-Micaresteco Lavagem da Queimadinha, Bairro Queimadinha em Feira de Santana, 2016.



Fonte: Gomes (2016)

Outra opinião sobre a praça que se destacou foi quando o entrevistado mencionou que com a reforma da Praça do Cruzeiro o bairro irá “tirar a fama que a Queimadinha só tem traficantes, porém não é assim” (PC4). Esse bairro tem esse estigma pelos casos de criminalidade e tráfico de drogas, divulgados pela mídia, o que reflete no uso da praça. Contudo, é importante relatar que a ação de violência e os “usuários” de drogas não estão presentes somente nos bairros pobres. Em bairros de classe média e alta renda esses fatos também estão presentes, porém, há camuflagem e ideologia, as quais fazem crer que nessas áreas esses estereótipos não se aplicam.

O que ficou bastante explícito para os moradores é que a praça precisa de melhorias e manutenção, conforme a fala desta entrevistada: “É uma praça que tem uma vista horrível, toda acabada. Não pinta, não reforma um banco, não coloca um brinquedo, não

²⁵ Interpretação baseada na entrevista com a moradora que reside próximo a Praça do Cruzeiro, Fevereiro, 2021.

corta uma árvore. Não faz nada naquela praça!”(PC1). Esses discursos recorrentes representam a falta de engajamento da comunidade, sem existência de “lideranças” em buscar alternativas de melhorias junto aos representantes públicos. Não foi referida nenhuma ação comunitária na contribuição de melhoramento.

Observou-se no cotidiano que a praça é bem tranquilo. Encontra-se a presença dos mototaxistas e taxistas que ficam a espera de passageiros e/ou jogando dominó; em frente, tem uma escola particular, onde está um ponto de ônibus, no qual as pessoas ficam no aguardo do transporte público sentadas nos bancos; ao final da tarde, foram vistos idosos aproveitando o ar livre pra conversar; e a proximidade com as duas unidades de ensino proporciona a circulação. É importante frisar que não foram vistas aglomerações, mas poucos indivíduos usando a praça. A presença desses sujeitos ocorre mais ao final da tarde para a noite, quando a *trailer* e a barraca de caldo de cana-de-açúcar e pastel começam a funcionar. As fotos 15 e 16 retratam respectivamente a *trailer* e a barraca de comercialização de caldo de cana-de-açúcar e de pastel, no entanto, no momento do registro fotográfico não estava em funcionamento.

Foto 15: *Trailer* presente na Praça do Cruzeiro, Feira de Santana, 2020.



Foto: Leidiane Carneiro. Acervo pessoal de Leidiane Carneiro, Fevereiro, 2020

Foto 16: Barraca de caldo de cana-de-açúcar e pastel presente na Praça do Cruzeiroinho, Feira de Santana, 2020.



Foto: Leidiane Carneiro. Acervo pessoal de Leidiane Carneiro, Fevereiro, 2020.

A responsável pelo *trailer* informou que antes da pandemia da Covid-19, nas sextas-feiras, tinha apresentação de capoeira, disputa de danças e canto de *rapper* e essas ações promoviam o aumento no fluxo de pessoas na praça e a exposição da cultura popular. Para ratificar o que foi observado sobre o cotidiano, a moradora relata que:

Muito bom! Não tem outro lazer para a população no bairro, só tem ela. As pessoas utilizam muito, principalmente aos domingos à noite, vejo muitas pessoas sentadas para toma uma fresca, tomando sorvete que é comercializado no supermercado e na lanchonete (no *trailer*). O *trailer* é a salvação da gente, que é um lazer também. (PC4)

A praça torna-se para algumas pessoas, principalmente para aquelas que não têm condições financeiras de aproveitar e/ou frequentar momentos de diversão em outro espaço coletivo, o único espaço de recreação. A presença de um *trailer*, parque, quadra esportiva, mesa de jogos, proporciona alternativas de diversão, com o intuito de promover a integração na comunidade. Na maioria das vezes, por ter uma localização privilegiada, as

praças também tornam-se área de passagem, e com a do Cruzeiroinho não foi diferente.

O Mapa 6 demonstra os percursos dos moradores entrevistados na praça do Cruzeiroinho, na qual foi possível perceber que os maiores fluxos são pelo logradouro principal, a Intendente Abdon, que possibilita o acesso as ruas transversais e a rua Rio Grande no Norte, o que refere-se a principal rota dos moradores.

A Praça Petrolínio Pinto Cunha se caracteriza ao seu entorno como o tipo de uso mais residencial (Ver mapa 7). Foi notado contraste do começo e o fim da Rua Sítio Novo, pois, no início, o uso é mais comercial e quando se chega próximo a praça a paisagem se transforma e observa-se o predomínio de residências. O logradouro onde a praça está inserida é rota de passagem de veículos, pedestres, transporte público e, talvez, a proximidade com a nova Estação de Transbordo do BRT²⁶, que ainda não está em operação, poderá contribuir para a maior intensificação desse fluxo (Foto 17).

A praça supracitada passou por uma transformação significativa, o que mudou parte da sua paisagem, com a inclusão de novos equipamentos. Ela é bastante arborizada, no entanto, ainda precisa de reparos, como ressaltou o morador: “ela é muito boa! Se ela estivesse toda consertadinha. Porque tem o lugar para agente jogar dominó, tem o parquinho para as crianças brincarem. Tem tudo ali. Só é necessário organizar e consertar a praça.” (PPC6). Na concepção dos moradores, a praça tem uma “área boa”; “é bonita”; “a área é ampla”, o que favorece a realização de outras atividades, como, caminhada, andar de bicicleta, expressão cultural. Porém, está sem manutenção, o jardim não está conservado, o parque infantil está quebrado, o poste de iluminação está com as lâmpadas queimadas e sem lixeira.

Após a reforma, ocorrida em 2011, o morador relatou que: “No início, aqui era cheio de gente, a noite tudo iluminado, com flores pra tudo qualquer lado, planta e o povo vinha até de outra comunidade para ficar aqui na praça, ficava sentado nesses bancos, só pra ver como a praça é um espaço importante. Porém do jeito que tá, está caindo muito, agente fica triste”(PPC9). Apesar dos problemas estruturais e a desmotivação dos moradores, a construção da praça foi considerada válida, pois trouxe “vida” ao espaço, e proporcionou uma área de convívio e certa “inclusão” com a comunidade.

²⁶ De acordo com Prisma Consultoria (2014, p.10) o BRT (Bus Rapid Transit) é “um sistema de transporte de ônibus que proporciona mobilidade urbana rápida, confortável e com custo eficiente [...]”. Em Feira de Santana, o projeto do BRT está em processo de construção. Foram construídos dois corredores exclusivos de ônibus localizado nas avenidas Getúlio Vargas e João Durval e três terminais de integração localizado nas duas avenidas mencionadas anteriormente e no bairro Pampalona, porém todos estão inativos e danificados devido a falta de operação. Esses corredores deveriam ter como objetivo interligar vetores de acordo com as demandas de passageiros, no entanto, a configuração atual só atenderia o centro e não engloba todos os bairros, sendo controverso.

Mapa 7: Usos urbanos da Petrolínio Pinto Cunha, Feira de Santana – Ba, 2021.

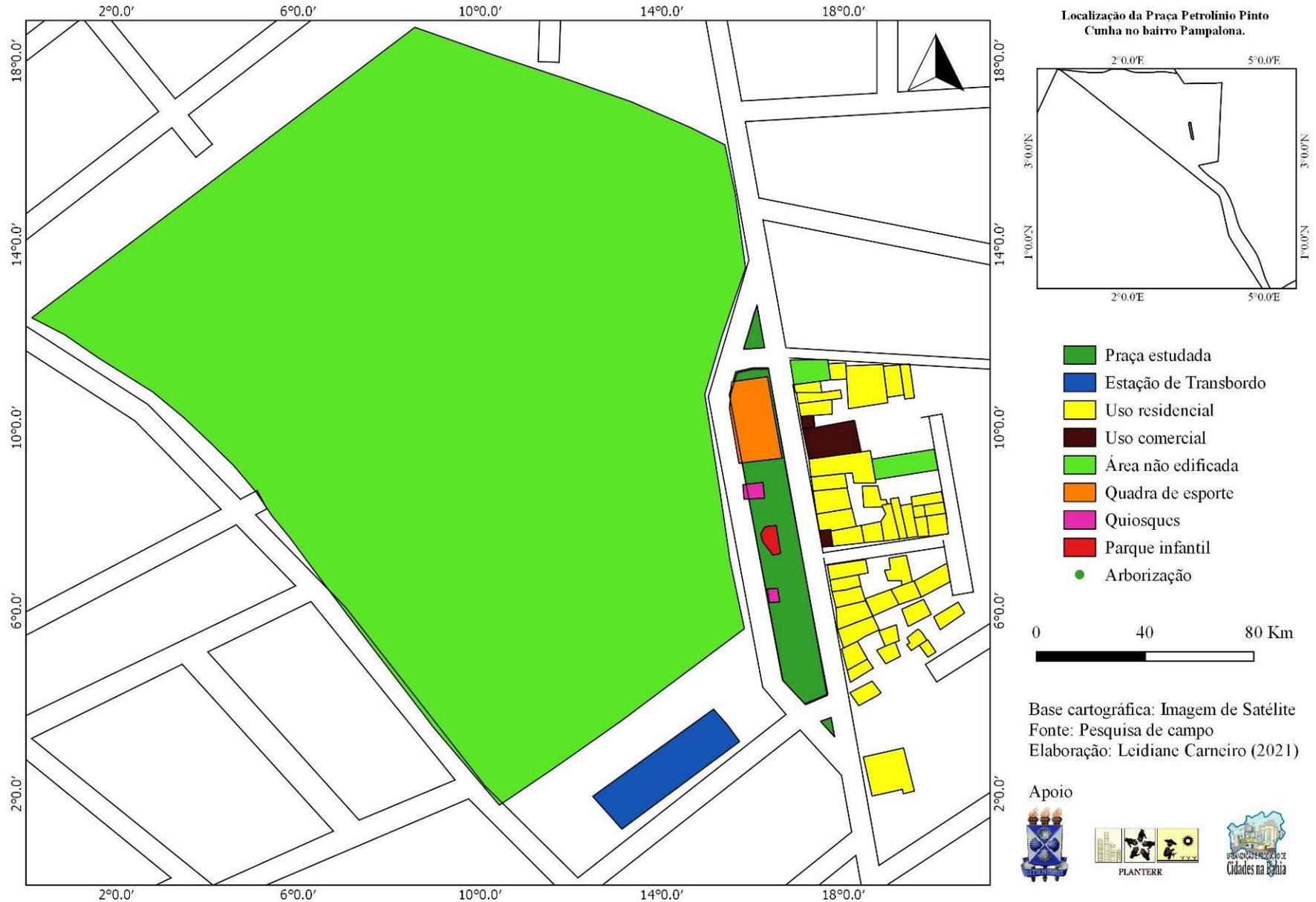


Foto 17: Estação de Transbordo do BRT em frente da Praça Petrolínio Pinto Cunha, Feira de Santana, 2021.



Foto: Leidiane Carneiro. Acervo pessoal de Leidiane Carneiro, Outubro, 2020.

Os moradores relataram que a praça Petrolínio Pinto Cunha, mesmo “abandonada”, é movimentada durante o dia; as crianças brincam no parquinho e na quadra esportiva, mesmo que não esteja em bom uso; os quiosques não funcionam. Contudo, durante as observações, presenciou-se no seu espaço físico pouca movimentação. A maior circulação se refletiu ao entorno, com pessoas transeuntes na rua. Os quiosques, nas primeiras visitas, realmente não estavam em funcionamento, porém nas últimas observações um deles estava em atividades. A praça é vista como uma “válvula de escape” para os moradores que vêm de uma rotina diária de trabalho estressante, exaustiva, e, ao passar por ela no caminho da suas residências, encontravam pessoas, conversavam um pouco, aproveitavam o ambiente. Com as restrições da pandemia da Covid-19, os residentes perceberam que no dia-a-dia a praça ficou menos movimentada, como afirma o morador que relatou como era o cotidiano antes da pandemia.

[...] no tempo normal tinha muitas pessoas, principalmente no período da noite. As pessoas saíam dos seus trabalhos, pela luta da sua sobrevivência, e ficavam por aqui, era bastante frequentadas e valorizadas. Contudo, não podemos fazer muitas críticas, porque veio essa pandemia aí, o povo tem receio de ficar sentados em praça conversando uns com os outros. A importância dessa praça aqui é muito grande, inclusive não vimos uma praça como essa aqui, só está faltando manutenção e voltar como ela era quando foi inaugurada. (PPC9)

Quando questionados sobre os trajetos realizados diariamente e se eles transitam pela praça supracitada, eles afirmaram que utilizam a praça e a Rua Sítio Novo como rota de passagem principal, o que permite o acesso a vários empreendimentos comerciais e consequentemente, o fluxo de transeuntes, veículos, moto é mais intenso. (Ver mapa 8)

Na Praça da Santa Mônica, situada no cruzamento das ruas Amazonas e Anápolis, percebeu-se um contexto diferente para os moradores. Por está inserida em bairro de classe média a alta, no qual as pessoas têm como usufruir de outros espaços de convivência, a praça é vista como elemento visual para o bairro, como ressaltaram alguns moradores: “Não tem muita coisa, não tem muito que fazer, tem os bancos, porém não tem nada o que fazer. É uma mini praça na verdade. Mas é bom para o visual do bairro, fica legal. As praças em geral para o visual da cidade é muito bom [...] (PSM5); “O bairro ficou mais bonito, deu mais visibilidade, todo mundo conhece a praça, pessoas que ficam sentadas aí, dormem, fazem ginástica e distraem” (PSM5).

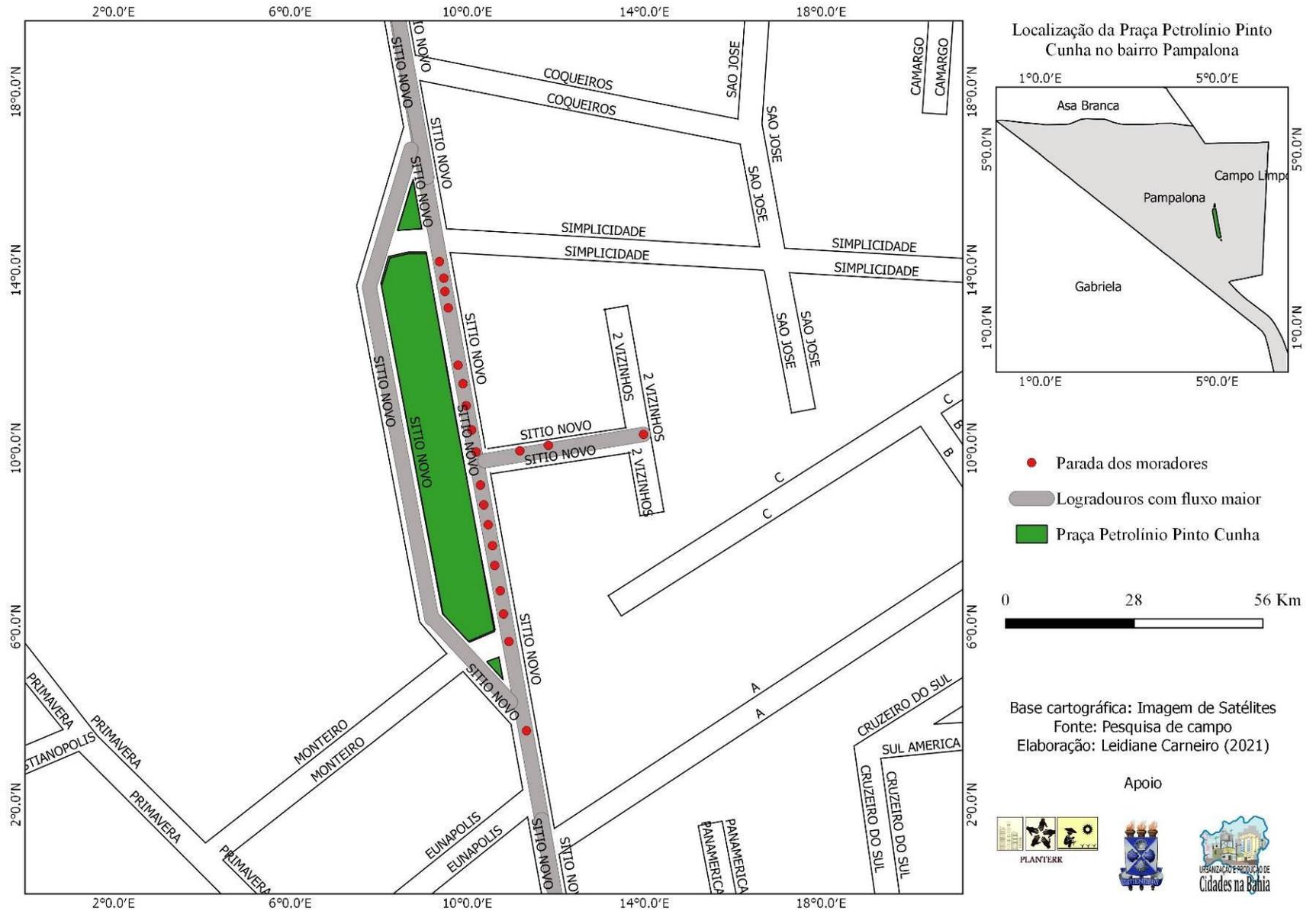
A Praça da Santa Mônica caracteriza-se ao seu entorno como o tipo de uso do solo residencial, porém tem proximidade com atividades comerciais tais como: padaria; casa de evento (Mansão 888); barbearia, restaurante domiciliar; loja de roupa; distribuidora de bebidas; material de construção e supermercado. (Ver mapa 9). Essa diversidade de empreendimento contribui no dinamismo do logradouro e torna-se área de passagem.

Com relação aos trajetos diários, os moradores utilizam com mais frequências as ruas Rio Amazonas e Anápolis, por serem os logradouros principais, e cuja praça fica entre eles. As ruas transversais Príncipes Pôrto e Antônio Torres Coelho também foram utilizadas pelos moradores, o que oportuniza a circulação, porém com intensificação menor. (Ver mapa 10)

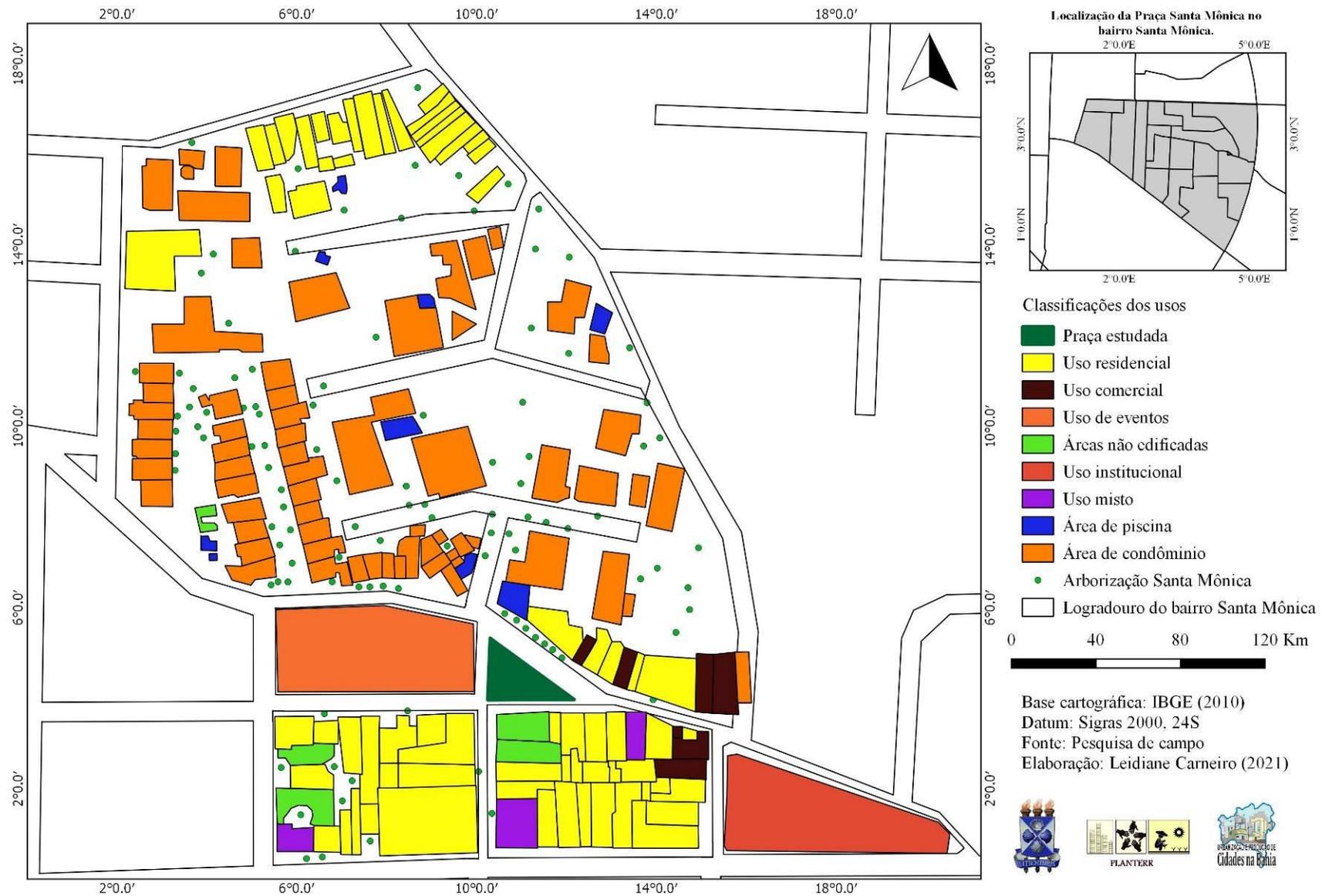
Para os residentes, a praça faz bem para os moradores da rua; é arborizada; tem um “valor simbólico”, pois está situada próxima as grandes residências, condomínios e casa de eventos, todavia, poderia se tornar um espaço mais atrativo, pois é, para eles, “sem graça”. Ainda assim, é opção para os adultos sentarem para conversarem; as crianças jogar futebol, principalmente durante a pandemia, com o fechamento das escolas; promover encontro; até um aniversário já foi realizado²⁷. Nota-se que no entorno da praça não há muitas crianças, o predomínio é maior de adultos e idosos. Também ficou perceptível que a iluminação é precária, com um poste público, porém as copas das árvores inviabilizam a luminosidade, o que deixa a praça escura, a noite.

²⁷ Interpretação baseada na entrevista com a moradora que reside próximo a Praça da Santa Mônica, maio de, 2021

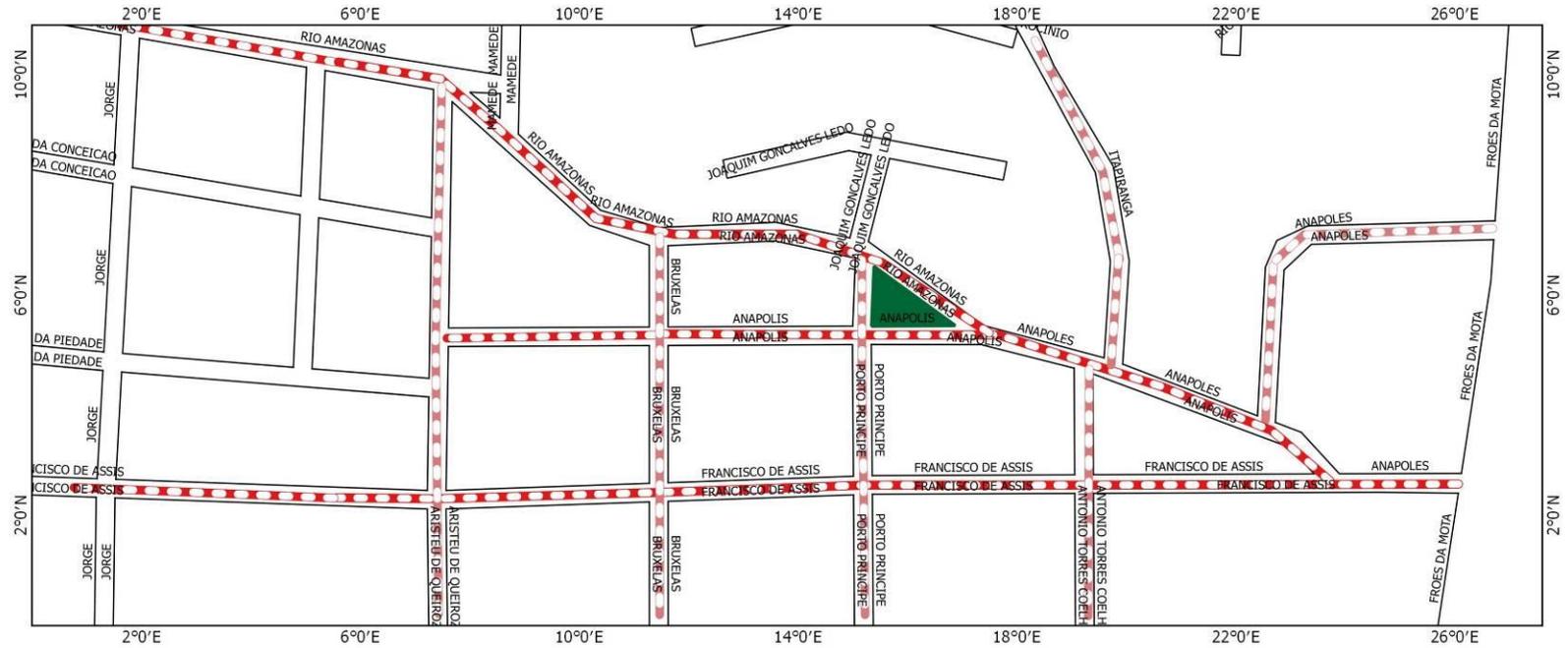
Mapa 8: Percursos dos moradores entrevistados na praça do Petrolínio Pinto Cunha, Feira de Santana – Ba, 2021.



Mapa 9: Usos urbanos da praça Santa Mônica, Feira de Santana – Ba, 2021.



Mapa 10: Percursos dos moradores entrevistados na praça Santa Mônica Feira de Santana – Ba, 2021.



Localização da Praça Santa Mônica no Bairro Santa Mônica



Classificação dos percursos

-  Logradouro de maior fluxo.
-  Logradouro de menor fluxo.
-  Praça da Santa Mônica

0 80 160 Km



Base Cartográfica: Imagem de Satélite
 Fonte: Pesquisa de campo
 Elaboração: Leidiane Carneiro (2021)

Apoio:



Com relação ao cotidiano, houve divergências de opiniões. Alguns moradores relataram que, no dia-a-dia, a praça é movimentada, principalmente aos finais de semana; são vistos “casais de namorados, tomando sorvente, alguns com lanche e o pessoal utilizando os aparelhos para a realização de atividades físicas, isso ao final da tarde.” (PSM5) e outros afirmaram que não. No entanto, é importante frisar que durante as observações não foi constatada essa movimentação de pessoas.

Dentre os diálogos, o que se destacou foi quando o entrevistado relatou uma dúvida se a praça foi arquitetada para atender a todas as faixa etárias e gêneros.

Não é muito valorizada por ponto de vista dos adultos. Eu não vejo adultos frequentando a praça ali utilizando, porque ela não tem muitos aparelhos, não sei se ela foi arquitetada para esses objetivos. Mesmo assim ela tem boa arborização, tem um bom cuidado, mais mesmo assim não vejo a população aqui dar redondeza, frequentando muito ela.(PSM5)

A Praça da Santa Mônica tem uma peculiaridade com relação as outras estudadas, o que reflete no seu cotidiano, pois desde a sua formação, como vimos na subseção 3.2, não foi planejada para ser uma praça e sim um jardim. Diante disso, não dispõe de opção de equipamentos, o que tem foi uma conquista da população, perante ao poder público.

Portanto, observou-se que a proximidade com os logradouros principais proporciona a ocorrência de maiores fluxos de veículos e de pessoas transeuntes no entorno das três praças estudadas, o que as tornam rotas de passagem. Elas apresentam, ao mesmo tempo, peculiaridades e generalidades que as caracterizam os seus tipos de uso e, conseqüentemente, refletem nos percursos dos moradores.

No próximo tópico, serão contextualizadas as ações públicas para o uso nas praças Cruzeiroirinho, Santa Mônica e Petrolínio Pinto Cunha. O intuito é trazer contraposições e concordâncias entre as falas dos representantes da Prefeitura Municipal de Feira de Santana e dos moradores entrevistados sobre algumas mudanças e manutenções que os residentes presenciaram ao longo do tempo.

4.3. AÇÃO PÚBLICA PARA O USO NAS PRAÇAS

As praças públicas são espaços representativos que contêm elementos que retratam a história da cidade; possibilitam a socialização das pessoas; realização da prática de exercício, e da expressão da manifestação cultural, e proporcionam o convívio social com indivíduos com diferentes costumes e ideologias, com o intuito de promover relações sociais. Todavia, para isso acontecer elas devem oferecer condições de uso e de acesso, tais como: manutenções

regulares, pavimentação e equipamentos públicos conservados para que crianças, jovens, adultos, idosos e pessoas com condições especiais, temporárias ou permanentes, possam realizar atividades recreativas.

Na subseção 4.1 observou-se o quanto as praças são importantes para a população feirense e foram relatados aspectos favoráveis e desfavoráveis que estão presente nelas. Com relação aos pontos desfavoráveis, observou-se diversas inquietações por parte dos moradores e que intervêm no uso desse espaço pela comunidade. Desse modo, os representantes públicos têm como função administrar os orçamentos que são designados para promover melhorias, principalmente nos espaços públicos, como nas praças.

De acordo com o representante do Departamento de Manutenção de Áreas Verdes²⁸, o município de Feira de Santana têm 265 praças cadastradas. Observou-se no mapa 2²⁹ uma distribuição irregular dessas praças, pois a maioria se encontra concentrada na área interior ao Anel de Contorno. Diante desse cenário, foi questionado ao representante supracitado se há algum estudo da área para a construção desses espaços e o mesmo afirmou que:

Essas praças foram construídas com planejamento e outras nasceram naturalmente durante a existência dela até hoje. Mas toda vez que se vai construir uma praça se busca fazer um projeto, que não é só olhar a parte de engenharia, de paisagismo, de arborização, mais também que reflita a vontade da comunidade e os interesses para que elas utilizem aquilo como um bem, que sirva realmente de humanizar e socializar aquele bairro, aquela região. Há um projeto que ele é desenvolvido na parte da engenharia e da parte civil. (DAV)

O entrevistado relatou que é realizado um planejamento e/ou projeto na área onde as praças serão construídas e é observada a preocupação em organizar a paisagem com a jardinagem; podar as árvores; plantação de mudas; instalação de equipamentos públicos e limpeza, ou seja, o cuidado com a aparência física. Contudo, aquelas que surgiram “naturalmente” foram decorrentes das atividades comerciais exercidas para suprir as necessidades, com a presença das feiras livres, que configuraram algumas praças centrais de Feira de Santana, tais como a Praça da Bandeira. (Veja a subseção 2.3). O fator mais pertinente foi a “vontade da comunidade”, o que é de extrema importância, pois afinal é ela a principal beneficiária. Porém, constatou-se que existem insatisfações sobre as ações públicas, por parte dos moradores, sendo constantemente presenciadas nos programas de rádios e

²⁸O Departamento de Manutenção de Áreas Verdes corresponde a uma estrutura administrativa da Secretaria de Serviços Público que tem como finalidade promover a limpeza urbana, a instalação e manutenção de equipamentos públicos, serviços de iluminação pública e das áreas verdes (PREFEITURA MUNICIPAL DE FEIRA DE SANTANA). No texto o representante do Departamento de Manutenção de Áreas Verdes será mencionado como DAV.

²⁹ O mapa 2 refere-se a distribuição das praças públicas em Feira de Santana – Ba, 2020.

televisivos local, em que a população reclama sobre a atual situação de abandono das praças e solicita providências ao gestor municipal.

Também foi informado que o representante da Secretaria Municipal de Planejamento (SEPLAN)³⁰ tem como umas das suas principais competências: “Definir, coordenar e executar as políticas, diretrizes e metas de planejamento do Município” (FEIRA DE SANTANA, 2021). Sobre a análise da área de construção de uma praça, face esse princípio, o entrevistado relatou que não existe um estudo, porque “[...] elas são resultados de loteamentos aprovados, que pela lei você tem que destinar um percentual para que as praças sejam construídas naquele loteamento” (SEPLAN1), ou seja, as construções das praças são oriundas dos projetos legais de loteamentos.

Para ratificar sobre isso, a Lei nº 6.766, de 19 de dezembro de 1979, aborda o parcelamento do uso do solo urbano e retrata no seu artigo 4º, no inciso I, os requisitos urbanísticos para loteamento ao afirmar que: “as áreas destinadas a sistema de circulação, a implantação de equipamento urbano e comunitário, bem como a espaços livres de uso público, serão proporcionais à densidade de ocupação prevista pelo plano diretor ou aprovada por lei municipal para a zona em que se situem” (BRASIL, 1979, p.3). Portanto, o regulamento demonstra que a subdivisão de terras em lotes aprovados por lei já deixa delimitada a área para a construção de um espaço comunitário, como praças públicas.

As praças de Feira de Santana estão localizadas em logradouros principais dos bairros e/ou avenidas da cidade, o que possibilita a passagem de pessoas. Desse modo, foi questionado sobre os terrenos onde são construídas as praças, se são públicos ou doados. O entrevistado do Departamento de Manutenção de Áreas Verdes afirmou que:

Toda vez que há um investimento de um loteamento por lei é determinado uma área chamado de área institucional. Essas áreas institucionais elas são usadas pela a Prefeitura de diversas maneiras, existe a construção de um posto de saúde, de uma escola e também praça. Geralmente sempre se deixa uma área que se transforma em uma praça pública. Agora existe também doação espontânea de moradores, de empresários, mas numa menor escala, mas toda área que tem empreendimentos imobiliários, tem que ter uma área institucional pública. Essa área se transforma em pública pra ser usado pelo poder público municipal da melhor forma possível, [...], onde há um investimento imobiliário, onde vai ter casa, sempre se busca ter essas áreas. (DAV)

Na concepção do entrevistado, poucos terrenos são doados espontaneamente e a maioria é designado por lei através dos loteamentos e que são nomeadas áreas institucionais, que seriam reservadas para construção de espaços públicos que atendam a comunidade. Em

³⁰ No texto o representante da Secretaria Municipal de Planejamento será nomeado como SEPLAN1

caso de lotes de empreendimentos imobiliários, a Lei de Parcelamento do Solo Urbano Nº 6.766, de 19 de Dezembro de 1979, dispõe no capítulo II, Artigo 4º, parágrafo 4 que “No caso de lotes integrantes de condomínio de lotes, poderão ser instituídas limitações administrativas e direitos reais sobre coisa alheia em benefício do poder público, da população em geral e da proteção da paisagem urbana, tais como servidões de passagem, usufrutos e restrições à construção de muros”. (BRASIL, 1979, p.2). Apesar da existência dessa normativa, nem todos almejam dispor de áreas para o construção do espaço comunitário e quando dispõem, existem interesses dos empreendimentos privados em obter o controle. Como pode-se observar no relato do representante do Departamento de Manutenção de Áreas Verdes sobre a construção da Praça Santo Antônio, no bairro Sim:

Essa praça ela foi construída pela empresa que fez o condomínio. Ela foi agregada lá. Então, nós fizemos essa intervenção que era uma reivindicação da comunidade, que agente estava devendo, já algum tempo [...] quando o condomínio ou/a empresa concluiu, liberou, deveria oficializar a entrega para o Departamento, porém isso não foi feito. Ela não foi cadastrada [...].
(DAV)

A partir de 2016, a gestão municipal iniciou um pacote de obras que consistia em requalificar algumas praças localizadas em áreas centrais e periféricas. Diante dessa ação, foi questionado aos dois representantes como é realizado o estudo, com o intuito de saber o espaço que será construído ou requalificado. O representante do Departamento de Manutenção de Áreas Verdes destacou que é feito um diagnóstico para conhecer a situação atual das praças, identificar os problemas e discutir as possíveis melhorias que podem ser realizadas juntamente com a equipe técnica. Então, essa metodologia é realizada tanto para a construção e requalificação.³¹

O representante supracitado também reafirmou sobre a participação da população nesse processo, ao relatar que: “Buscamos sempre envolver a população. Se vamos construir uma equipe técnica, que vai fazer a arquitetura, a engenharia, geralmente se aplica um questionário onde se identifica as expectativas e o que a comunidade ao redor espera de uma praça e o que ela gostaria que ela estivesse”(DAV). Todavia, percebeu-se, durante as entrevistas nas praças estudadas que os moradores não relataram que tivessem participado de aplicação de questionários. Ademais, ao avaliar a Lei Nº 10.257, de 10 de julho de 2001 que estabelece as diretrizes gerais da política urbana, artigo 2º, inciso II ao afirmar que: “gestão democrática por meio da participação da população e de associação representativas dos vários

³¹ Interpretação da entrevista realizada com o representante do Departamento de Manutenção de Áreas Verde. Entrevista realizada em 27 de Abril de 2021.

segmentos da comunidade na formulação, execução e acompanhamento de planos, programas e projetos de desenvolvimento urbano”(BRASIL, 2001), reitera-se: a participação popular é relevante no processo de construção e/ou requalificação, pois é através desse diálogo que as opiniões da comunidade serão discutidas. Contudo, não se consagra somente ao questionário, pois não favorece oportunidade de exposição maior de opiniões e interação com os entrevistados, já que os questionamentos enfatizam a objetividade.

A aplicação do questionário não é a única forma de consultar a população, também podem ser utilizados outros instrumentos que promovam isso, tais como: audiência pública e debates, em que os moradores, associações comunitárias ou qualquer indivíduo que tenha interesse em contribuir com a discussão possa apresentar os problemas e propor sugestões de soluções aos órgãos públicos competentes.

O representante da SEPLAN referiu-se a mesma concepção do entrevistado do Departamento de Manutenção de Áreas Verdes (DAV), porém com a ressalva de que esse estudo é realizado somente na requalificação e não na construção³². As requalificações, inicialmente, são realizadas nas praças consideradas históricas e/ou centrais, como, por exemplo, Padre Ovídio e Kalilândia, nas quais observou-se modificações na infraestrutura. Fica implícito que o “olhar” está mais direcionado às praças centrais, devido a visibilidade que elas proporcionam quando são requalificadas principalmente se estiverem próximas das avenidas principais, áreas elitizadas e/ou prédios públicos, onde a circulação de pessoas é mais constante; ou seja, o que importa é o embelezamento. Já as praças periféricas são mais esquecidas e poucas ações de requalificações não são direcionadas a elas.

Em 16 de maio de 2019, a Prefeitura anunciou um novo pacote de obra estipulado em R\$:60 milhões de reais, o qual proporcionou a requalificação de praças, pavimentação de ruas e a construção de novas vias. Sobre isso, o representante da SEPLAN relatou que as escolhas das praças é realizada através da demanda, ou seja, das solicitações e das necessidades da população para que possam ser inserido equipamentos que permitam os moradores aproveitar o espaço.³³

As praças do Cruzeiro, Santa Mônica e a Petrólio Pinto Cunha apresentam distintas configurações socioespaciais e estão situadas em diferentes bairros. Elas, ao longo do tempo, passaram por mudanças provenientes da ação pública, o que favoreceu a configuração atual. Contudo, observa-se que, apesar das requalificações, a manutenção não é constante.

³² Interpretação da entrevista realizada com o representante da Secretaria Municipal de Planejamento. Entrevista realizada em 11 de maio de 2021.

³³ Interpretação da entrevista realizada com o representante da Secretaria Municipal de Planejamento. Entrevista realizada em 11 de maio de 2021.

Em relação a presenciar alguma manutenção realizada pela Prefeitura Municipal na Praça do Cruzeiroinho, alguns moradores relataram que “Diariamente não! Mas sempre eles vêm para fazer a limpeza. Seria ótimo se viesse diariamente [...] para manter sempre limpa para não existe sujeira, porque nem que seja em dias alternados” (PC4); “só realizou a última reforma em 2010” (PC7); “às vezes renova as pinturas e campinar as gramas” (PC1); “só realiza a poda por cima” (PC4). Os relatos demonstraram que não existem a limpeza constante da praça e, quando ocorre, essa ação é somente em período de festas natalina ou junina. É importante frisar que a manutenção de qualquer espaço público, tais como: praças, ruas, parques, não deve ser feita somente em período que convém ao poder público.

Uma respondente relatou que os próprios moradores realizam a manutenção da praça. Eles regam as plantas e varrem a área central, pois, segundo a entrevistada, a Prefeitura “só realiza a limpeza por fora, porque o meio da praça somos agente mesmo.”(PC4); ou seja, o serviço básico de limpeza pública é realizado apenas nos logradouros. Para ratificar, durante a observação de campo, foi visto o taxista cuidando da jardinagem, o que demonstrou a contribuição da população na manutenção da praça, que encontrava-se limpa. (Foto 18)

Com relação às mudanças do espaço físico, ao longo do tempo, os moradores ressaltaram apenas a última reforma em 2010, quando foi inserido o melhoramento do banco, da arborização, da pavimentação e a inclusão das mesas de tabuleiros. Essas mudanças foram mais significativas para a população e que corresponde a configuração atual.

A construção da Praça Petrolínio Pinto Cunha foi uma conquista dos moradores do bairro, pois o espaço era um lote de terra, que pertencia a uma chácara, que ao longo do tempo foi sendo transformada pela gestão municipal. Em 2011, a praça foi contemplada com uma requalificação mais significativa, o que resultou na implantação de equipamentos públicos, como parque e os quiosques.

Um morador ressaltou que “Essa pracinha foi uma luta de nós moradores,[...] não tinha nada disso aqui. Ainda no governo de Tarcísio Pimenta, nós imploramos a ele, e ele fez essa praça muito bonita” (PPC9). Algo que se destacou na fala do entrevistado foi a palavra “imploramos”. A comunidade não deveria implorar ao poder público pela construção de qualquer bem público, pois é o direito dos cidadãos ter acesso às praças, como relata no Código Civil, Capítulo III, Artigo 99, Lei 10.406 de janeiro de 2002, Inciso I, que aborda sobre os bens públicos ao afirmar que “os uso comum do povo, tais como rios, mares, estradas, ruas e praças” (BRASIL, 2002), ou seja, é um direito instituído.

Foto 18: Jardim da Praça do Cruzeirinho, Feira de Santana, 2020.



Foto: Leidiane Carneiro. Acervo pessoal de Leidiane Carneiro, Janeiro, 2020.

Sobre a manutenção atribuída pela Prefeitura, observou-se insatisfações unânimes entre os respondentes com a falta de cuidado do poder público. Um morador bastante atuante no bairro, cujos outros residentes têm como administrador, relatou que se desloca, de vez em quando, para a sede da Secretaria de Serviços Públicos em busca de solução para os problemas na praça³⁴. Sobre a atuação da equipe de limpeza pública, um morador relatou “[...] que só pega os lixos domésticos, não varre as ruas, inclusive a praça.” (PPC6). O residente se refere ao recolhimento da coleta de resíduos sólidos urbanos, que é realizada por uma empresa privada que faz prestação de serviços. É importante relatar que não se observa regularmente a presença de profissionais de serviços gerais nos bairros, que possam realizar a limpeza contínua.

A Praça Petrolínio Pinto Cunha é arborizada, entretanto, os moradores relataram que as copas são grandes e não é dada a devida manutenção em diminuir a parte superior; é feita apenas a poda das copas mais baixas. Isso já provocou curto circuito, houve perda de equipamentos eletrônicos, como televisão, o que proporciona sensação de medo para os residentes. Reclamam ainda que as gramas que não existem, que a praça é coberta por

³⁴ Interpretação da entrevista realizada com um morador que reside próximo a Praça Petrolínio Pinto Cunha. Entrevista realizada em 06 de Fevereiro de 2021.

folhagem e da presença de lixo próximo a Estação de Transbordo BRT (Fotos 19, 20). Os moradores têm consciência que as árvores não podem ser cortadas em definitivo, porém desejam melhores cuidados para evitar contato com o fio de alta tensão.³⁵ Os entrevistados ressaltaram que presenciaram apenas mudanças quando da requalificação realizada em 2011.

Com relação a Praça da Santa Mônica, os moradores relataram que presenciam a realização da limpeza, poda das árvores, cuidado das gramas e com as plantas. No entanto, afirmaram que a manutenção também é proveniente da empresa que limpa o condomínio Morada das Árvores. Durante a observação, percebe-se árvores sem poda, o que dificulta a visibilidade na área central da praça. (Foto 21). Segundo os moradores, ela é “umas das melhores da cidade, elas é uma das mais cuidadas.” (PSM8); “[...] Ela não fica abandonada ali não [...]” (PSM8). Nos discursos dos moradores, percebe-se que há manutenção mesmo que, assim como as demais, a atuação a gestão municipal resume-se à limpeza, como afirmou o morador “Faz manutenção, faz a limpeza da rua com os mutirões de limpeza da Empresa Sustentare, eles limpam, varrem e pinta [...]”(PSM5). Dentre as três praças analisadas, a da Santa Mônica foi a que apresentou um cuidado maior com relação a manutenção, visto que a interferência do empreendimento residencial privado.

Diante dos discursos dos moradores sobre a manutenção das praças, o poder público justificou que existe um cronograma das ações de manutenção, fiscalização e serviços de limpeza realizados. Na concepção do representante, o que dificulta a ação pública de melhorias da infraestrutura é a equipe insuficiente para atender as demandas.

Todo início de ano existe um planejamento é feito um cronograma [...]. É registrado o nome da avenida, da praça, a localização e as atividades que iremos fazer durante o ano de limpeza, poda e revitalização, isso é feito de mês a mês. Existe essa programação e esse planejamento. Nossa equipe ainda não é suficiente para dar uma sequência de cuidado com mais frequência. A equipe é pequena. (DAV)

Das três praças, observou-se durante os trabalhos de campo que na Petrolínio Pinto Cunha a falta de manutenção e limpeza pública é mais aparente que as demais, o que mais provocou insatisfação dos moradores. Na avaliação dos representantes públicos, não existe tratamento diferenciado para praças periféricas pobres, centrais e “nobres”, todas recebem o mesmo cuidado, e o que as tornam diferentes é o tamanho³⁶. No entanto, essa concepção não é observada no real e isso foi visível nas três praças estudadas.

³⁵ Interpretação da entrevista realizada com um morador que reside próximo a Praça Petrolínio Pinto Cunha. Entrevista realizada em 06 de Fevereiro de 2021.

³⁶ Interpretação do relato do representante do Departamento de Áreas verdes. Entrevista realizada no dia 27/04/2021.

Foto 19: Espaços da Praça Petrolínio Pinto Cunha com folhagem, Feira de Santana, 2020.



Foto: Leidiane Carneiro. Acervo pessoal de Leidiane Carneiro, Outubro, 2020.

Foto 20: Depósito de lixo próximo a Estação de Transbordo BRT e em frente a Praça Praça Petrolínio Pinto Cunha, Feira de Santana, 2020.



Foto: Leidiane Carneiro. Acervo pessoal de Leidiane Carneiro, Outubro, 2020.

Foto 21: Arborização presente na Praça da Santa Mônica, Feira de Santana, 2020.



Foto: Leidiane Carneiro. Acervo pessoal de Leidiane Carneiro, Fevereiro, 2020.

Com relação aos critérios estabelecidos na escolha dos equipamentos públicos, que é outro fator que a comunidade almeja, melhorias e implantação de novos aparelhos, o representante do Departamento de Manutenção de Áreas Verdes relatou que: “Sim! Há todo o critério e nós ouvimos a comunidade” (DAV), ou seja, buscam envolver a comunidade no processo.

Não tem critério. O critério é a lei. Quando você cria uma praça nova e a consequência como já disse é de loteamento aberto [...]. A demanda, a necessidade, porque, às vezes, nem todo o governo pode decidir que vai colocar um parque, mas a população não quer um parque. Você tem um espaço que quer colocar uma quadra de esporte e a comunidade não quer, então esses espaços são demandado pela a comunidade, elas que estabelece a necessidade do que fazer no equipamento público. (SEPLAN1)

Os representantes mencionaram a participação da população nas decisões referentes à construção e instalação de equipamentos públicos e o discurso faz acreditar que ocorre a contribuição conjunta com a comunidade. No entanto, os argumentos dos residentes contradizem essas falas. Um morador relatou uma situação em que lhe causou indignação, ao afirmar que foi até determinado gestor público para solicitar o melhoramento da arborização, do jardim e recebeu a seguinte resposta: “eu não sei pra que verde naquela praça. É burro!

Cavalo para comer precisa de capim” (PPC9). Essa fala confirma que a limitada comunicação com a comunidade em atender as suas solicitações e é perceptível a existência de conflito e pouco interesse do representante público em avaliar a necessidade da arborização. Esse discurso também remete ao urbanismo modernista, que se baseia na introdução do concreto armado, pré-moldado com formato estabelecido, ou seja, um padrão com espaços setorizados. No entanto, é relevante entender que o concreto não é sinônimo de conforto térmico, e sim uma distorção do que seria um espaço ideal para o uso. A proposta de construção de praças deve pensar em condições de uso, presença de elementos naturais como: gramas, áreas, que os usuários realizem atividade física, caminhada, piquenique e entre outros.

Em virtude das insatisfações dos moradores das três praças e do desejo de ter ações mais contínuas do poder público na manutenções e, possivelmente, algumas mudanças, foi questionado ao poder público se há alguma ação ou intervenção prevista no espaço das três praças estudadas. Segundo o representante do Departamento de Manutenção de Áreas verdes, elas estão dentro do cronograma de atendimento de limpeza. Já o representante da SEPLAN ressaltou que:

Aí em não sei! Aquela praça do Sítio novo ela está na previsão de revitalizar, estamos fazendo um estudo para integrar com o terminal. A Praça da Santa Mônica acho que o máximo para se fazer ali e revitalizar no aspecto de colocar mais equipamentos desses que as pessoas possam sentar, bate-papo, utilizar. Acho que ali cabe mais equipamentos de ginástica do que qualquer coisa, porque é um bairro de classe alta [...]. A Praça do Cruzeiro é uma praça antiga que tem vida própria, o que ela precisa é ser melhorada o seu aspecto de requalificação [...]. Ali a comunidade é bem antiga.[...]

Portanto, ficou em evidência que a ação pública das praças de Feira de Santana precisa ser mais eficaz, com atuação mais contínua. Na Praça do Cruzeiro foi observada a limpeza por parte dos próprios moradores, que também contribuem na manutenção do espaço. Quando o representante relata que a “praça tem vida própria”, o mesmo se refere ao fato de ser um espaço antigo, reconhecido pelos os feirenses, com fluxos de veículos e pessoas, o que contribui na dinâmica urbana. Entretanto, é importante frisar que ela precisa de manutenção, para que a comunidade possa fazer uso.

Na Praça Petrolínio Pinto Cunha foi observado que precisa de manutenção regular na limpeza, poda das árvores, conservação dos equipamentos e das calçadas para que os moradores possam usufruir com mais frequência para a realização de caminhada, andar de bicicleta e o funcionamento dos *traileres*, que contribuirá na dinâmica do bairro e promove a socialização dos moradores de logradouros circunvizinhos. Sobre a Praça da Santa Mônica,

conclui-se que há conservação tanto no espaço interno, quanto nos logradouros, contudo o interesse fica evidente por se tratar de um espaço com o predomínio de classe média a alta, em que prevalece o embelezamento, além da intervenção da equipe de limpeza do condomínio Morada das árvores.

No próximo tópico, serão contextualizados os usos, desusos e resistências nas praças Cruzeiroirinho, Petrolínio Pinto Cunha e a Santa Mônica. O objetivo é abordar como essas praças são utilizadas pelos moradores e demonstrar os motivos do uso ou desuso, se a configuração espacial é satisfatória, como os moradores costumam frequentar, a sensação ao utilizar e o significado que elas trazem.

4.4. USOS, DESUSOS E RESISTÊNCIAS NAS PRAÇAS DE FEIRA DE SANTANA

Esta subseção consiste a mais expressiva, visto que propõe discutir como as praças do Cruzeiroirinho, Santa Mônica e Petrolínio Pinto Cunha são utilizadas pela comunidade. Diante do que foi relatado e debatido, observou-se que as praças têm inúmeras funções, desde a representatividade, palco de expressão cultural, político, recreação e convivência, o que as tornam espaços “vivos”, movimentados e resistentes ao longo do tempo. Os usos delas proporcionam vivência e identificação pelas pessoas, isso decorrente das atividades nelas exercidas.

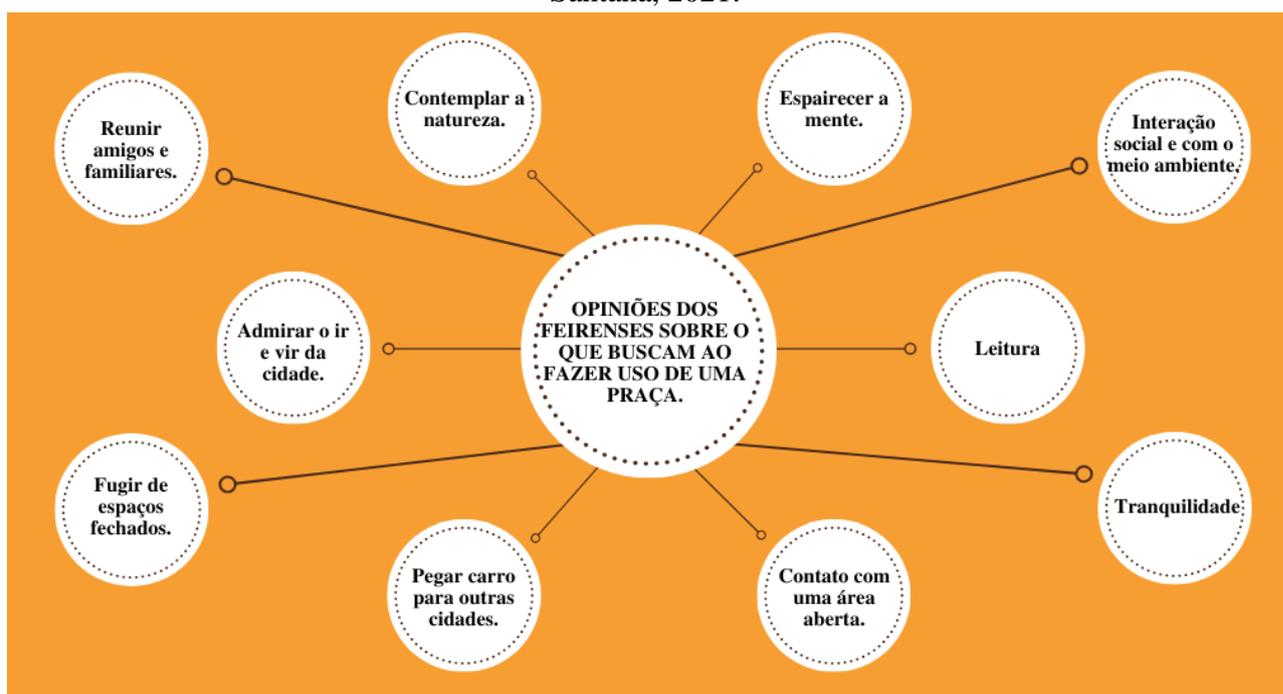
Para ratificar sobre o uso através da vivência, Lefebvre (2006) retrata que o espaço vivido está articulado às relações entre o indivíduo e o contexto que está inserido através da prática do cotidiano. Na subseção 4.1 vimos o quanto as praças de Feira de Santana são importantes para os moradores, pois possibilitam trocas de experiências, ideias, através do encontro e o seu uso contribui na dinâmica urbana.

Feira de Santana têm 265 praças cadastradas, incluída as da sede e dos distritos, sendo que todas possuem suas características, história e formas de uso (ou não) pela população. No fluxograma 3, são demonstradas as principais opiniões dos feirenses acerca do que buscam ao utilizar as praças da cidade. Houve uma pluralidade de pontos de vista, nos quais observou-se que procuram um espaço interativo, voltado para o uso familiar e de amigos, que permita realizar atividades de recreação, como, prática esportiva, brincar com as crianças no parquinho, na quadra de esporte, limpeza, embora nem sempre ofereçam sensação de tranquilidade e relaxamento.

Dentre as opiniões relatadas pelos moradores no fluxograma 3, a que mais se destacou foi “fugir de espaços fechados”(FE) e “Pegar um carro para outras cidades”(FE). A primeira

faz pensar que essa “fuga” esteja atrelada à rotina diária da maioria da população brasileira e feirense que é, de casa para o trabalho. Corresponde ao uso de espaços fechados, cujos momentos destinados ao ócio, geralmente, são nos finais de semana, que contribuem para o melhor aproveitamento do dia, diminuição do estresse, oportunidade de ficar sozinho(a) ou com os amigos e familiares, momento de reflexão e relaxamento. Sendo assim, quando se oportuniza frequentar espaços livres como praças, parques, isso possibilita entrar em contato com áreas abertas, descansar a mente e o corpo.

Fluxograma 3: Opiniões dos feirenses sobre o que buscam ao fazer uso das praças, Feira de Santana, 2021.



Elaboração: Leidiane Carneiro

Fonte: Entrevistas (2021)

Entretanto, as pessoas preferem ir os shopping center, que, de acordo com Angelis (2005), correspondem a espaços fechados, reclusos, no qual o contato com o meio é artificial. A ocorrência de circulação de pessoas é intensa, observa-se grupos de amigos e familiares que aproveitam as opções de entretenimento, compras, serviços oferecidos. Nas praças, as pessoas interagem entre si diante das alternativas de uso. No entanto, são espaços de conflitos, disputas a partir das intencionalidades e os interesses envolvidos por diferentes sujeitos que a utilizam.

Sobre “Pegar um carro para outras cidades”(FE), esse uso é frequente nas cidades pequenas e médias, distritos e áreas rurais, em que as praças são consideradas espaços principais para realização de eventos e parada de transporte, como também foi e ainda é

visível em algumas praças de Feira de Santana, como nas Fróes da Mota e da Matriz. É importante frisar que esse episódio é realizado com mais frequência pelos indivíduos que não têm meio de transporte privado. Nas cidades médias essa situação é recorrente, pois como estão inseridas em logradouros principais, o que facilita a circulação de veículos e de pessoas são opções de paradas de transportes coletivos, por exemplo, como foi observado na Praça do cruzeirinho e Petrolínio Pinto Cunha.

É importante ressaltar que o uso e a apropriação e a presença de equipamentos públicos como: coreto, busto, estátuas e entre outros, favorecem a caracterização e identificação das praças pela população. Em Feira de Santana temos vários exemplos, a Bernardino Bahia conhecida como “Lambe-Lambe”, face a identidade pela fotografia; a Dom Pedro II, conhecida como Nordeste, voltada para a parada de transporte coletivo, tem os amoladores de alicate e tesouras; comercialização de sorvete e cigana; a Presidente Médici, conhecida como Feiraguay, que transformou-se no “camelódromo”, com a comercialização de produtos importados, a qual é considerada o ponto turístico da cidade; ou a Macário Barreto, no bairro Tomba, transformada em feira livre. (Ver subseção 2.3). É importante enfatizar que as praças estudadas apresentaram aparatos arquitetônicos que as tornam símbolos de identificação e que favorecem o uso.

As praças do Cruzeiroirinho, Petrolínio Pinto Cunha e Santa Mônica são utilizadas de maneira distinta pelos moradores, em que os fatores sociais, localização e finalidades de usos as diferem.

A Cruzeiroirinho é muito utilizada para comercialização de produtos, com a presença do *trailer* (lanchonete) e da barraca de pastel e caldo de cana-de-açúcar, principalmente ao final da tarde, assim como frequência diária dos taxistas e mototaxistas. Eles a consideram o seu “gabinete de trabalho”, porque aproveitam o ar livre, jogam dominó, baralho e dama ou apenas ficam sentados embaixo das árvores, enquanto aguardam os passageiros. (Foto 22). Como ressaltou o mototaxista ao ser questionado se utiliza o espaço físico da praça: “Sim! Aqui é o meu escritório” (PC4).

Os moradores também foram questionados sobre como fazem usos da praça supracitada e relataram que levam os netos para brincar de bicicleta e praticar corrida, sentar nos bancos sozinhos para observar a movimentação da rua, conversar com os amigos e passear com os cachorros. Como relação a frequência percebeu que para cada tipo de uso a assiduidade varia: o mototaxista relatou que: “utilizo de segunda a sábado para realização do meu trabalho.” (PC4); o taxista afirmou que: “De segunda-feira a domingo, porque são todos os dias que eu trabalho.” (PC4); alguns residentes fazem uso com os netos mais ao finais de

semanas, pois são dias que não estão na escola. Isso demonstra que a praça supracitada é utilizada durante toda a semana, independente da forma de uso. Durante a observação de campo registrou-se moradores sentados nos bancos, aproveitando o final da tarde. (Foto 23)

Foto 22: Mototaxistas presente na Praça do Cruzeiroirinho, Feira de Santana, 2020.



Foto: Leidiane Carneiro. Acervo pessoal de Leidiane Carneiro, Janeiro, 2020.

Foto 23: Moradores sentados nos bancos da Praça do Cruzeiroirinho, Feira de Santana, 2021



Foto: Leidiane Carneiro. Acervo pessoal de Leidiane Carneiro, Janeiro, 2021.

Na subsecção 4.1 também foram demonstrados aspectos desfavoráveis nas praças da cidade e constatou-se várias inquietações que impossibilitam o uso pela população. Sobre os motivos que impedem os moradores da Praça do Cruzeiro de ir a praça os fatores mais relatados foram: “infraestrutura”(PC4), “policiamento”(PC4), “comodismo” (PC7), “insegurança” (PC4), “medo da violência e assalto”(PC7) e são aspectos que se perpetuaram em toda discussão, o que demonstra que esses motivos estão presentes nas praças da cidade a depender da localização e da dinâmica, o que conseqüentemente possibilita entender o não uso por alguns moradores que não se sentem seguros. Contudo, como mencionado, é importante ratificar que a violência está em qualquer espaço, não somente nas praças. As pessoas estão sujeitas a esse ato até dentro das suas próprias residências, e é uma ilusão pensar que a presença da Polícia impede atos de violência. Para certos grupos sociais, ela também pratica atos violentos, que podem ocorrer mesmo com a presença deles.

O bairro Queimadinha, como visto na tabela 3, é o mais populoso, conseqüentemente o fluxo de indivíduos diariamente é maior, sendo constatado nas observações. Entretanto, ele é estigmatizado por altos índices de criminalidade e tráfico de drogas, e isso reflete no uso da praça, como pode-se perceber na fala da entrevistada ao ressaltar que: “O que impede é a segurança, as pessoas usando muitas drogas, aí não vale apenas está próximo, principalmente quando faz festa como, a lavagem da Queimadinha e o forró do promovido pelo vereador do bairro.” (PC4). Nas praças encontra-se indivíduos com condutas, ações, interesses e relação de uso diferentes, com isso os conflitos e as disputas existem. Como ressaltar Bauman (2009), os espaços públicos são provenientes de atração e rejeição, ou seja, ao mesmo tempo que promovem socialização entre pessoas, trazem sensação de medo, que seria repulsão.

A Praça Petrolínio Pinto Cunha foi uma conquista dos moradores que foram em busca do poder público para a construção e a revitalização. Durante a realização das entrevistas percebeu-se o sentimento de pertencimento dos residentes, por vivenciarem parte das transformações, ao longo do tempo. No seu entorno, observou que a maioria dos moradores é adulta, idosa e antiga no bairro. Zimmerman (2015) resalta que as praças trazem significados, representatividades e retratam a história da cidade e do povo, refletem a existência da relação entre os moradores, nos quais eles compreendem que o espaço não é destinado apenas para o embelezamento, mas para o uso e convívio.

Acerca de como utilizam o espaço físico da praça Petrolínio Pinto Cunha, eles afirmaram que fazem usos para realização de: “caminhada pela manhã e/ou a tarde” (PPC6), pois o entorno da praça favorece a realização dessa prática, por ser ampla, o que facilita o percurso diário; “jogar dominó” (PPC6); “conversar com os vizinhos” (PPC6); “tomar fresca”

(PPC9), por ser bastante arborizada e contribuir na circulação do vento; “passar com os familiares e com os filhos brincar” (PPC6).

A situação pandêmica causada pela Covid-19 acarretou a diminuição e/ou a não frequência da população com relação ao uso das praças estudadas. Contudo, por ser uma área aberta e que possibilita a circulação do ar, os moradores da Praça Petrolínio Pinto Cunha, às vezes, aproveitam o espaço, com todo o cuidado necessário, para conversar e encontrar os vizinhos, como afirma o morador: “Fico aqui sentado. Com essa pandemia nunca mais eu fiquei aqui conversando. Às vezes encontro vizinhos sentamos no banco distante uns dos outros lamentado sobre a situação da praça.[...]”.(PPC9). Durante a realização das entrevistas foi registrado o encontro de moradores antigos e idosos, que após os relatos permaneceram aproveitando o ar livre e conversando. (Foto 24)

Foto 24: Encontro de moradores antigos e idosos na Praça Petrolínio Pinto Cunha, Feira de Santana, Fevereiro, 2021.



Foto: Leidiane Carneiro. Acervo pessoal de Leidiane Carneiro, Fevereiro, 2021.

As praças são necessárias não somente para moradores do bairro onde estão inseridas, mas para a população em geral e circunvizinha, e, em parte, é vista como algo construído para o povo, como afirma Garcia e Gulinelli (2017). A Praça Petrolínio Pinto Cunha é também utilizada por residentes de bairros próximos, tais como Campo Limpo e Gabriela, como afirmou um morador: “Têm pessoas que ainda vêm e trazem crianças que não são moradores daqui. As crianças sentam alí, ficam brincando, as mães e os adultos ficam no lado das crianças observando, pois a rua é bastante movimentada.” (PPC9). Essa fala demonstra

interação entre os sujeitos, o que contribui nas relações sociais entre eles e, consequentemente, favorece o uso da praça. No decorrer do trabalho de campo, observou-se uma criança utilizando a área da praça para prática de futebol e no parque infantil. (Foto 25, 26), como também uns dos quioques em funcionamento (Foto 27). Essas práticas de uso tornam o espaço dinâmico e atraem outras pessoas a também frequentar.

Foto 25: Criança brincando no parque infantil na Praça Petrolínio Pinto Cunha, Feira de Santana, 2020.



Foto: Leidiane Carneiro. Acervo pessoal de Leidiane Carneiro, Outubro, 2020.

Foto 26: Criança jogando futebol na área da Praça Petrolínio Pinto Cunha, Feira de Santana, 2020.



Foto: Leidiane Carneiro. Acervo pessoal de Leidiane Carneiro, Agosto, 2021

Foto 27: Quiosques em funcionamento na Praça Petrolínio Pinto Cunha, Feira de Santana, 2021.



Foto: Leidiane Carneiro. Acervo pessoal de Leidiane Carneiro, Agosto, 2021.

Segundo Caldeira (2007), as praças correspondem em espaços multifuncionais, ou seja, nelas encontram-se diversas formas uso, seja através de manifestações culturais que podem expressar apresentação de dança, espetáculos musicais e teatrais, comercialização de produtos, capoeira e rituais religiosos. Um morador da Praça Petrolínio Pinto Cunha afirmou que, após a requalificação, já se apresentaram “cantor de cordel, já teve o banda Asas Livres na inauguração, cantor Zé Araújo, o cantor Pablo. Aqui na frente da praça mora o cantor da terra Zezinho dos Olhos D’Água”(PPC9). O histórico de apresentações culturais proporcionou dinamismo e diversão para os moradores locais e circunvizinhos.

No decorrer das observações, foi perceptível a amostra de rituais religiosos (Foto 28) na praça, assim como a comercialização de verduras pelos moradores, com o intuito de atender a necessidades das pessoas e também um cenário tradicional desde a formação das praças na cidade. (Foto 29).

Com relação a frequência, os moradores relataram que fazem uso durante os todos os dias da semana. Uma moradora especificou que o período da “tarde, depois das 15h têm muita gente utilizando a praça, tomando fresca”. (PPC9)

Foto 28: Amostra de rituais religiosos na Praça Petrolínio Pinto Cunha, Feira de Santana, 2020.



Foto: Leidiane Carneiro. Acervo pessoal de Leidiane Carneiro, Outubro, 2020.

Foto 29: Barraca de comercialização de verduras na Praça Petrolínio Pinto Cunha, Feira de Santana, 2020.



Foto: Leidiane Carneiro. Acervo pessoal de Leidiane Carneiro, Outubro, 2020.

A Praça da Santa Mônica está inserida no contexto social diferente entre as demais. O intuito da construção foi atender a classe média alta, com o propósito de ter um espaço belo, arborizado, afinal, antes era um depósito de lixo e não era um ambiente favorável para os moradores. Durante as observações de campo, foi visto, de forma esporádica, um pequeno grupo de crianças que brincava de futebol e utilizava os aparelhos de ginástica como parque infantil: dois moradores sentados nos bancos e uma moradora que passeava ao entorno com o

cachorro. Porém, não foi vista movimentação intensa ao fazer uso.

Sobre isso, como os moradores utilizam o espaço físico da praça, eles afirmaram que: “leva o cachorro para passear, conversar e bate papo com os vizinhos e amigos”.(PSM5); “Sim! Na verdade eu deixo os meus três filhos brincando. Eu só fico vigiando”. (PSM5); “Somente para tomar fresca, sair de dentro de casa, olhando o movimento”(PSM5).

Poucas pessoas relataram que faziam uso da praça supracitada. Os que não utilizavam disseram que é por “questão de segurança” (PSM5); “Ela não oferece para mim ao meio estilo de ver a vida ou viver a vida aquilo que gostaria de ver a praça”. (PSM8), ou seja, o morador não se identifica com o espaço e não observa nela o que ele gostaria de ver numa praça, que seria mais opções de equipamentos que favorecessem ao uso. Eles também relataram que ela é deserta e perigosa.

No decorrer das observações, presenciou-se um ato de violência entre o morador e outro indivíduo, que parecia fazer uso de entorpecentes, e houve disparos de tiros. No momento, tinha um pequeno grupo de criança brincando na praça, que começaram a correr para suas residências. A ação trouxe para os moradores e para a pesquisadora a sensação de medo e pânico. E, por isso, não foi possível realizar nenhum registro fotográfico das crianças, que antes estavam jogando futebol, pois elas não retornaram mais para a praça. Após o ocorrido, foram realizadas outras visitas *in loco* e foi perceptível que os moradores estavam ainda mais receiosos em participar da entrevista e conversar. Essa situação demonstrou que nos bairros de classe média alta também ocorrem episódios como esse, porém, não são estigmatizados para que se possa ter a ilusão da segurança. Nos discursos frequentes das pessoas, a violência ocorre em bairros periféricos pobre, ou seja, é criado o estereótipo através de discursos.

As praças do Cruzeiro, Petrolínio Pinto Cunha e Santa Mônica possuem formas distintas e trazem elementos arquitetônicos que compõem a paisagem urbana e contribuem nas relações sociais. A configuração das praças está relacionada aos aspectos paisagísticos, função social e equipamentos públicos. Foi questionado aos moradores das três praças se a configuração atual encontra-se satisfatória para o uso. Os moradores do Cruzeiro afirmaram que sim, relataram que, por ser uma área pequena, não tem como inserir outros equipamentos, porém precisa melhorar. Com a intervenção do poder público, ao colocar a iluminação de led, ficou um pouco melhor, pois ofereceu maior luminosidade. Os que ressaltaram que não está satisfatório afirmaram que precisa modernizar, principalmente a “cruz”; inserir equipamentos públicos para a crianças e maior atenção dos representantes do

serviço público.³⁷

Na Praça Petrolínio Pinto Cunha o parque infantil de madeira, quadra de esporte e quiosques tornaram-se fatores de atração. Contudo, devido a falta de manutenção regular, os residentes ressaltaram que não encontra-se satisfatória por inúmeros motivos, dentre eles: as árvores precisam ser podadas para proporcionar a incidência dos raios solares e deixar mais visível; melhorias nos equipamentos presentes; iluminação, limpeza; e conserto do quadro elétrico, que está danificado e traz risco de acidente, pois, ao receber uma carga elétrica intensa, desarma, a praça fica escura e o acesso à internet que não funciona³⁸.

Sobre a configuração atual da praça da Santa Mônica, os residentes ressaltaram que precisa de limpeza; mais iluminação, pois as árvores inviabilizam a luminosidade; inserção de equipamentos de ginásticas, tais como: academia ao ar livre, aparelhos para as crianças brincarem, como parquinho, que na opinião do morador deveria ser de ferro³⁹. Dentre os diálogos, o que mais se destacou foi o morador que afirma: “Está precisando de uns bancos, de uns alambrados para proteger contra carro, que pode se desgovernar e atingir os pedestres que estiverem presente, [...], além disso, um comércio como uma sorveteria, uma lanchonete, alguma coisa para poder povoar mais.” (PSM5). A questão do “alambrado” merece ressalva, porque não atende o objetivo da praça, que deve ser um área aberta e livre. Em relação a presença de estabelecimentos comerciais, poderia promover a diminuição da segregação entre as pessoas, os moradores sairiam da suas “bolhas” de amigos para ser dar a oportunidade de conhecer novas pessoas e construir novas relações; além disso, a praça ficaria mais dinâmica.

De acordo com os depoimentos dos moradores das três praças foi perceptível que elas são utilizadas por diferentes sujeitos, mesmo que seja de forma esporádica. Os residentes costumam frequentar com familiares, principalmente, com os netos, amigos, vizinhos, filhos e até mesmo sozinhos. Além de contribuir para promover as relações sociais, as praças estimulam o convívio, construção da memória afetiva, com diversidades de funções e benefícios para os moradores.

Os residentes da praça do Cruzeiroinho relataram que transmitem sensações de confiança, livre e alívio da mente e do corpo das rotinas diárias, o que favorece o uso⁴⁰. Na Praça do Petrolínio Pinto Cunha, os moradores afirmaram que sentem boas sensações ao

³⁷ Interpretação da entrevista realizada com os moradores que reside próximo a Praça do Cruzeiroinho. Entrevista realizada em fevereiro de 2021.

³⁸ Interpretação da entrevista realizada com os moradores que reside próximo a Praça Petrolínio Pinto Cunha. Entrevistas realizadas entre fevereiro e maio de 2021

³⁹ Interpretação da entrevista realizada com os moradores que reside próximo a Praça Santa Mônica Entrevista realizada em maio de 2021

⁴⁰ Interpretação da entrevista realizada com os moradores que reside próximo a Praça do Cruzeiroinho. Entrevista realizada em fevereiro de 2021.

passar e aproveitar o espaço, privilégio de poder ter uma praça em frente das residências, aproveitar com os amigos, sendo significativa para a vida social⁴¹.

Essa última praça também foi vista por uma moradora como espaço terapêutico, que possibilita, através do uso, amenizar o sentimento de angústia, ansiedades, estresses extremos, preocupações, ao afirmar que: “Quando eu sentia alguma coisa dentro de mim, eu fechava a casa e saía e ia para a praça, pra mim dar outra vida, ver o povo passar”. (PPC6). Após a pandemia da covid-19, os moradores relataram que apresentaram transtornos psicológicos e, desse modo, as praças contribuíram para oferecer sensação de bem-estar, sendo “válvulas de escape” que permitem, por alguns instantes, sair de uma pressão interna, aliviar as tensões e extravasar.

Nas praças do Cruzeiroirinho e Petrolínio Pinto Cunha, os moradores demonstraram sensações que remetem muito ao aproveitamento, a vontade, o se sentir bem ao fazer uso; ou seja, a existência da afetividade. Na Praça da Santa Mônica, alguns residentes dirigiam as respostas não para a praça supracitada em si, mas para outras da cidade, de forma geral, e não foi perceptível sentimento de pertencimento. Mesmo com essas percepções alguns moradores que fazem uso da Praça da Santa Mônica relataram que se sentem bem ao utiliza-la, que se sentem seguros, apesar de alguns vizinhos discorrerem que durante a semana ficam uns jovens ao uso de entorpecentes. Contudo, esse é o cenário também presente nas ruas, calcadas, jardim, parques e praças em geral.

Os moradores da praça do Cruzeiroirinho relataram que têm orgulho de tê-la presente no bairro, que ela significa um marco para a cidade, pois todos os feirenses a conhecem, tendo na “Cruz” o simbolismo da sua existência, espaço de memória e histórico para o bairro⁴². Já os residentes da Petrolínio Pinto Cunha afirmaram que tem um significado importante para eles, proporciona beleza, ar puro, faz parte da trajetória de vida dos moradores antigos e que vivenciam o processo de transformação⁴³. Como relatou o primeiro morador:

É importante na minha trajetória de vida no bairro, já que sou o primeiro morador. Vi aqui ser uma chácara com árvores frutíferas, mas não tinha essa estrutura e também agente não poderia entrar porque era um local privado. É muito significativo não só para mim, mais para ele que fica sentado aqui durante o dia, respirando um arzinho, passa um amigo e conversa. (PPC9)

⁴¹ Interpretação da entrevista realizada com os moradores que reside próximo a Praça Petrolínio Pinto Cunha. Entrevistas realizadas entre fevereiro e maio de 2021

⁴² Interpretação da entrevista realizada com os moradores que reside próximo a Praça do Cruzeiroirinho. Entrevista realizada em fevereiro de 2021.

⁴³ Interpretação da entrevista realizada com os moradores que reside próximo a Praça Petrolínio Pinto Cunha. Entrevistas realizadas entre fevereiro e maio de 2021

Para os moradores da praça da Santa Mônica, o significado está atrelado aos benefícios que eles tiveram após a transformação do espaço, que não foi somente para embelezar, mas também para o uso. Porém o significado parece ficar mais no discurso, pois a utilização é menor. E isso refletiu a fala de uma moradora: “Pra mim não tem nenhum significado, considero uma praça normal.”(PSM5), ou seja, sem simbolismo, sem pertencimento, e o que confirma a concepção observada durante as entrevistas, que corresponde a um jardim dos residentes de classe média alta.

O uso das praças proporciona o aproveitamento da área para a realização de atividades de recreação, além disso, promove relações de vivências que são constituídas a partir do contato com o outro, afetividade e acesso ao espaço público para o exercício da prática do cotidiana, mas com conflitos. Isso é atrelado, por um lado, a atender as famílias. Quando possuem algum equipamento público a movimentação é maior, pois é um fator atrativo.

O trabalho demonstra que as praças resistem diante de diversas situações, apesar das inquietações dos feirenses diante da pouca ação pública em promover melhorias na infraestrutura, limpeza, e no controle dos atos de violências. Mesmo de forma esporádica, elas são utilizadas e se contrapõem aos discursos pré-estabelecidos sobre violência, sobretudo para moradores que residem em bairros periféricos pobre, que por falta de oportunidades ou condições financeiras as têm como de usufruir opção de entretenimento.

Por outro lado, os shopping centers vendem a sensação de comodidade, conforto, multiutilidade com variedade de opção de serviços; espaço privativo, como arena de futebol, e os condomínios, que oferecem diversas alternativas de uso, tais como: academia, área gourmet, piscina, quadra poliesportivas são impostos. No entanto, apesar disso e da relativa desvalorização ou desusos das praças por alguns, constatou-se que as pessoas fazem usos das praças para promover encontros sociais, realizarem atividades comerciais; as crianças ainda brincam, os idosos aproveitam o final da tarde para conversar; ou seja, são ações se realizam cotidianamente, mas de forma conflituosa.

As praças também resistem pelo fato de manter parte das manifestações culturais, religiosas, culturais e artísticas, e pela memória, e se tornaram espaços de luta, manifestação da liberdade de expressão, protesto, ou seja, retrato da vivência do cotidiano. Essa ideia está retratada, sobretudo, nas praças mais antigas, com a presença dos coretos, que são equipamentos representativos que foram utilizados para realização de apresentações políticas e culturais. As manifestações públicas são ações coletivas e houve vários atos públicos em praças públicas de Feira de Santana, o que intensifica ainda mais o seu papel como “palco” de reivindicações. Por exemplo, na Praça do Cruzeiro, há expressão da resistência a partir do

movimento de identidade cultural, através da capoeira, que se realiza periodicamente. E tudo isso demonstra que elas estão “vivas”.

Outro fator de resistência são os rituais religiosos, seja porque muitas praças estão próximas das igrejas e refletem que o espaço tem poder político e é destinado a cerimônias religiosas; seja pela expressão de religiões africanas, encontrada na Praça Petrolínio Pinto Cunha, manifestação foi descoberta ao acaso, mas não relatada pelos os moradores.

As praças que são utilizadas e apropriadas para a comercialização de produtos refletem a reprodução da vida de muitos trabalhadores, através do trabalho sustenta sua família, como também promovem dinamismo no bairro. Temos vários exemplos na cidade de Feira de Santana que resistem através desse fator, como a do Cruzeirinho, em que se viu os quiosques e proximidade com bares e a Petrolínio Pinto Cunha, em que foi vista uma barraca de venda de legumes. Isso reforça ações que contribuíram na formação da cidade e que, apesar das transformações urbana, ainda resistem. É foi perceptível que essa característica é recorrente nas praças das cidades médias, principalmente em Feira de Santana, que as utilizam como espaço de trabalho e cujos conflitos com os moradores aparecem.

As praças permitem que haja múltiplas manifestações, celebrações, sejam elas políticas, religiosas, de rua, com a presença de diversos sujeitos. É notório refletir que elas não resistem sozinhas e sim através das participação da comunidade, com as suas lutas, conflitos e ações em busca por melhorias para que se tenha espaço adequado para o uso. Já as localizadas em bairros “nobres” resistem contra a influência das pessoas que preferem utilizar espaços privados e que consideram as praças como meramente uma paisagem.

Portanto, apesar de todas as inquietações relacionados aos aspectos de infraestruturas, equipamentos danificados, limpeza irregular, as praças são utilizadas, resistem e são resilientes a todos esses fatores, o que as transformam em espaços de debate, conflitos, encontros e de engajamento social.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As praças públicas estão presentes em cidades pequenas, médias, grandes e ao longo história passaram por transformações, foram atribuídas diversas funcionalidades, finalidades e utilidades, as quais proporcionaram para a comunidade oportunidade de interação entre pessoas, consideradas palcos de manifestação cultural, política e social, em que foi idealizada e construída para o povo, mas com conflitos.

Com relação à importância das praças para os feirenses e para os residentes dos lócus de estudo, constatou-se que elas possuem relevâncias e significados. São consideradas como espaço de vivência, da prática exercida no cotidiano de aproveitamento com a família, amigos e vizinhos, que favorece o convívio social, diversão e a socialização. Além disso, é um bem público que é destinado para a população fazer uso, em que consiste de espaço com múltiplas funcionalidades e que fazem parte do contexto urbano.

A pandemia da Covid-19 influenciou e adiou bastante a coleta das informações através das entrevistas, visto que, com as restrições sanitárias, os moradores e a pesquisadora ficaram receosos, devido a transmissão do vírus. Além disso, alguns órgãos públicos como o Arquivo Público Municipal, ficaram fechados. Após a liberação, a coleta de dados começou a ser realizada. Porém, foi visível nas entrevistas com os moradores que eles se dirigiam as respostas sempre relacionadas após a pandemia, e isso interferiu um pouco na execução, pois era necessário enfatizar que o contexto a qual se referia os questionamentos eram antes da pandemia. Devido esse cenário, consegui-se coletar informações do uso das praças estudadas em realidades diferentes, o que fez perceber as mudanças de uso ligadas à pandemia, o que de certa forma não era o objetivo, e contribuiu ainda mais na análise do fenômeno.

Durante o levantamento de dados, constatou-se no Arquivo Público Municipal a escassez de informações sobre o surgimento das três praças estudadas, sendo inicialmente um problema. Todavia, a descoberta do Projeto Memorial da Feira foi de grande relevância, e está disponibilizado no site da Prefeitura de Feira de Santana, que divulga informações por meio de imagens fotográficas e da descrição de acontecimentos importantes na história da cidade. Contudo, percebeu que esse projeto não tem a visibilidade necessária, composto por diversos pesquisadores feirenses, com um acervo diversificado.

A princípio, o trabalho demonstrou certa desigualdade com relação a distribuição das praças na cidade, pois elas estão situadas mais dentro do anel de contorno. Constatou-se também que nos bairros periféricos pobres ou em expansão não existem muitas praças, o que limita o uso pelos residentes, além do direcionamento para as áreas centrais, onde são vistas

como espaços que embelezam ou dão visibilidade, e não idealizadas para o uso. Ficou notório o desejo de alguns feirenses em ter uma praça em cada bairro, para que eles tenham uma opção de uso.

As praças de Feira de Santana estão localizadas em logradouros principais dos bairros, o que resulta em pontos de referência. Nas praças do Cruzeiroinho, Santa Mônica e Petrolínio Pinto Cunha foi perceptível uma movimentação ao seu entorno, em virtude da sua localização, que favorece que haja a circulação de veículos e pedestres. Certificou-se que os tipos de usos e o entorno caracterizam o espaço, como também nele interferem. Das três praças estudadas, vimos que a Cruzeiroinho, por apresentar um uso mais misto, apresentou uma diversidade maior de pessoas circulando com relação às demais, mesmo que não seja exclusivamente para aproveitar o espaço físico da praça. O *trailer*, os mototaxistas e os taxistas contribuem bastante e, conseqüentemente, atraem moradores que desejam solicitar os serviços ou aguardar o transporte coletivo.

Nas praças Petrolínio Pinto Cunha e Santa Mônica apesar de terem usos mais residenciais, há diferenças que correspondem ao contexto social dos moradores. A primeira retratou que os residentes têm maior relação de pertencimento, cuidado, afetividade, e a consideram como um espaço que favorece a diminuição do estresse e os encontros, ao contrário da Praça da Santa Mônica, que é vista como um jardim para embelezar as “janelas” dos condomínios e das mansões, e assim observou certo desprendimento para uso.

Constatou-se que essas praças apresentaram certo estado de abandono; os equipamentos públicos precisam de reparos, as calçadas estão danificadas e falta de acessibilidade para atender as pessoas com condições especiais, principalmente às localizadas nos bairros periféricos pobres. As reclamações foram unânimes entre os respondentes com a falta de cuidado do poder público e é notória a diferenciação entre o tratamento das praças centrais, e as “nobres” e as pobres. Isso, além do medo, da violência, que foi algo bastante evidenciado, onde há ideias preconcebidas de que as praças são violentas, problema que não se limita somente às praças e sim a todos os espaços, públicos ou não.

As praças da Cruzeiroinho, Petrolínio Pinto Cunha e Santa Mônica possuem diferentes aspectos, todavia têm um ponto em comum; pertencem a cidade média, Feira de Santana, cujo objetivo é atender a população regional, na qual indivíduos oriundos de outras cidades vêm em busca de serviços e melhorias, o que ocasiona, algumas vezes, a fixação na cidade e o crescimento populacional. Os bairros (periféricos ou não) são ocupados por novos moradores, em virtude de vários aspectos e, dessa forma, as praças correspondem a espaços de convivência e de conflitos.

Como sugestão, de acordo com os entrevistados, as praças de Feira de Santana, em geral, necessitam de manutenção regulares; equipamentos que permitam o acesso com maior facilidade das pessoas com condições especiais; eventos culturais, atividades esportivas e feira de artesanatos e equipamentos de ginástica, item que foi o maior desejo da população. Diante de todas as discussões e as observações realizadas foi construído um quadro propositivo com os conjuntos de proposições com diagnósticos das praças estudadas, assim como as propostas de melhorias. (Ver quadro 1)

Com relação as praças estudadas, a do Cruzeirozinho apresentou infraestrutura regular, porém não possui opções diversificadas de uso, principalmente para as crianças. Na Petrolínio Pinto Cunha é necessário realizar manutenção, tais como: reparo no parque infantil, na quadra de esporte, no quadro de energia elétrica, no fornecimento da internet pública, melhoramento no jardim, calçada e nos bancos. E, por fim, a Santa Mônica, por apresentar um contexto social diferente das duas mencionadas, mesmo a sua área sendo pequena, deveria realizar a requalificação total, com a inserção de outros equipamentos de ginástica, parque infantil para as crianças e/ou um quiosque para dinamizar mais o bairro e a praça e, além disso, promover a socialização dos residentes.

O estudo das praças públicas numa cidade média ajuda a concluir que elas são utilizadas e apropriadas a depender das condições oferecidas e que a participação da comunidade é relevante, afinal é a vivência que a torna espaço social, de produção e reprodução da vida, através das atividades exercidas. Com isso, o seu papel nesse contexto consiste de um espaço com significado e que adquirem funções distintas, a depender dos seus usos. Todavia, não se pode esquecer que as relações são conflituosas, pois elas são utilizadas por indivíduos que possuem costumes, hábitos e interesses distintos, através das relações sociais, em que estão pautados de intencionalidades, formas de uso e controle espacial, o que ocasiona disputas que se refletem desde a sua construção, com apropriação do terreno.

O trabalho possibilitou compreender com o estudo das três praças em contextos socioeconômicos distintos que existe o distanciamento das pessoas em se considerar a praça como espaço de uso, principalmente nos bairros “nobres”; que há mais preocupação com as formas arquitetônicas do que com ações que promovam o uso; contradições na participação popular; e a insatisfação ainda é bastante evidente, com relação a infraestrutura e a limpeza.

QUADRO 1: CONJUNTOS DE PROPOSIÇÕES DAS PRAÇAS DO CRUZEIRINHO, SANTA MÔNICA E PETROLÍNIO PINTO CUNHA.

DIAGNÓSTICO DA PRAÇA DO CRUZEIRINHO	PROPOSTAS DA PRAÇA DO CRUZEIRINHO
<ul style="list-style-type: none"> ❖ Falta de equipamentos públicos para as crianças e adultos. ❖ Limpeza ao entorno e no espaço físico da praça; ❖ Ausência de rampa de acesso para Pessoas com Deficiência (PcD). 	<ul style="list-style-type: none"> ❖ Reorganização do espaço da praça com a distribuição melhor dos equipamentos públicos presente; ❖ Serviço de limpeza pública ao entorno e no espaço físico da praça; ❖ Manutenção regular dos equipamentos; ❖ Inserção de um playground de madeira para as crianças, no entanto, ao entorno do brinquedo utilizar pisos que absorvam impactos e amenizem as implicações de alguns acidentes ou tapete de grama sintética; ❖ Instalação de um equipamento de academia ao ar livre; ❖ Inserção de kit de lixeira para coleta seletiva; ❖ Colocação de rampa de acesso para Pessoas com Deficiência (PcD).
DIAGNÓSTICO DA PRAÇA PETROLÍNIO PINTO CUNHA	PROPOSTAS DA PRAÇA PETROLÍNIO PINTO CUNHA
<ul style="list-style-type: none"> ❖ Árvores grandes; ❖ Equipamentos públicos danificados (Bancos, parque infantil e mesa de concreto); ❖ Falta de iluminação e limpeza; ❖ Quadro da distribuição de energia elétrica danificado; ❖ Falta de manutenção das gramas e plantas; ❖ Falta de reparos da quadra de esporte; ❖ Ausência da distribuição de sinal de conexão de internet; ❖ Não funcionamento dos quiosques; ❖ Pavimentação danificada; ❖ Falta de lixeira; 	<ul style="list-style-type: none"> ❖ Serviço de limpeza pública ao entorno e no espaço físico da praça; ❖ Manutenção regular dos equipamentos; ❖ Podar as árvores com frequência, assim proporcionará maior visibilidade; ❖ Instalação de novos postes de iluminação com lâmpada de LED; ❖ Ao entorno do Playground inserir um tapete de grama sintética ou pisos emborrachados; ❖ Rede de conexão de internet gratuita com rede de fibra ótica ou a rádio; ❖ Realizar ações de plantação de muda no jardim com a participação da comunidade, associação comunitária, escola e igreja com o intuito de recuperar o jardim e conscientizar os moradores a cuidar das plantas; ❖ Inserir um sistema de irrigação para garantir a vitalidade das plantas; ❖ Na quadra de esporte inserir uma rede proteção na parte superior para evitar a saída da bola, além do melhoramento das traves de futebol, tabelas de basquete, arquibancada e nas redes laterais; ❖ Inserção de kit de lixeira para coleta seletiva;

	<ul style="list-style-type: none"> ❖ O quadro de distribuição de energia com tampa de alumínio e cadeado; ❖ Restauração da pavimentação com a presença de rampa de acesso para Pessoa com Deficiência (PcD); ❖ Instalação de um equipamento de academia ao ar livre;
DIAGNÓSTICO DA PRAÇA SANTA MÔNICA	PROPOSTAS DA PRAÇA SANTA MÔNICA
<ul style="list-style-type: none"> ❖ Falta de limpeza; ❖ Iluminação irregular; ❖ Árvores sem podar; ❖ Poucos bancos; ❖ Falta de equipamentos públicos que atendam as crianças e adultos; ❖ Falta de manutenção das gramas e plantas; ❖ Acesso a Pessoas com Deficiência (PcD); 	<ul style="list-style-type: none"> ❖ Reorganização do espaço da praça com a distribuição melhor dos equipamentos públicos presente; ❖ Trocar o equipamento público de ginastica de madeira por um de ferro que atenda a mais realização de exercício; ❖ Um playground de madeira para as crianças no centro da praça, ao entorno do brinquedo pisos que absorvam impactos e amenizem as implicações de alguns acidentes ou tapete de grama sintética; ❖ Inserir mais bancos; ❖ Podar mais as árvores para favorecer a visibilidade; ❖ Inserção de kit de lixeira para coleta seletiva;

Elaboração: Leidiane Carneiro.

Fonte: Dados coletados pela autora (2021)

Apesar de todas as reclamações e da falta de ação do poder público, as praças existem a partir do momento que elas são utilizadas para realização de atividades que possibilitem aos moradores socializar e interagir com outros indivíduos e que ofereçam equipamentos conservados e que favoreçam aos usos. Além disso, elas resistem contra o surgimento de outros espaços de uso coletivo, tais como: shopping centers, que trazem a ilusão da comodidade e segurança; ou seja, as praças lutam contra a imposição de escalas maiores. Essa ideia não estava em pauta. No entanto, no decorrer do trabalho de campo, observou-se essa resistência, que realmente foi bastante significativa, pois a visão cotidiana sobre as praças, de forma geral, é a de que elas não são utilizadas pelos moradores.

Essas formas de resistência estão pautadas a partir da existência das praças face os acontecimentos que nelas ocorrem: manifestações culturais e lutas; labor dos trabalhadores informais, que geralmente são os próprios residentes, que utilizam o espaço para o exercício do trabalho. No entanto, essa relação é conflituosa entre alguns moradores, ao relatarem que essas atividades inviabilizam o uso, todavia é importante ressaltar que tais ações promovem dinamismo e que as praças são vistas, ao mesmo tempo, como espaço de atração e replusão, devido a sua pluralidade de uso.

É relevante frisar que os conflitos também estão presente nas praças localizadas em bairros “nobres”, pois, mesmo com a imposição pelos os empreendimentos privados, que oferecem opções de recreação, ou pelos moradores que residem nas mansões que prefere fazer uso de outros espaços, o que ocasiona a fragmentação entre os indivíduos e disputa entre o espaço público e privado, contudo, as praças são utilizadas, mesmo que pontualmente.

Logo, observou-se as praças nas cidades médias são utilizadas e que as tensões expressas na forma de uso e isso provoca resistência, ou seja, são pilares que foram observados e que contribuem bastante na compreensão de como as praças são utilizadas, configuradas e resistem, sobretudo, às transformações urbanas e às exigências impostas.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Oscar Damião de. **Dicionário da Feira de Santana**. Santa Rira, 2006, p. 27- 40.
- ALMEIDA, Oscar Damião de. Dicionário Personativo, Histórico, Geográfico e Institucional da Feira de Santana. **Revista, atualizada e ampliada**, 2002, p. 275-278
- ALVES, Castro. **Obras Completas de Castro Alves**. Afrânio Peixoto (Com.). Francisco Alves: Rio de Janeiro, 1921.
- AMORIN FILHO, Oswaldo; SERRA, Rodrigo Valente. Evolução e perspectivas do papel das cidades médias no planejamento Urbano e Regional. In: ANDRADE, T.A.; SERRA, R.V. (Org.). **Cidades médias brasileiras**. Rio de Janeiro: IPEA, 2001. p. 01-34.
- ANDRIOLI, T.C.C. As contradições na produção do espaço urbano: a apropriação desigual da cidade. **Revista Formação**, Presidente Prudente, n.8, p. 253-257, 2001.
- ANGELIS, Bruno Luiz Domingues de. et al. **Praças: História, Usos e Funções**. Maringá: Editora da Universidade de Maringá – Fundamentum, 2005, 54p.
- ANGELIS, Bruno Luiz Domingues; ANGELIS NETO, G. de. **Os elementos de desenho das praças de Maringá-PR**. Acta Scientiarum, v.22, p.1445-1454, 2000.
- ARAÚJO, Antônio Marcello Ricci de. **O crescimento de Feira de Santana e o papel do Parque da Cidade nas transformações dos bairros do seu entorno**. 2015, 255f. Dissertação (Mestrado em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Social) – Superintendência de Pesquisa e Pós-graduação. Universidade Católica de Salvador. Salvador, 2015.
- ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Tradução de Roberto Raposo - Posfácio de Celso Lafer. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. p.174.
- AZEVEDO, Ricardo José Gontijo. **O espaço público em cidades médias: análise da dinâmica socioespacial de praças e parques de Limeira-SP**, 2013. 279f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro, 2013.
- BALDISSERA, Doris. **Apropriação de espaços públicos em centros urbanos: Caxias do Sul 1910-2010**, 2011. 240f. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) – Faculdade de Arquitetura. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.
- BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009, p.49.
- BENEDET, Michelle Souza. **Apropriação de praças públicas centrais em cidades de pequeno porte**. 2008. 166f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-Graduação. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008.
- BOVO, Marcos Clair; HAHN, Fábio André; RÉ, Tatiane Monteiro. A Praça como objeto de estudo de uma pequena cidade. **Fronteiras: Revista de História**, Dourados – MS, v. 18, n. 31, 2016, p. 431 – 456.

BRASIL. Lei nº 10.406 de janeiro de 2002. Instituiu o Código Civil. *Lex*: Lei de 2002. Brasil: Lex, 2002, p.13.

BRASIL. Lei nº 6.766, de 19 de dezembro de 1979. Dispõe o Parcelamento do uso do solo urbano. *Lex*: Lei de 1979. Brasil: Lex, 1979, p.3.

BRASIL. Lei nº 10.257, de 10 de julho de 2001. Regulamenta os arts. 182 e 183 da Constituição Federal, estabelece diretrizes gerais da política urbana e dá outras providências. *Lex*: Lei de 2001. Brasil: Lex, 2021, p.1.

CACCIA, Lara Schmitt. **A apropriação do espaço público a partir do estudo das representações sociais no parque da redenção em Porto Alegre/RS.** 2011. 94f. Monografia (Bacharelado em Geografia) – Instituto de Geociências. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2011.

CALDEIRA, Junia Marques. **A Praça Brasileira: trajetória de espaço urbano origem e modernidade.** 2007. 432f. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas, Campinas – SP, 2007.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo.** São Paulo: HUCITEC, 2007, 85p.

CARMO, René Becker Almeida. **A urbanização e os assentamentos subnormais de Feira de Santana,** 2009,360f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

CARNEIRO, Leidiane Evangelista Alves. **Um olhar sobre o espaço público: usos da Praça dos Ex-Combatentes em Feira de Santana,** 2018, 125f. Monografia (Bacharelado em Geografia) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2018.

CASTELLO BRANCO, M. L. Cidades médias no Brasil. In: SPOSITO, M E B. **Cidades médias: espaços em transição.** São Paulo: Expressão Popular, 2007. p. 245-364.

CERQUEIRA, Eufrosina de Azevêdo. **A influência do sistema rodoviário no processo de urbanização de Feira de Santana-Bahia,** 2015.306f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Regional e Urbano) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Urbano. Universidade Salvador, Salvador, 2015.

CORRÊA, Roberto Lobato. Construindo o conceito de cidade média. In: II SIMPÓSIO INTERNACIONAL "CIDADES MÉDIA: PRODUÇÃO DO ESPAÇO E DINÂMICAS ECONÔMICAS", 2006, Uberlândia. **Anais...** Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2006, p. 23-33.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano.** São Paulo: Atica, 1989. 94p

COSTA, Eduarda Marques da. Cidades médias: contributos para a sua definição. **Finisterra,** Portugal, v.37, n.74, 2002, p.101-128. Disponível em:
<<http://revistas.rcaap.pt/finisterra/article/view/1592/1289>. Acesso: 21 jun. 2020

COUTO, Perla do; MARTINS, Solismar Fraga. Revitalização urbana como produto da apropriação do espaço público. In: II SIMPÓSIO DE ESTUDOS URBANOS: A DINÂMICA DAS CIDADES E A PRODUÇÃO DO ESPAÇO, 2013, Paraná. **Anais.** Paraná:

Universidade Estadual do Paraná, 2013, p.1-15.

CUNHA, Hélio Ponce. **Análise da localização, inovação e capital humano como indutores do Desenvolvimento Regional e Urbano**: o caso de Feira de Santana, 2016, 337f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Regional e Urbano) - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Urbano. Universidade de Salvador, Salvador, 2016.

DAMIANI, Amélia Luisa. Cidades médias e pequenas no processo de globalização. Apontamentos bibliográficos. In: LEMOS, Amalia Inés Geraiges de; ARROYO, Mônica; SILVEIRA, María Laura (Org). **América Latina**: cidade, campo e turismo. São Paulo: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2006, p. 135-147.

DIAS, Patrícia Chame; ARAÚJO, Mayara Mychella Sena. Notas sobre cidades médias: uma proposta para a Bahia. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, Curitiba, n.119, p.191-214, jul./dez. 2010.

FEIRA DE SANTANA, Prefeitura de Feira de Santana. **Colbert Filho inaugura iluminação em LED na Rua Intendente Abdon, na Queimadinha**. Disponível: <http://www.feiradesantana.ba.gov.br/servicos.asp?titulo=Colbert%20Filho%20inaugura%20ilumina%C3%A7%C3%A3o%20em%20LED%20na%20rua%20Intendente%20Abdon.%20na%20Queimadinha&id=1&link=secom/noticias.asp&idn=24163>. Acesso em 25/06/2021.

FEIRA DE SANTANA, Prefeitura Municipal de. **Memorial de Feira de Santana**. Disponível em: <http://www.memorialdafeira.ba.gov.br/conteudo.asp?catimg=1>. Acesso: 10 jun. 2020.

FEIRA DE SANTANA, Prefeitura Municipal de. SEPLAN. **Secretaria Municipal de Planejamento**. Disponível: <https://www.feiradesantana.ba.gov.br/servicos.asp?titulo=Prefeitura%20conclui%20projeto%20para%20revitalizar%20a%20pra%EA%20do%20Tomba&id=12&link=secom/noticias.asp&idn=29605#noticias>. Acesso em: 25/06/2021.

FEIRA DE SANTANA, Projeto de lei nº 3.719, de 22 de agosto de 2017. Dispõe sobre o plantio de árvores também frutíferas em áreas verdes, praças e jardins públicos no município de Feira de Santana, e dá outras providências. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/ba/f/feira-de-santana/lei-ordinaria/2017/372/3719/lei-ordinaria-n-3719-2017-dispoe-sobre-o-plantio-de-arvores-tambem-frutiferas-em-areas-verdes-pracas-e-jardins-publicos-no-municipio-de-feira-de-santana-e-da-outras-providencias?q=3719>. Acesso: 10 junho 2020.

FEIRA DE SANTANA. **Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano (PDDU)**. PMFS. Feira de Santana, BA: Secretaria Municipal de Planejamento de Feira de Santana, 2018.

FEIRA DE SANTANA. Projeto de Lei nº 3.492/2014, de 4 de dezembro de 2014. Dispõe estabelece a obrigatoriedade de afixar placas para faixas etárias nos brinquedos e equipamentos de parques, jardins e praças públicas, destinadas para o lazer e as práticas esportivas no município de Feira de Santana, e dá outras providências. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/ba/f/feira-de-santana/lei-ordinaria/2014/350/3492/lei-ordinaria-n-3492-2014-estabelece-a-obrigatoriedade-de-afixar-placas-para-faixas-etarias-nos-brinquedos-e-equipamentos-de-parques-jardins-e-pracas-publicas-destinadas-para-o-lazer-e-as-praticas-esportivas-no-municipio-de-feira-de-santana-e-da-outras>

[providencias?q=3492%2F2014](#). Acesso: 10 junho 2020.

FEIRA SANTANA. Projeto de Lei nº 3255/2011, de 31 de agosto de 2011. Dispõe em institui no município de Feira de Santana a instalação de aparelhos de ginástica e condicionamento físico adaptadores às pessoas com deficiência física nos parques, praças e centros esportivos, e dá outras providências. Disponível em:

<https://leismunicipais.com.br/a/ba/f/feira-de-santana/lei-ordinaria/2011/326/3255/lei-ordinaria-n-3255-2011-institui-no-municipio-de-feira-de-santana-a-instalacao-de-aparelhos-de-ginastica-e-condicionamento-fisico-adaptadores-as-pessoas-com-deficiencia-fisica-nos-parques-pracas-e-centros-esportivos-e-da-outras-providencias?q=n%BA%203255%2F2011>.

Acesso: 10 junho 2020.

FREITAS, Nacelice Barbosa. **Urbanização de Feira de Santana: influência da industrialização 1970-1996**. 1998.189f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1998.

GARCIA, Nara Stevanato; GULINELLI, Érica Lemos. Praças Públicas: estudos de caso das praças de Barra Bonita/SP. In: V Simpósio Nacional de Gerenciamento de cidades – 3º Semana de Arquitetura e Urbanismo da UNIVAG. 2017, Mato Grosso. **Anais**. Mato Grosso: Centro Universitário de Várzea Grande, 2017, p.776-790.

GOMES, Paulo César da Costa. **A condição urbana: ensaios da geopolítica da cidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. p. 304.

GOMES, Vinicius. **Feira de Santana: multidão participa da Lavagem da Queimadinha**. 2016. **Jornal Grande Bahia – on-line**. Disponível em: <https://www.jornalgrandebahia.com.br/2016/04/feira-de-santana-multidao-participa-da-lavagem-da-queimadinha/>. Acesso em 25/06/2021.

GONÇALVES, Gabriel. Vandalismo é um dos problemas mais enfrentados pela Secretaria de Serviços públicos de Feira de Santana. **Acorda Cidade**, Feira de Santana, 07 de agosto de 2021. Disponível: <https://www.acordacidade.com.br/noticias/vandalismo-e-um-dos-problemas-mais-enfrentados-pela-secretaria-de-servicos-publicos-de-feira-de-santana/>. Acesso em 07/08/2021.

GONTIJO, Marina de Camargo Assumpção; QUEIROGA, Eugenio Fernandes. Espaços públicos da metrópole contemporânea: reflexões sobre o caso de Campinas. **Revista de Arquitetura e Urbanismo Oculum Ensaios**, Campinas, n.4, 2005, p.77-87.

GRAU, Nuria Cunill. **Repensando o público através da sociedade: novas formas de gestão pública e representação social**. Rio de Janeiro: Editora Revan – Brasília, 1998, 302p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo demográfico**: Estado da Bahia, 1950. V.XX, tomo I. Rio de Janeiro: IBGE, 1955.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico Bahia**: recenseamento geral, 1970, v.1, tomo XIII. Rio de Janeiro: IBGE, 1973.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 1980**: dados distritais-Bahia, v.1, tomo 3,n.13. Rio de Janeiro: IBGE, 1983.
INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo**

Demográfico 1991: resultados do universo relativos às características da população e dos domicílios, n.17 – Bahia. Rio de Janeiro: IBGE, 1991.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico**, 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/censo2010/>. Acesso: 05 mai. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Cidades:** Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br>. Acesso: 05 mai. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Sidra:** Banco de dados sobre Censo Demográfico, 2000. Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br> . Acesso: 05 mai. 2020

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Sidra:** Banco de dados sobre Produto Interno Bruto. Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br>. Acesso: 05 mai. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Sinopse Preliminar do Censo demográfico:** Brasil. 1960. Rio de Janeiro: IBGE, 1960.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Sinopse Preliminar do Censo demográfico:** Brasil. 2016. Rio de Janeiro: IBGE, 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Sinopse Preliminar do Censo demográfico:** Brasil. 2017. Rio de Janeiro: IBGE, 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Sinopse Preliminar do Censo demográfico:** Brasil. 2019. Rio de Janeiro: IBGE, 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico:** população e habitação, 1940. Parte XII, tomo I, série regional. Rio de Janeiro: IBGE, 1950.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA ESTATÍSTICA (IBGE). **Região de influência das cidades.** Disponível em < http://www.mma.gov.br/estruturas/PZEE/_arquivos/regic_28.pdf>. Acesso em: 16 de junho de 2022.

LAMAS, J. M. R. **Morfologia urbana e desenho da cidade.** 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian - Fundação para a Ciência e Tecnologia, 2004.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço.** Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade.** São Paulo, SP: Moraes, 1991, p.145.

MATIAS, Keidy Narely Costa. Henri Lefebvre e a dialética da tríade: considerações sobre a produção social do espaço. **Norus:** Novos Rumos Sociológicos, V.4, n.6, Jul-dez 2016, p.1-11.

MENDONÇA, Eneida Maria Souza. Apropriações do espaço público: alguns conceitos. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 7, n. 2, agosto, p. 296-306, 2007.

MORAIS, Ana Angélica Vergne de. **Conhecendo Feira de Santana**: olhares sobre a cidade. Feira de Santana, Ba, 2004. p.96.

NARCISO, Carla Alexandra Filipe. Espaço público: Ação política e práticas de apropriação. Conceitos e procedências. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, UERJ, Rio de Janeiro, ano 9, nº.2, p. 265-291. Disponível em: <http://www.revispsi.uerj.br/v9n2/artigos/pdf/v9n2a02.pdf>. Acesso: 09 out. 2019.

NOVAES, Raquel Santos de. **A Dinâmica de uso da Praça Olavo Bilac no contexto da cidade de Belém**. 2011. 117 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Belém, 2011. Programa de Pós-Graduação em Serviço Social

OLIVEIRA, Hélio Carlos Miranda; SOARES, Beatriz Ribeiro. Cidade média: apontamentos metodológicos e tipologia. **Revista Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 15, n. 52, 2014, p. 119–133.

PEREIRA, Maria Madalena Dias Calhau Esquivel. **Praças públicas sustentáveis**: caso de renovação das praças. 2008. 142f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Instituto Superior Técnico. Universidade Técnica de Lisboa. Lisboa, 2008.

PIMENTEL, Giuliano Gomes de Assis (Org). **Teorias do lazer**. Maringá: Eduem, 2010. p.206.

PRISMA, Consultoria. **Bus Rapid Transit – BRT de transporte de passageiros da cidade de Feira de Santana**. Feira de Santana-Ba: Prefeitura Municipal de Feira de Santana, 2014.

RIGATTI, Décio. Apropriação social do espaço público um estudo comparativo. **Paisagem Ambiente Ensaios**, São Paulo n. 7, 1995, p. 141 197.

ROBBA, Fábio; MACEDO, Silvio Soares. **Praças brasileiras**. 2. ed. São Paulo: Edusp: Imprensa Oficial do Estado, 2002. 312p.

SANTANA, Jan Carlos Dias de. **“Todos os caminhos levam a Feira de Santana”**: um viagem sociolinguística para o estudo dos pronomes-objeto no português urbano falado, 2014, 211f. (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana, 2014.

SANTOS, J. L. J.; SERPA, A. **A produção espacial do comércio e dos serviços nas periferias urbanas: um estudo de caso em Salvador**. Geousp, São Paulo-SP, v. 8, p. 45-65, 2000.

SANTOS, Janio. Ações do Estado e o papel das cidades médias baianas nos planos da urbanização capitalista. In: DIAS, Patrícia Chame; SANTOS, Janio (Org) **Cidades médias e pequenas**: contradições, mudanças e permanências nos espaços urbanos. Salvador: SEI, 2012, p.129-156.

SANTOS, Janio. Urbanização e produção de cidades na Bahia: Reflexões sobre os processos de estruturação e reestruturação urbana. **Bahia Análise e Dados**. Salvador, v.19, n.2, 2009, p.499 -509.

SANTOS, M. A.; SILVEIRA, M. L. **O Brasil: Território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. 5º ed. São Paulo: EDUSP, 2005. 174p.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado, fundamentos Teórico e metodológico da geografia**. Hucitec.São Paulo 1988

SERPA, Angelo. **O espaço público na cidade contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2007.

SILVA, Denielle Fernandes da; CARMO, Judite de Azevedo do. Uso e apropriação da Praça Central de Colíder – Mato Grosso. **Geografia em questão**, Paraná, V. 10, n.2, 2017, p. 85-101.

SILVA, Mariana Sousa Silva; OLIVEIRA, Lysie dos Reis. O desenho urbano das avenidas-Feira de Santana. **Baru**. Goiânia, v.3. n.1, p.95-105, Jan/Jul, 2017.

SIMAS, Adilson. Local de grandes comícios, a Praça do Cruzeiro ganha melhorias e internet. **Blog Por Simas**, Feira de Santana, 3 de novembro de 2010. Disponível em: <http://porsimas.blogspot.com/2010/11/local-de-grandes-comicios-praca-do.html>. Acesso em 25/06/2021.

SOBARZO, Oscar Alfredo. **Os Espaços da sociabilidade segmentada: a produção do espaço público em Presidente Prudente**, 2004. 221f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologias. Universidade Estadual Paulista - Presidente Prudente, 2004.

SOBARZO, Oscar Alfredo. A produção do espaço público: da dominação a apropriação. **Revista GEOUSP Espaço e Tempo**, São Paulo, Nº 19, 2006, p.93-111.

SOUZA, Charles Benedito Gemaque. A contribuição de Henri Lefebvre para reflexão do espaço urbano da Amazônia. **Confins** – Revue franco-brésilienne de géographie, França, n. 5, 2009. Disponível em: < <https://journals.openedition.org/confins/5633>> Acesso em 27/10/2019.

SPÓSITO, Eliseu Savério. **As vidas nas cidades**. 5º. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Segregação socioespacial e centralidade urbana. In: CORRÊA, Roberto Lobato. et al. **A cidade contemporânea: Segregação espacial**. São Paulo: Contexto, 2013. p. 61-93.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. As cidades médias e os contextos econômicos contemporâneos. In:_____ (Org.). **Urbanização e cidades: perspectivas geográficas**. Presidente Prudente, São Paulo, [s.n], 2001, p.609-643.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **Para pensar as pequenas e médias cidades brasileiras**. Belém: FASE/ICSA/UFPA, 2009.

SUN, Alex. **Projeto da praça**: convívio e exclusão no espaço público. São Paulo: SENAC, 2008.

TELES, Alessandra Oliveira. **O comércio informal em Feira de Santana (BA)**: permanências e mudanças, 2017. 247f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2017.

VASCONCELOS, Pedro de Almeida. Contribuição para o debate sobre processos e formas socioespaciais nas cidades. In: CORRÊA, Roberto Lobato. et al. **A cidade contemporânea**: Segregação espacial. São Paulo: Contexto, 2013. p. 17-37.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Revista Temática**, Campinas, v. 22, n. 44, 2014, p.203-220.

ZIMMERMANN, Carolina. **A Praça**: um espaço de lazer. 53f. Monografia (Licenciatura em Educação física) – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Rio Grand, 2015.

APÊNDICE A: ROTEIRO DE ENTREVISTA COM O MORADOR

 <p style="text-align: center;">PLAN TERR</p>		<p>Universidade Estadual de Feira de Santana Departamento de Ciências Humanas e Filosofia Programa de Pós-Graduação em Planejamento Territorial Mestrado Profissional – PLAN TERR</p>	
DADOS PESSOAIS – INFORMAÇÕES DE TODOS OS ENTREVISTADOS			
Sexo: () Feminino () Masculino			
Endereço completo:			
Tempo que reside no bairro:			
Idade: () Até 19 anos () De 20 a 59 anos () Acima de 60 anos			
Escolaridade () Analfabeto () Ensino fundamental completo () Ensino fundamental incompleto () Ensino médio completo () Ensino Médio Incompleto () Superior Completo () Superior Incompleto () Pós-Graduado () Mestrado () Doutorado			
Renda familiar mensal () 1 salário mínimo () Meio salário mínimo () 1 a 3 salário mínimo () 6 a 9 salário mínimo () 12 a 15 salário mínimo () Mais de 15 salário mínimo			
Residência () Casa () Apartamento () Outros: _____			
QUESTÕES GERAIS SOBRE PRAÇAS PÚBLICAS Observação: As questões 1 a 7 responderão todos os entrevistados das três praças estudadas			
1	Qual a importância de uma praça pública numa cidade como Feira de Santana?		
2	Quais os pontos positivos de uma praça pública numa cidade?		
3	Quais os pontos negativos de uma praça pública numa cidade?		
4	Qual a sua concepção a respeito da importância do lazer?		
5	Considera as praças públicas como opção de lazer? Por quê?		
6	Quais outros espaços públicos de lazer são utilizados por você? Por quê?		
7	Como avalia as condições das infraestruturas físicas das praças públicas de uma cidade como Feira de Santana?		
QUESTÕES ESPECÍFICAS SOBRE AS PRAÇAS ESTUDADAS Observação: As questões 8 a 13 responderão todos os entrevistados das três praças estudadas.			
8	A praça já existia quando chegou a reside no bairro? Sim ou não?		
9	Qual a sua percepção sobre a praça analisada?		
10	Relate um pouco do cotidiano observado da praça analisada?		
11	A configuração atual da praça encontra-se satisfatória para o uso?		
12	Presenciou alguma mudança do espaço físico da praça ao longo do tempo? Quais?		
13	Já presenciou alguma manutenção realizada pela Prefeitura Municipal no espaço da praça?		
QUESTÕES ESPECÍFICAS SOBRE AS FORMAS DE USOS E APROPRIAÇÃO. Observação: As questões 14 até 25 responderão todos os entrevistados das três praças			

	estudadas quem usam. As questões 26 e 27 só se responder se não usar
14	Utiliza o espaço físico da praça? Por quê?
15	Como esse espaço é utilizado? Por quê?
16	Com quem costuma frequentar geralmente a praça?
17	Durante a semana, quantos dias você frequenta a praça? Por quê?
18	Qual é a sua sensação ao utilizar a praça? Por quê?
19	Qual o significado da praça para você?
20	Considera a praça como opção de lazer? Por quê?
21	No seu trajeto diário você passa pela praça? Descreva o local que você passa?
22	Os equipamentos públicos contidos na praça são utilizados? Por quê?
23	E se pudesse mudar alguma coisa na praça, o que mudaria no espaço físico da praça?
24	Quais os elementos públicos poderiam ser incluído na praça?
25	Você utiliza outras praças de Feira de Santana? Sim ou não? Quais? Por quê?
26	Caso não usa, cite os motivos que impedem você de ir a praça? Fale um pouco sobre isso?
27	O que estimularia você a utilizar as praças de Feira de Santana?

APÊNDICE B: ROTEIRO DE ENTREVISTA COM O PODER PÚBLICO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA MESTRADO PROFISSIONAL EM PLANEJAMENTO TERRITORIAL - PLANTEERR

1. Qual a importância da praça pública numa cidade como Feira de Santana?
2. Há algum estudo da área para a construção de uma praça pública?
3. Os terrenos aonde são construídas praças são públicos ou doados?
4. Há um estudo espacial com o intuito de saber o local que será construído ou requalificado uma praça pública?
5. Como a gestão municipal atua em praças localizadas em áreas periféricas, centrais e nobres?
6. Quais são os critérios estabelecidos na escolha dos equipamentos públicos para uma praça de Feira de Santana?
7. Quais as principais ações de manutenção, fiscalização e serviços de limpeza das praças públicas de Feira de Santana?
8. Em 14 de maio de 2019 a prefeitura anunciou um pacote de obras estimado em R\$: 60 milhões de reais e foi divulgado algumas localidades que serão contempladas com a construção e requalificação e dentre essas estão algumas praças. Por que escolheram essas determinadas praças? Como foi feita essas escolhas?
9. Há alguma política de lazer criada ou adotada pelo poder público? Cite
10. Como o poder público envolve a população na construção ou revitalização das praças públicas em Feira de Santana?
11. Há alguma ação ou intervenção prevista no espaço nas praças da Queimadinha, Petrolinia Pinto Cunha e Santa Mônica?

APÊNDICE C: ROTEIRO DE ENTREVISTA COM O MORADOR ANTIGO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
MESTRADO PROFISSIONAL EM PLANEJAMENTO TERRITORIAL - PLAN TERR

1. Relate um pouco a sua história de vida?
2. Quanto tempo reside em Feira de Santana? E no bairro?
3. E sobretudo no entorno da praça?
4. Como era o espaço da praça quando veio morar no bairro?
5. Como foi o processo de construção da praça? Fale um pouco.
6. O que existia antes na praça em relação a equipamento público?
7. Fale um pouco das mudanças na praça desde a sua chegada ao bairro?
8. O que achou dessas transformações?

APÊNDICE D: MODELO DE FORMULÁRIO ONLINE

Esse formulário consistiu numa pesquisa de opinião sobre as praças públicas de Feira de Santana, na qual, contribuiu nos resultados obtidos para a pesquisa intitulada **uso e apropriação das praças públicas em cidades médias: um olhar sobre Feira de Santana.**

O objetivo desse formulário é identificar a visão dos usuários sobre os usos e apropriações das praças públicas de Feira de Santana seus elementos, problemas e sugestões.

			FORMULÁRIO SOBRE AS PRAÇAS PÚBLICAS DE FEIRA DE SANTANA.
I. Idade: () Até 19 anos () De 20 a 59 anos () Acima de 60 anos			
II. Escolaridade: () Analfabeto () Ensino fundamental completo () Ensino fundamental incompleto () Ensino médio completo () Ensino Médio Incompleto () Superior Completo () Superior Incompleto () Pós-Graduação () Mestrado () Doutorado.			
III. Residente da cidade de Feira de Santana-BA?		Sim () Não ()	
IV. Em qual bairro?		_____	
V. Frequenta alguma praça pública em Feira de Santana?		Sim () Não ()	
VI. Considera as praças públicas como opção de lazer?		Sim () Não ()	
VII. Por quê considera ou não essas praças públicas como opção de lazer?			
VIII. O que busca ao utilizar a praça?			
IX. Qual a importância de uma praça pública para uma cidade como Feira de Santana – BA? (Pode marcar mais de uma opção)			
() Local de lazer () Contato com a natureza () Proporciona período de descanso () Espaço sem funcionalidade () Sensação de tranquilidade () Embeleza o espaço () Proporciona a convivência social com as pessoas () Bem público destinado a população () Ponto de referência () Exalta uma representatividade histórica e simbólica () Outros _____			
X. Quais os elementos presentes nas praças públicas de Feira de Santana – BA? (Pode marcar mais de uma opção)			
() Quadra poliesportiva () Jardins () Bancos () Lixeiras () Academia ao ar livre () <i>Playground</i> para crianças (Balanço infantil, Gangorra, Parque infantil) () Quiosques () Banco de drama () Árvores () Câmera () Chafariz () Monumentos simbólicos () Coreto () Iluminação () Ponto de ônibus () Ponto de táxi () Ponto de moto táxi () Banca de revista () Segurança () Telefone público () Outros _____			
XI. Quais os problemas de uma praça pública? (Pode marcar mais de uma opção)			
() Insegura () Presença de usuários de drogas () Equipamentos públicos não conservados () Não tem fiscalização regular () Assaltos () Falta de segurança e policiamento () Poucos bancos e lixeiras () Pouca opção para as crianças brincar () Não acessível para atender pessoas com necessidades especiais () Falta de limpeza () Falta de manutenção contínua ()			

Depredação das praças pela população () Outros _____

XII. Sugestões de itens que poderiam ser inseridos nas praças públicas de Feira de Santana – BA?
(Pode marcar mais de uma opção)

() Feira de artesanatos () Eventos com banda filarmônica () Eventos culturais () Eventos religiosos () Atividades esportivas com professor () Piso tátil () Rampa de acessibilidade para deficientes físico () Corrimão de acessibilidade para deficientes físico () *slackline* () Equipamentos de ginástica () Quiosques () Pistas para ciclismo () Fiscalização () Manutenção regular () Outros _____

APÊNDICE E: FICHA DE DESCRIÇÃO DA PRAÇA DO CRUZEIRINHO

	 PLANTERR		FICHA DE DESCRIÇÃO DA PRAÇA DO CRUZEIRINHO
IDENTIFICAÇÃO			
Nome da praça: Cruzeirinho			
Bairro: Queimadinha			
CARATERISTICAS GERAIS DA PRAÇA			
I. Tamanho do espaço físico da praça estudada?	Pequena (<input checked="" type="checkbox"/>) Média (<input type="checkbox"/>) Grande (<input type="checkbox"/>)		
II. Pavimentação (Calçamento)	Regular (<input checked="" type="checkbox"/>) Irregular (<input type="checkbox"/>) Ótimo (<input type="checkbox"/>)		
III. A praça é área de passagem?	Sim (<input checked="" type="checkbox"/>) Não (<input type="checkbox"/>)		
IV. Na praça supracitada existe a maior frequência de passagem de:	Veículos (<input checked="" type="checkbox"/>) Pedestres (<input checked="" type="checkbox"/>) Ciclistas (<input type="checkbox"/>) Motociclistas (<input checked="" type="checkbox"/>) Animais (<input type="checkbox"/>) Outros (<input type="checkbox"/>)		
V. Possui equipamento público?	Sim (<input checked="" type="checkbox"/>) Não (<input type="checkbox"/>)		
VI. Quais elementos públicos estão presentes:	Banco (<input checked="" type="checkbox"/>) Quiosques/ <i>Trailer</i> (<input checked="" type="checkbox"/>) Parque infantil (<input type="checkbox"/>) Academia ao ar livre (<input type="checkbox"/>) Jogo de drama (<input type="checkbox"/>) Quadra de esporte (<input type="checkbox"/>) Mesa e banco de cimento (<input checked="" type="checkbox"/>) Outros		
VII. Aspectos físicos dos equipamentos.	Bom (<input checked="" type="checkbox"/>) Péssimo (<input type="checkbox"/>) Ruim (<input type="checkbox"/>)		
VIII. Possui arborização?	Sim (<input checked="" type="checkbox"/>) Não (<input type="checkbox"/>)		
IX. A arborização é de:	Pequeno porte (<input type="checkbox"/>) Médio porte (<input checked="" type="checkbox"/>) Grande porte (<input type="checkbox"/>)		
X. Ao entorno da praça tem:	Residências (<input checked="" type="checkbox"/>) Condomínios (<input type="checkbox"/>) Supermercado (<input checked="" type="checkbox"/>) Bar (<input checked="" type="checkbox"/>) Oficina (<input type="checkbox"/>) Escola (<input checked="" type="checkbox"/>) Igreja (<input checked="" type="checkbox"/>) Lanchonete (<input checked="" type="checkbox"/>) Outros:		
XI. A praça possui iluminação?	Sim (<input checked="" type="checkbox"/>) Não (<input type="checkbox"/>)		
XII. A praça possui lixeira?	Sim (<input checked="" type="checkbox"/>) Não (<input type="checkbox"/>)		
XIII. A praça possui qual tipo de lixeira?	Carro coletor (<input type="checkbox"/>) Cesto (<input type="checkbox"/>) Lixeira com pedal (<input type="checkbox"/>) Lixeira kit de coleta seletiva (<input type="checkbox"/>) Contêiner plástico (<input type="checkbox"/>) Outros: Lixeira tipo caixote de plástico.		
XIV. A praça possui acessibilidade?	Sim (<input type="checkbox"/>) Não (<input checked="" type="checkbox"/>)		
XV. Quais os elementos presentes:	Rampa (<input type="checkbox"/>) Tapete tátil (<input type="checkbox"/>) Placa de sinalização (<input type="checkbox"/>) Inclinação transversal de calçadas (<input type="checkbox"/>) Faixa de pedestres (<input type="checkbox"/>)		

APÊNDICE F: FICHA DE DESCRIÇÃO DA PRAÇA DA SANTA MÔNICA

	 PLANTERR		FICHA DE DESCRIÇÃO DA PRAÇA DA SANTA MÔNICA
IDENTIFICAÇÃO			
Nome da praça: Santa Mônica			
Bairro: Santa Mônica			
CARATERISTICAS GERAIS DA PRAÇA			
I. Tamanho do espaço físico da praça estudada?	Pequena (<input checked="" type="checkbox"/>) Média (<input type="checkbox"/>) Grande (<input type="checkbox"/>)		
II. Pavimentação (Calçamento)	Regular (<input checked="" type="checkbox"/>) Irregular (<input type="checkbox"/>) Ótimo (<input type="checkbox"/>)		
III. A praça é área de passagem?	Sim (<input checked="" type="checkbox"/>) Não (<input type="checkbox"/>)		
IV. Na praça supracitada existe a maior frequência de passagem de:	Veículos (<input checked="" type="checkbox"/>) Pedestres (<input checked="" type="checkbox"/>) Ciclistas (<input type="checkbox"/>) Motociclistas (<input checked="" type="checkbox"/>) Animais (<input type="checkbox"/>) Outros (<input type="checkbox"/>)		
V. Possui equipamento público?	Sim (<input checked="" type="checkbox"/>) Não (<input type="checkbox"/>)		
VI. Quais elementos públicos estão presentes:	Banco (<input checked="" type="checkbox"/>) Quiosques/Trailer (<input type="checkbox"/>) Parque infantil (<input type="checkbox"/>) Academia ao ar livre (<input type="checkbox"/>) Jogo de drama (<input type="checkbox"/>) Quadra de esporte (<input type="checkbox"/>) Equipamento de ginástica (<input checked="" type="checkbox"/>)		
VII. Aspectos físicos dos equipamentos.	Bom (<input checked="" type="checkbox"/>) Péssimo (<input type="checkbox"/>) Ruim (<input type="checkbox"/>)		
VIII. Possui arborização?	Sim (<input checked="" type="checkbox"/>) Não (<input type="checkbox"/>)		
IX. A arborização é de:	Pequeno porte (<input type="checkbox"/>) Médio porte (<input type="checkbox"/>) Grande porte (<input checked="" type="checkbox"/>)		
X. Ao entorno da praça tem:	Residências (<input checked="" type="checkbox"/>) Condomínios (<input checked="" type="checkbox"/>) Supermercado (<input checked="" type="checkbox"/>) Bar (<input type="checkbox"/>) Oficina (<input type="checkbox"/>) Escola (<input type="checkbox"/>) Igreja (<input type="checkbox"/>) Material de construção (<input checked="" type="checkbox"/>)		
XI. A praça possui iluminação?	Sim (<input checked="" type="checkbox"/>) Não (<input type="checkbox"/>)		
XII. A praça possui lixeira?	Sim (<input type="checkbox"/>) Não (<input checked="" type="checkbox"/>)		
XIII. A praça possui qual tipo de lixeira?	Carro coletor (<input type="checkbox"/>) Cesto (<input type="checkbox"/>) Lixeira com pedal (<input type="checkbox"/>) Lixeira kit de coleta seletiva (<input type="checkbox"/>) Contêiner plástico (<input type="checkbox"/>) Outros:		
XIV. A praça possui acessibilidade?	Sim (<input type="checkbox"/>) Não (<input checked="" type="checkbox"/>)		
XV. Quais os elementos presentes:	Rampa (<input type="checkbox"/>) Tapete tátil (<input type="checkbox"/>) Placa de sinalização (<input type="checkbox"/>) Inclinação transversal de calçadas (<input type="checkbox"/>) Faixa de pedestres (<input type="checkbox"/>) Rebaixamento de calçada (<input checked="" type="checkbox"/>)		

**APÊNDICE G: FICHA DE DESCRIÇÃO DA PRAÇA PETROLÍNIO PINTO
CUNHA**

	 <p align="center">PLANTERR</p>		<p align="center">FICHA DE DESCRIÇÃO DA PRAÇA DA PETROLÍNIO PINTO CUNHA</p>
IDENTIFICAÇÃO			
Nome da praça: Petrolínio Pinto Cunha			
Bairro: Pampalona			
CARATERISTICAS GERAIS DA PRAÇA			
I. Tamanho do espaço físico da praça estudada?	Pequena () Média () Grande (X)		
II. Pavimentação (Calçamento)	Regular () Irregular (X) Ótimo ()		
III. A praça é área de passagem?	Sim (X) Não ()		
IV. Na praça supracitada existe a maior frequência de passagem de:	Veículos (X) Pedestres (X) Ciclistas (X) Motociclistas (X) Animais (X)		
V. Possui equipamento público?	Sim (X) Não ()		
VI. Quais elementos públicos estão presentes:	Banco (X) Quiosques/Trailer (X) Parque infantil (X) Academia ao ar livre () Jogo de drama () Quadra de esporte (X) Equipamento de ginástica () Mesa e banco de cimento (X)		
VII. Aspectos físicos dos equipamentos.	Bom (X) Péssimo () Ruim ()		
VIII. Possui arborização?	Sim (X) Não ()		
IX. A arborização é de:	Pequeno porte () Médio porte () Grande porte (X)		
X. Ao entorno da praça tem:	Residências (X) Condomínios () Supermercado () Bar () Oficina () Escola () Igreja () Material de construção () Transbordo Central (X)		
XI. A praça possui iluminação?	Sim () Não (X)		
XII. A praça possui lixeira?	Sim () Não (X)		
XIII. A praça possui qual tipo de lixeira?	Carro coletor () Cesto () Lixeira com pedal () Lixeira kit de coleta seletiva () Contêiner plástico () Outros:		
XIV. A praça possui acessibilidade?	Sim (X) Não ()		
XV. Quais os elementos presentes:	Rampa (X) Tapete tátil () Placa de sinalização () Inclinação transversal de calçadas () Faixa de pedestres () Outros		

APÊNDICE H: TABELA DAS PRAÇAS IDENTIFICADAS E NÃO IDENTIFICADAS, FEIRA DE SANTANA, 2021.

BAIRROS	PRAÇAS IDENTIFICADAS	PRAÇAS NÃO IDENTIFICADAS
ACM	Praça Arquiteto Amélio Amorim (Conjunto ACM)	*****
Asa Branca	Praça 01 Praça da Pomba	*****
Aviário	*****	Praça Dona Socorro
Baraúnas	Praça Av. Riachuelo (Canteiro Central)	Praça do antigo Chafariz
Brasília	Praça Cel. Jorge Luiz Souza Santos Praça situada atrás da Escola Reitor Edgar Santos	*****
Bom Viver	*****	Praça do Conjunto Bom Viver
Calumbi	Praça situada na Rua A	Praça o Loteamento Morada Tropical
Campo do Gado	Praça do Campo do Gado Novo Praça situada próxima ao Colégio Juiz Jorge – Passagem de ônibus	*****
Campo Limpo	Praça João Anailton Praça Morada das árvores – Rua Aires da Cunha Praça situada na Rua São Raimundo do Meriti	Praça da Jaca
Capuchinhos	Praça do Colégio Edith Gama	*****
Caseb	Praça 2º Peleteiro Rajó (Praça Serra) Praça em frente a antiga Receita Federal	*****
Centenário	Praça Oldemar da Cunha Praça ao lado da Feira Tinta	Praça da Associação Praça do Salão
Centro	Praça Padre Ovídio Praça Dois de Julho Praça J. J. Pedreira Praça Bernardino Bahia Praça do Tropeiro Praça da República – Feiraguai Praça do Centro Paroquial – Feiraguai Praça do Nordeste	Praça Tiradentes Espaço Marcus Moraes (Não é mais praça é o BRT) Praça dos Floristas

	<p>Praça Eduardo Froes da Mota Praça do Monumento Maria Quitéria Praça Jackson do Amorim – Praça do Caminhoneiro Praça D. João VI – Feiraguai Praça do Cemitério Piedade Praça João Barbosa de Carvalho – Fórum Praça do Colégio Estadual Praça do Smarçaro Praça no Gastão Guimarães Praça do Skate Praça de Alimentação Praça do Relógio Praça da Bandeira Praça Frei Galvão Praça do Sapateiro Praça da Maçonaria</p>	
Chacara São Cosme	Praça João Marinho Falcão	*****
Cidade Nova	<p>Praça do Transbordo Praça da Bíblia Praça II – Mercantil Praça Monsenhor I- Situada na frente da Escola Municipal Monsenhor Renato Galvão Praça Monsenhor II Praça Gameleira Praça situada na Rua Amargosa Praça situada na Rua Dois/ Rua L/ Rua K Praça situada na Rua A/ Rua B Praça situada na Rua Santanópolis/ Rua Caminho Ichu Praça da Baixada – Situada na Rua Félix/ Rua Pelé Praça situada no Caminho Candeias/ Caminho Santo Estevão Praça situada no Caminho Esplanada/ Caminho Ipacaetá Praça situada no Caminho Santa Bárbara</p>	<p>Zé do Bigode Praça de Fátima Praça Estrela Praça dos Bancos Redondos Praça próxima a Pizzaria Real Sabor Praça da Antiga Loja de Som Praça em Frente à Eletrônica Praça da Criança Praça do Trailer do Wilson Praça da Associação Praça da Rua J Praça Zé da Rocinha Praça da Paz Praça da Vitória Praça do Bambu</p>

	<p>Praça situada na Rua Clodoaldo Área de Praça – Ruas A/B/2/ Gerson Praça em Frente ao supermercado Deus é Grande Praça “O” Praça da Rua H Praça em Frente à Lavanderia VIP Praça da lateral do G. Barbosa Praça I – Rua Carlos Alberto/ Igreja Praça situada na Rua Caminho Lage/ Rua Jacobina/ Rua Juazeiro</p>	<p>Praça Caminho Coaraci Praça Redondo do Lelê Praça dos Correios Praça Céu – João Havelange Praça Esplanada Praças das Árvores Praça Recanto das Árvores</p>
Conceição I	<p>Praça Mário César/ Rua Calamar Praça situada na Rua Belo Jardim/ Rua Belém</p>	*****
Conceição II	Praça situada na Avenida Heitor Lobo	Praça Arminda Alencar
Coronel José Pinto	Praça dos Ex-Combatentes	*****
Estação Nova	Praça Augusto de Estrela	*****
Feira IV	<p>Praça do Feira IV Praça do Final da Rua A</p>	*****
Feira V	<p>Praça da Quadra Praça dos Eucaliptos Praça da Padaria Praça da Capela São Francisco de Assis</p>	Praça das Flores
Feira VI	Praça principal do Feira VI	*****
Feira VII	*****	<p>Praça da Associação Área da Praça da Quadra Área da Praça da Feirinha</p>
Feira IX	<p>Praça da Escola Pimpolho Praça do Colégio Dr. Jair Praça da Quadra</p>	<p>Praça em Frente a Igreja Evangelica Praça principal do Feira IX Praça Jasmin Praça Feira IX Praça Feira IX/ Expansão</p>
Feira X	<p>Praça da Quadra Praça da Esperança</p>	<p>Praça do Skate Praça do Caminho DXX Praça da Mangueira</p>

Gabriela	Praça Fonte dos Milagres Praça situada na Rua José Marcone/ Rua Antônio C. Machado	*****
Georgio Américo	Praça da Liberdade	*****
Homero Figueiredo	*****	Praça do Conjunto Homero Figueiredo Praça do Posto de Saúde Praça do Parque Violeta
Jardim Acássia	Praça Céu – Rua Taffarel	*****
Jardim Cruzeiro	Praça Alto do Cruzeiro Praça atrás do Sesi Praça do Estádio Joia da Princesa	*****
João Paulo	*****	Praça principal do Conjunto João Paulo
Jomafa	*****	Praça do Detran Praça do Caminho 21 e Caminho 22 Praça do Caminho 34 e Caminho 35 Praça do Caminho 15 e Caminho 16 Praça do Caminho 07 e Caminho 08 Praça do Caminho 18 e Caminho 19 Praça do Caminho 02 e Caminho 03 Praça do Caminho 25 entre Caminho 12 e 13 Praça da Rua G Praça do Bar Tremendão
Kalilândia	Praça da Kalilândia Praça Largo São Francisco	*****
Limoeiro	Praça situada da Rua Ohney Alberto	*****
Loteamento Modelo	Praça do Fim de Linha do Loteamento Modelo Praça do Loteamento Modelo – Quadra	*****
Luciano Barreto	Praça do Conjunto Luciano Barreto	*****
Mangabeira	Praça da Igreja São Braz Praça situada na rua L	*****
Mantiba	Praça situada na Estrada Santa Rita	*****
Milton Gomes	Praça do Conjunto Milton Gomes	*****

Morada das Árvores	*****	Praça Chico Mendes
Morada do Sol	*****	Praça do Conjunto Morada do Sol
Muchila	Praça Central Rua B Lado Norte Praça situada na Rua G Praça situada na Rua Estrela do Norte	Praça da Rua do INSS – Estella Mares Praça da Rua H – Estella Mares
Novo Horizonte	Praça Maria Quitéria	*****
Olhos D'Água	Praça Duque de Caxias Praça da Paquera Praça do Areal – Rua Araújo Pinho Praça da Cruz – Casarão	*****
Pampalona	Praça Do Sítio Novo (Petrolínio Pinto Cunha)	Praça Maria Pequena
Parque Brasil	Praça do Parque Brasil – Creche Tio Jonas	*****
Parque Ipê	Praça situada próxima a Av. Fraga Maia e Oficina Potiguar Praça Ilhéus situada na Rua Caminho Ilhéus Praça do Povo – Praça Cívica	Praça do Antigo Módulo Policial Praça Nossa Senhora de Fátima
Parque Sabiá	*****	Praça da Igreja
Parque Tamandaré	*****	Praça da Alameda Parque Tamandaré – Posto de Saúde
Pedra do Descanso	Praça do Bem Ti Vi	Praça da Pedra do descanso Praça do DNER Praça da Concórdia
Ponto Central	Praça situada na rua João Durval / Rua Turquia Praça Arnaldo Saback – Fundo SAMU	Praça Winston Churchill
Queimadinha	Praça do Cruzeiro Praça Galpão do Amendoim	Praça Fonte de Lili Praça da Quadra (Coriolano)
Rocinha	Praça da Rua São Roque Praça da Caixa D'água da Rocinha	*****
Rua Nova	Praça Dona Pomba Praça situada na Rua Cinco de Maio Praça da Fraternidade Praça da UPP	Praça do Amauri Praça da Feirinha Praça da descida da Florestal Praça Rua Nova/ Itambé
Santa Mônica	Praça situada na Rua Turin	Praça do Rio Vermelho

	Praça Rio Amazonas	Praça do Lado do Ceteb – Final de Linha
Santo Antônio dos Prazeres	Praça do Santo Antônio dos Prazeres	Praça Uchôa Praça Modeli
São João	Praça do Jocre	*****
Sergio Carneiro	*****	Praça da Entrada do Sérgio Carneiro Praça Roldão Brasil
SIM	Praça situada na Avenida Nóide Cerqueira – Próximo ao Colégio Asa de Papel	*****
Subaé	Praça situada na Rua Patuana	*****
Sobradinho	Praça do Colégio Assis	*****
Tanque da Nação	*****	Praça da Vila Santa Cruz
Tomba	Praça Tomba – Situada a Feirinha Praça Céu – Conjunto Paulo Souto	Praça do Conjunto Parque Viver I Praça do Conjunto Parque Viver II Praça Rua do Telegrafo Praça Tomba Tamandari
Viveiros	Praça do Conjunto Viveiros	Praça do Girassol
Wilson Falcão	Praça do Fundo do Mercantil	Praça do Conjunto Wilson Falcão Praça Wilsom Falcao I Praça Wilsom Falcao II Praça Judite Praça Omar Mascarenhas

APÊNDICE I: LISTA DOS BAIRROS DOS MORADORES QUE PARTICIPARAM DA PESQUISA DE OPINIÃO, FEIRA DE SANTANA, 2021.

Aviário	Jardim Cruzeiro
Barroquinha	Mangabeira
Brasília	Muchila
Calumbi	Olhos D'Água
Campo Limpo	Pampalona
Caseb	Papagaio
Centro	Parque Ipê
Chácara São Cosme	Ponto Central
Cidade Nova	Queimadinha
CIS	Santa Mônica
Conceição	São Domingos – Jaiba
Conjunto Feira IX	São João
Feira VI	Sobradinho
Feira X	SIM
Gabriela	Subaé
Jardim Acácia	Tomba
Viveiros	

APÊNDICE J: MODELO DO TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA MESTRADO PROFISSIONAL EM PLANEJAMENTO TERRITORIAL

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE)

Você está sendo convidado(a) a participar como voluntário, da pesquisa intitulada como **Usos e apropriação das praças públicas em cidades médias: Reflexões sobre Feira de Santana**. Você e/ou seu responsável tem a liberdade de se recusar a participar ou retirar o seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma. Para participar deste estudo, o responsável por você deverá autorizar e assinar um termo de consentimento

As dúvidas sobre a pesquisa poderão ser esclarecidas pela pesquisadora responsável, via e-mail leidyane Carneiro@gmail.com. Ao continuarem as dúvidas sobre os seus direitos como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Feira de Santana, que está localizado na Avenida Transnordestina, S/N, Bairro: Novo Horizonte, Feira de Santana-Bahia, CEP: 44036-900; Fone: (75) 3161-8124; E-mail: cep@uefs.br. O horário de atendimento ao público de 13:30 às 17:30.

A pesquisa pretende-se compreender como as praças estão inseridas no contexto urbano de Feira de Santana, seus usos e apropriação, além disso, contribuir para que a população tenha o conhecimento sobre as praças existentes na cidade. Depois da aceitação, solicita-se que você responda uma entrevista, na qual gastará aproximadamente 1 hora à 1 hora e 30 minutos. A entrevista será realizada na sua residência. Caso alguma(s) das perguntas você não se sentir confortável ou constrangido, a questão não precisará ser respondida. Haverá a gravação da entrevista realizada que será descartada após a transcrição.

O risco dessa pesquisa é se trazer algum sofrimento emocional que não tragam boas lembranças do passado para o seu filho(a). O benefício é saber como as praças públicas estão sendo utilizadas e apropriadas pela população. Você e/ou seu responsável não terão nenhuma despesas com o deslocamento e alimentação, em virtude disso, o ressarcimento e indenização torna-se dispensáveis para a participação desta pesquisa.

A entrevista ficará sob a guarda da pesquisadora responsável, serão armazenadas em banco de dados e só serão utilizados pela pesquisadora, por um período de cinco anos, sendo apagados depois. Fique tranquilo(a) vamos manter seus dados em segredo. Somente seus pais e as pessoas envolvidas na pesquisa é que saberão quem você é. Os resultados da pesquisa vão ser publicados a comunidade geral e científica em eventos da área de humanas, em publicação de revista científica nacional e/ou internacional, mas sem identificar a sua participação.

Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra pertence a pesquisadora responsável.

Feira de Santana – Ba, _____ de _____ de 2021

Participante/Responsável

Pesquisadora

APÊNDICE K: MODELO DO TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) (Responsáveis)

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
MESTRADO PROFISSIONAL EM PLANEJAMENTO TERRITORIAL**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)
(Responsáveis)**

Seu filho(a) está sendo convidado(a) a participar como voluntário do projeto de pesquisa “**Usos e apropriação das praças públicas em cidades médias: Reflexões sobre Feira de Santana**”. Esta pesquisa pretende compreender como as praças estão inseridas no contexto urbano de Feira de Santana, seus usos e apropriação, além disso, contribuir para que a população tenha o conhecimento sobre as praças existentes na cidade. O(a) Sr(a) tem a liberdade de recusar a participação do seu filho(a), em qualquer fase da pesquisa, sem penalização. Caso aceite a participação, você deverá autorizar e assinar um termo de consentimento.

As dúvidas sobre a pesquisa poderão ser esclarecidas pela pesquisadora responsável, via e-mail leidyanecarneiro@gmail.com. Ao continuarem as dúvidas sobre os seus direitos como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Feira de Santana, que está localizado na Avenida Transnordestina, S/N, Bairro: Novo Horizonte, Feira de Santana-Bahia, CEP: 44036-900; Fone: (75) 3161-8124; E-mail: cep@uefs.br. O horário de atendimento ao público de 13:30 às 17:30.

Após aceitação, o seu filho(a) responderá uma entrevista que tem como finalidade conhecer a opinião do seu filho(a) sobre as praças públicas de Feira de Santana. O tempo gasto para a aplicação será aproximadamente 1 hora à 1 hora e 30 minutos. A entrevista será realizada na sua residência com a sua supervisão para garantir a privacidade do participante. Caso alguma(s) das perguntas você e/ou seu filho(a) não se sentirem confortáveis ou constrangidos, a questão não precisará ser respondida. Haverá a gravação da entrevista realizada que será descartada após a transcrição. A identidade do seu filho(a) será mantida em segredo quanto às informações envolvidas na investigação.

Os resultados deste estudo serão divulgados a comunidade geral e científica em eventos da área de humanas, em publicação de revista científica nacional e/ou internacional, garantimos também o sigilo da identidade do seu filho(a). A entrevista ficará sob a guarda da pesquisadora responsável, serão armazenadas em banco de dados e só serão utilizados pela pesquisadora, por um período de cinco anos, sendo apagados depois. O risco dessa pesquisa é se trazer algum sofrimento emocional que não tragam boas lembranças do passado para o seu filho(a), se houve a necessidade de atendimento, você será encaminhado a Rede de Unidade de Saúde do Sistema Único de Saúde.

O benefício é obter o conhecimento de como as praças públicas estão sendo utilizadas e apropriadas pela população. Os responsáveis não terão nenhuma dispesas com o deslocamento e alimentação, em virtude disso, o ressarcimento e indenização torna-se dispensáveis para a participação desta pesquisa.

Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra pertence a pesquisadora responsável.

Feira de Santana – Ba, _____ de _____ de 2021

Participante/Responsável
Pesquisadora

APÊNDICE L: MODELO DO TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA MESTRADO PROFISSIONAL EM PLANEJAMENTO TERRITORIAL

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa **Usos e apropriações das praças públicas em cidades médias: reflexões sobre Feira de Santana**. Antes de decidir, é relevante que entenda a finalidade da realização do estudo. Estaremos a sua disposição, caso necessite de qualquer declaração sobre o presente estudo, entre em contato com a pesquisadora por e-mail leidyanecarneiro@gmail.com. Salientamos que o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UEFES, um colegiado interdisciplinar que defende os direitos dos participantes estará disponível para esclarecimento do ponto de vista ético, está localizado na Avenida Transnordestina, S/N, Bairro: Novo Horizonte, Feira de Santana-Bahia, CEP: 44036-900; Fone: (75) 3161-8124; E-mail: cep@uefs.br. O horário de atendimento ao público de 13:30 às 17:30.

Esta pesquisa tem a finalidade de compreender como as praças estão inseridas no contexto urbano de Feira de Santana, seus usos e apropriação, além disso, contribuir para que a população tenha o conhecimento sobre as praças existentes na cidade. A sua participação será voluntária e você poderá se afastar ou desistir a qualquer momento do estudo. Depois da aceitação, solicitaremos que você responda uma entrevista. Caso alguma(s) dessas perguntas lhe cause constrangimentos, ela não precisará ser respondidas.

A entrevista com cada participantes gastará aproximadamente 1 hora à 1 hora e 30 minutos. Serão realizadas nas residências dos moradores e com o poder público na sede da instituição pública. Caso não estejam no momento do comparecimento da pesquisadora, a mesma retornará posteriormente. Haverá a gravação das entrevistas realizadas que serão descartadas após a transcrição.

As entrevistas ficarão sob a guarda da pesquisadora responsável, serão armazenadas em banco de dados e só serão utilizados pela pesquisadora, por um período de cinco anos, sendo destruídos posteriormente, assegurando-lhe sigilo absoluto, anonimato e a privacidade quanto às informações envolvidas na investigação. Os resultados da pesquisa serão divulgados a comunidade geral e científica em eventos da área de humanas, em publicação de revista científica nacional e/ou internacional. Esta divulgação, em qualquer meio de apresentação, se fará de forma garantir a confidencialidade e o anonimato.

Esta pesquisa traz benefícios para a sociedade, pois pretende analisar como as praças públicas estão sendo utilizadas e apropriadas pela população. Você não terá nenhuma despesas com o deslocamento e alimentação, em virtude disso, o ressarcimento e indenização torna-se dispensáveis para a participação desta pesquisa. Além disso, caso seja identificado algum tipo de sofrimento emocional e/ou mental que não tragam boas lembranças do passado, e necessidade de atendimento, você será encaminhado a Rede de Unidade de Saúde do Sistema Único de Saúde.

Se você achar que foi bem informado (a) e quiser participar voluntariamente desta pesquisa, permitindo que os resultados da mesma sejam publicados, deverá assinar este documento que consta de duas vias. Uma das vias ficará com você e a outra conosco. Desde já, agradecemos a sua colaboração.

Feira de Santana – Ba, _____ de _____ de 2021

Participante

Pesquisadora

APÊNDICE M: DECLARAÇÃO PARA JUSTIFICAR A AUSÊNCIA DA SOLICITAÇÃO EMITIDA NO ÚTIMO PARECER Nº 4.906.911 NO CEP.

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
MESTRADO PROFISSIONAL EM PLANEJAMENTO TERRITORIAL**

DECLARAÇÃO

Feira de Santana, Bahia, 15 de setembro de 2021.

Ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Estadual de Feira de Santana.

Eu, LEIDIANE EVANGELISTA ALVES CARNEIRO declaro, a fim de justificar a ausência da solicitação emitida no último parecer nº 4.906.911, que afirma: *Anexar carta de anuência da unidade de saúde do SUS para onde o participante será encaminhado em caso de necessidade, uma vez que foi citado que o participante de pesquisa será levado ao SUS em caso de necessidade.* A justificativa dessa ausência consiste que, o SUS (Sistema Único de Saúde) é um sistema de saúde pública oferecido para todos, na qual, o acesso é gratuito, não sendo necessário uma declaração que autorize o atendimento de qualquer cidadão.

Feira de Santana, Bahia, 15 de setembro de 2021.

APÊNDICE N: PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP - APROVAÇÃO



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Usos e apropriação das praças públicas em cidades médias: Reflexões sobre Feira de Santana.

Pesquisador: LEIDIANE EVANGELISTA ALVES CARNEIRO

Área Temática:

Versão: 4

CAAE: 42673221.6.0000.0053

Instituição Proponente: Universidade Estadual de Feira de Santana

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.032.902

Apresentação do Projeto:

As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e "Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram retiradas das Informações Básicas da Pesquisa, arquivo "PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1693835.pdf", anexado em 15/09/2021. Trata o presente parecer a avaliação do ofício e retorno de pendência apresentado pelo parecer 4.906.911 de 15/08/2021 e avaliação da versão 4 do protocolo de pesquisa e avaliação de retorno de pendência do projeto de mestrado submetido ao Programa de Pós-Graduação em Planejamento Territorial da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) pela discente Leidiane Evangelista Alves Carneiro, sob orientação do Prof. Janio Santos.

No item desenho os pesquisadores apresentam a pesquisa: " O presente estudo será desenvolvido em Feira de Santana e tem como finalidade analisar as formas de usos e apropriação por grupos sociais distintos das Praças da Santa Mônica, a Praça do Cruzeirozinho e a Praça do Sítio Novo, situadas em bairros diferentes, tais como Santa Mônica,

Queimadinha e Pampalona. São também marcados por população de classes de rendas heterogêneas e apresentam características sociais e espaciais distintas. Com isso, esta pesquisa tem o intuito de compreender os processos e a dinâmica dessas praças, o que pode ou não promover o lazer. O estudo será desenvolvido através da realização de pesquisas bibliográficas, levantamento



Continuação do Parecer: 5.032.902

documental, entrevistas com moradores e com o poder público municipal de Feira de Santana e enquete de opinião"

O projeto apresenta financiamento próprio.

"Critério de Inclusão:

Consiste em entrevistar os moradores que residem ao entorno nas três praças estudadas com a delimitação da faixa etária de até 19 anos que caracteriza os moradores mais jovens; de 20 a 59 anos os moradores adultos e acima de 60 anos os idosos e entrevistas com as pessoas em condições de algumas necessidades especiais sejam elas temporária ou permanente.

Critério de Exclusão:

A não realização de entrevistas com os moradores que residem muito distante das três praças ou que não tenha nenhuma relação com o espaço no conhecimento do cotidiano e dos usos."

Cronograma com coleta de dados prevista para o período de 15 de outubro de 2021 a 30 de janeiro de 2022.

Objetivo da Pesquisa:

"Objetivo Primário:

Analisar as formas de usos e apropriações das praças públicas em cidades médias por grupos sociais relativamente distintos, bem como o ambiente e os processos que contribuem para fortalecer o lazer, na busca por entender a interação (ou não) da população com esses espaços, tendo como recorte de três praças públicas de Feira de Santana.

Objetivo Secundário:

Analisar a configuração física atual das praças públicas em cidades médias, com base na análise sobre Feira de Santana, com o intuito de compreender sua formação, infraestrutura e estruturação; Entender a dinâmica da produção do espaço e a distribuição das praças públicas em cidades médias, com a observação dos seus usos e apropriações com base em Feira de Santana; Identificar os fatores que proporcionaram a utilização ou a negação desses espaços públicos perante a população; Conhecer as ações e as prováveis motivações que implicam no fato do poder público municipal promover (ou não) ações de lazer e transformações nas praças das cidades médias como Feira de Santana."

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

"Riscos:

O risco dessa pesquisa é só se trazer algum sofrimento emocional que não tragam boas lembranças do passado, tendo a necessidade de atendimento, o participante será encaminhado a

Endereço: Avenida Transnordestina, s/n - Novo Horizonte, UEFS	
Bairro: Módulo I, MA 17	CEP: 44.031-460
UF: BA	Município: FEIRA DE SANTANA
Telefone: (75)3161-8124	E-mail: cep@uefs.br

Rede de Unidade de Saúde básica do Sistema Único de Saúde (SUS). É importante ressaltar que o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UEFS está disponível para esclarecer dúvidas do ponto de vista ético, através do telefone Fone: (75) 3161-8124; E-mail: cep@uefs.br. O horário de atendimento ao público de 13:30 às 17:30.

Benefícios:

Traz benefício para a sociedade, pois pretende analisar como as praças públicas estão sendo utilizadas e apropriadas pela população. Caso haja algum prejuízo por quaisquer danos decorrentes dessa pesquisa, o participante tem o direito de buscar indenização e ressarcimento das despesas diretamente decorrente de sua participação de acordo com as normas da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP)."

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A seguir é apresentada a avaliação do retorno de pendência do parecer n. 4.906.911, emitido pelo CEP/UEFS em 15 de agosto de 2021, e as respostas apresentadas no "Ofício_pendencia_3.pdf" anexado em 15/09/2021.

"1. Item de pendência: Cronograma

a) Cronograma Informar submissão do projeto ao CEP e início de coleta de dados após aprovação (Norma Operacional/CNS - CEP/CONEP Nº 001/2013, item 3.4.1.9). Justificativa: A plataforma Brasil não permitiu que colocasse a data retroativa desde a primeira submissão desse projeto ao CEP, por esse motivo no item "submissão do projeto" no cronograma só foi permitido pela a plataforma a sinalização da data de início a partir da presente data (15/09/2021), não foi permitido colocar a data da primeira submissão ao CEP desse projeto que está em análise. Documento anexado para a pendência: Anexado no projeto detalhado página 46; Arquivo anexado – Cronograma e a correção do cronograma na Plataforma Brasil."

Análise: Pendência foi atendida.

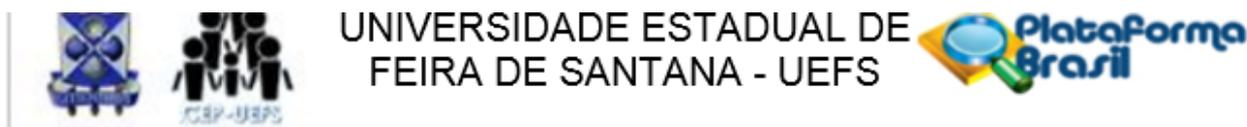
2. Item de pendência: TCLE - TCLE responsáveis e TALE

PENDÊNCIA:

1. Explicitar garantia de ressarcimento (Ver Res. 466/12 item IV.3 letra g);

2. Explicitar garantia do direito de buscar indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa (Ver Res. 466/12 item IV. 3 letra h);

Nova pendência: Informar o título da pesquisa, como apresentado no arquivo "TCLE_Leidiane_Evangelista_Alves_Carneiro.pdf" anexado em 25/01/2021, uma vez que



Continuação do Parecer: 5.032.902

originalmente constava, de forma correta a informação no TCLE

"Justificativa: A pesquisa tem como objetivo estudar o uso e apropriação de três praças em Feira de Santana, localizadas em espaços diferentes, com dinâmicas socioespaciais distintas. Para atender a proposta da pesquisa as entrevistas serão realizadas com os moradores que residem em entorno das três praças, pois eles conhecem a dinâmica do espaço o que proporciona uma contribuição satisfatória no estudo. No entanto, os moradores não terão nenhuma DISPENSAS com o deslocamento, alimentação, custos, prejuízos, pois as entrevistas serão realizadas no próprio bairro onde os moradores residem, próximo as praças estudadas, em virtude disso, o ressarcimento e indenização torna-se dispensáveis para a participação desta pesquisa. De acordo com a nova pendência foi acrescentado o nome do título da pesquisa no TCLE - TCLE responsáveis e TALE.

Documento anexado para a pendência: Anexado no TCLE - TCLE responsáveis e TALE."

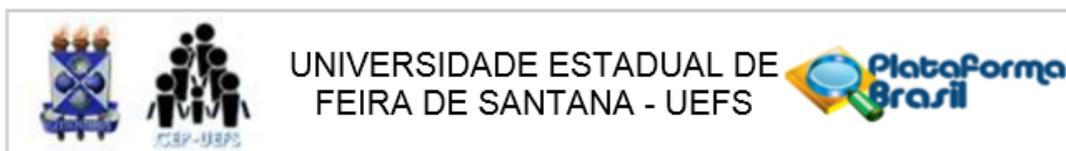
Análise: Pendências atendidas.

"NOVA PENDÊNCIA: Anexar carta de anuência da unidade de saúde do SUS para onde o participante será encaminhado em caso de necessidade, uma vez que foi citado que o participante de pesquisa será levado ao SUS em caso de necessidade.

Justificativa: Declaro, a fim de justificar a ausência da Carta de anuência solicitada pelo Comitê. A justificativa da ausência da carta consiste que o SUS (Sistema Único de Saúde) é um sistema de saúde pública oferecido para todos, na qual o acesso é gratuito, não sendo necessário uma declaração que autorize o atendimento.

Documento anexado para a pendência: Arquivo anexado - Declaração de justificativa.

ANÁLISE: Considerando que as Resoluções 466/16, 510/16 e 580/18 do CNS exigem o comprometimento do pesquisador com o atendimento ao participante da pesquisa em caso de agravos; considerando que as pesquisas NÃO devem onerar o SUS; considerando a justificativa apresentada e ainda considerando que a pesquisa apresentada indica benevolência e não maleficência aos participantes; considerando que é possível subentender que o/a pesquisador(a) responsável comprometer-se-á com o atendimento onde e quando for necessário, somos favoráveis a entender a pendência como atendida. O CEP/UEFS ratifica a exigência da Resolução 580/18: "Art. 5º Os procedimentos da pesquisa não deverão interferir na rotina dos serviços de assistência à saúde, a não ser quando a finalidade do estudo o justificar, e for expressamente autorizado pelo dirigente da instituição".



Continuação do Parecer: 6.032.902

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os documentos de apresentação obrigatória foram apresentados.

Recomendações:

Recomendamos atentar para o retorno do relatório final ao CEP.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

PROJETO APROVADO

Após o atendimento das pendências, o Projeto está aprovado para execução, pois atende aos princípios bioéticos para pesquisa envolvendo seres humanos, conforme norma operacional 001/2013 e a Resolução nº 466/12 e 510/2016 (CNS).

Considerações Finais a critério do CEP:

Tenho muita satisfação em informar-lhe que seu Projeto de Pesquisa satisfaz às exigências da Res. 466/12 e 510/2016 e da norma operacional 001/2013. Assim, seu projeto foi Aprovado, podendo ser iniciada a coleta de dados com os participantes da pesquisa conforme orienta o Cap. X.3, alínea a - Res. 466/12 e Cap II da Res 510/2016. Relembro que conforme institui a Res. 466/12 e 510/2016, Vossa Senhoria deverá enviar a este CEP relatórios anuais de atividades pertinentes ao referido projeto e um relatório final tão logo a pesquisa seja concluída. Em nome dos membros CEP/UEFS, desejo-lhe pleno sucesso no desenvolvimento dos trabalhos e, em tempo oportuno, um ano, este CEP aguardará o recebimento dos referidos relatórios.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMACOES_BASICAS_DO_PROJETO_1693835.pdf	15/09/2021 21:14:43		Aceito
Outros	Oficio_pendencia_3.pdf	15/09/2021 21:13:02	LEIDIANE EVANGELISTA ALVES CARNEIRO	Aceito
Outros	Oficio_3.pdf	15/09/2021 21:01:54	LEIDIANE EVANGELISTA ALVES CARNEIRO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Declaracao_de_Justificativa_3.pdf	15/09/2021 20:59:32	LEIDIANE EVANGELISTA ALVES CARNEIRO	Aceito
TCLE / Termos de	TCLE_Responsaveis_3.pdf	15/09/2021	LEIDIANE	Aceito

Endereço: Avenida Transnordestina, s/n - Novo Horizonte, UEFS
 Bairro: Módulo I, MA 17 CEP: 44.031-460
 UF: BA Município: FEIRA DE SANTANA
 Telefone: (75)3161-8124 E-mail: cep@uefs.br

Continuação do Parecer: 5.032.902

Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Responsaveis_3.pdf	20:57:10	EVANGELISTA ALVES CARNEIRO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Leidiane_Evangelista_Alves_Carneiro_3.pdf	15/09/2021 20:55:19	LEIDIANE EVANGELISTA ALVES CARNEIRO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE_3.pdf	15/09/2021 20:53:33	LEIDIANE EVANGELISTA ALVES CARNEIRO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_de_Leidiane_Evangelista_Alves_Carneiro_3.pdf	15/09/2021 20:52:36	LEIDIANE EVANGELISTA ALVES CARNEIRO	Aceito
Cronograma	Cronograma_de_Leidiane_Evangelista_Alves_Carneiro_3.pdf	15/09/2021 20:51:02	LEIDIANE EVANGELISTA ALVES CARNEIRO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_de_Leidiane_Evangelista_Alves_Carneiro_atualizado.pdf	16/06/2021 21:13:30	LEIDIANE EVANGELISTA ALVES CARNEIRO	Aceito
Outros	Oficio_das_pendencias.pdf	24/05/2021 13:42:02	LEIDIANE EVANGELISTA ALVES CARNEIRO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Atualizacao_Projeto_de_Leidiane_Evangelista_Alves_Carneiro.pdf	24/05/2021 13:37:42	LEIDIANE EVANGELISTA ALVES CARNEIRO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Atualizacao_TCLE_Leidiane_Evangelista_Alves_Carneiro.pdf	24/05/2021 13:36:47	LEIDIANE EVANGELISTA ALVES CARNEIRO	Aceito
Cronograma	Atualizacao_cronograma_de_Leidiane_Evangelista_Alves_Carneiro.pdf	24/05/2021 13:35:57	LEIDIANE EVANGELISTA ALVES CARNEIRO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE.pdf	24/05/2021 13:35:32	LEIDIANE EVANGELISTA ALVES CARNEIRO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Responsaveis.pdf	24/05/2021 13:33:56	LEIDIANE EVANGELISTA ALVES CARNEIRO	Aceito
Outros	Declaracao.pdf	22/03/2021 18:03:59	LEIDIANE EVANGELISTA ALVES CARNEIRO	Aceito
Outros	Oficio_de_retorno_das_pendencias_ao_CEP.pdf	22/03/2021 18:02:56	LEIDIANE EVANGELISTA ALVES CARNEIRO	Aceito



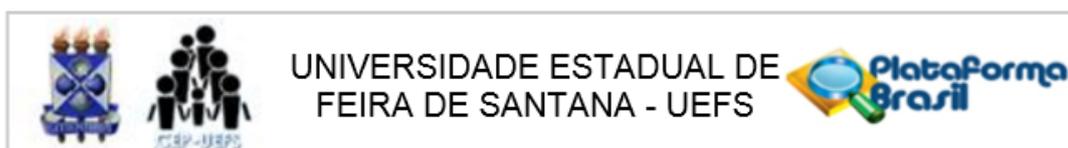
Continuação do Parecer: 5.032.902

Cronograma	Cronograma_de_Leidiane_Evangelista_Alves_Carneiro_reformulado.pdf	22/03/2021 17:54:17	LEIDIANE EVANGELISTA ALVES CARNEIRO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_de_Leidiane_Evangelista_Alves_Carneiro_reformulado.pdf	22/03/2021 17:53:43	LEIDIANE EVANGELISTA ALVES CARNEIRO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Leidiane_Evangelista_Alves_Carneiro_reformulado.pdf	22/03/2021 17:52:49	LEIDIANE EVANGELISTA ALVES CARNEIRO	Aceito
Outros	Modelo_de_autorizacao_para_captacao_de_voz_e_imagem.pdf	22/03/2021 17:51:50	LEIDIANE EVANGELISTA ALVES CARNEIRO	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Modelo_de_autorizacao_do_campo.pdf	22/03/2021 17:48:43	LEIDIANE EVANGELISTA ALVES CARNEIRO	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Modelo_de_autorizacao_do_campo_da_Prefeitura_Municipal_de_Feira_de_Santana.pdf	22/03/2021 17:45:56	LEIDIANE EVANGELISTA ALVES CARNEIRO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_de_Leidiane_Evangelista_Alves_Carneiro.pdf	25/01/2021 20:22:21	LEIDIANE EVANGELISTA ALVES CARNEIRO	Aceito
Declaração de Pesquisadores	_Declaracao_do_professor_colaborador_.pdf	25/01/2021 20:10:56	LEIDIANE EVANGELISTA ALVES CARNEIRO	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Oficio.pdf	25/01/2021 20:10:04	LEIDIANE EVANGELISTA ALVES CARNEIRO	Aceito
Outros	Instrumento_de_coleta_de_dados_Leidiane_Evangelista_Alves_Carneiro.pdf	25/01/2021 20:09:38	LEIDIANE EVANGELISTA ALVES CARNEIRO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Leidiane_Evangelista_Alves_Carneiro.pdf	25/01/2021 20:09:07	LEIDIANE EVANGELISTA ALVES CARNEIRO	Aceito
Orçamento	Orcamento_financeiro_Leidiane_Evangelista_Alves_Carneiro.pdf	25/01/2021 20:08:58	LEIDIANE EVANGELISTA ALVES CARNEIRO	Aceito
Cronograma	Cronograma_de_Leidiane_Evangelista_Alves_Carneiro.pdf	25/01/2021 20:08:37	LEIDIANE EVANGELISTA ALVES CARNEIRO	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_Rosto_Leidiane_Evangelista_Alves_Carneiro.pdf	25/01/2021 20:08:18	LEIDIANE EVANGELISTA ALVES CARNEIRO	Aceito

Situação do Parecer:

Endereço: Avenida Transnordestina, s/n - Novo Horizonte, UEFS
Bairro: Módulo I, MA 17 CEP: 44.031-460
UF: BA Município: FEIRA DE SANTANA
Telefone: (75)3161-8124 E-mail: cep@uefs.br

Página 07 de 08



Continuação do Parecer: 5.032.902

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

FEIRA DE SANTANA, 12 de Outubro de 2021

Assinado por:
JEAN MARCEL OLIVEIRA ARAUJO
(Coordenador(a))